

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

**A CAPOEIRA SOB A ÓTICA DE GÊNERO: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira.**

TARCÍSIO JOSÉ FERREIRA

Goiânia-GO  
2016

TARCÍSIO JOSÉ FERREIRA

**A CAPOEIRA SOB A ÓTICA DE GÊNERO: o papel das mulheres nos grupos de capoeira.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Stricto Sensu, em Serviço Social da PUC-Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Pereira Rocha

Goiânia-GO

2016

TARCÍSIO JOSÉ FERREIRA

**A CAPOEIRA SOB A ÓTICA DE GÊNERO: o papel das mulheres nos grupos de capoeira.**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

DISSERTAÇÃO do Programa de Pós-Graduação, *stricto sensu*, em serviço social defendida em 27 de março de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. MARIA JOSÉ PEREIRA ROCHA – Orientadora/PUC-Goiás

---

Dra. CARLA AGDA GONÇALVES – Titular/UFG

---

Dra. MARIA CONCEIÇÃO SARMENTO PADIAL MACHADO – Titular/PUC-Goiás

---

Dra. LÚCIA MARIA MORAES – Suplente

## DEDICATÓRIA

Dedico a minha família, especialmente a minha avó e meu avô que deu-me toda força e coragem para que eu continuasse nessa caminhada, a minha amada mãe que me ajudou a manter-me firme todo esse tempo nessa dura caminhada, todas as minhas tias e meus tios, que me incentivaram a nunca parar de estudar e por fim dedico a todos os meus amigos que me apoiaram, compreenderam e ajudaram-me quando precisei e aos mestres, em especial a minha orientadora Dr<sup>a</sup> Maria José Pereira Rocha que compartilharam todo o conhecimento.

## AGRADECIMENTO

A minha família que esteve junto comigo depositando toda a confiança no meu aprendizado nessa jornada, por ter compreendido a minha ausência e minhas viagens semanais em busca do conhecimento. Em especial agradecimento a minha mãe Zilda, aos meus avós Ana e José, os meus tios e tias que com muito companheirismo e carinho me deram a força necessária para o término desta dissertação.

À minha Professora Orientadora Doutora Maria José Pereira Rocha, que depositou sua confiança em mim e acreditou no desenvolver dessa temática, me guiando, ensinando, com ética e toda a sua sabedoria dividindo os seus conhecimentos comigo, meu muito obrigado.

Aos membros da banca, Dra. Maria Conceição Sarmento Padial Machado, Dra. Carla Agda Gonçalves e Dra Lúcia Maria Moraes que com muito carinho e atenção aceitaram de bom grado fazerem parte dessa banca examinadora e marcar positivamente a minha vida com seus ensinamentos, contribuições e sugestões não só nesta dissertação, mas também na minha vida.

Aos meus colegas de mestrado que nas discussões de cada aula, nas trocas de conhecimentos e materiais, no convívio pude aprender uma infinidade de conceitos, adquirir conhecimentos e sabedorias que levarei comigo para sempre.

Aos meus amigos, Cleverson Domingos e Philipe Alves que muitas vezes me acalantaram quando precisei. Aos colegas de trabalho, em especial Msc. Gerson Martins e Msc. Renata Silva que me ajudaram a nunca desistir sempre persistir.

Aos professores do mestrado que dividiram um pouco da sua sabedoria comigo, servindo de guias para o meu conhecimento.

A todos os capoeiristas em especial **a todas as capoeiristas**, mulheres guerreiras que lutam todos os dias para vencer os preconceitos, estigmas, numa busca incessante pelo seu espaço na capoeira e na sociedade.

À FAPEG, pela concessão da bolsa de estudos que me possibilitou essa pesquisa e aprofundamento do estudo, além de mostrar a face feminina da capoeira.

*“Dona Maria do Camboatá  
Ela chega na venda, ela manda botar  
Dona Maria do Camboatá  
Ela chega na venda e dá salto morta  
Dona Maria do Camboatá  
Ela chega na venda e começa a gingar  
Dona Maria do Camboatá”  
**(Pout-pourri)***

## RESUMO

O interesse em estudar a capoeira sob a ótica de gênero, em especial o papel das mulheres nos grupos de capoeira, nasceu de observâncias em rodas e grupos de capoeira em Brasília. No qual, enquanto observador participante percebia que as mulheres quase sempre tinham dupla jornada na capoeira, quando traziam seus filhos ainda pequenos, e tinham que jogar a capoeira. Essa dinâmica me fascinava pelo modo como estas mulheres articulavam-se para atender o objetivo da roda e acalantar os filhos menores ao mesmo tempo. Assim, como questão de pesquisa, pretende-se investigar: Qual o papel das mulheres nos grupos de capoeira? Sendo assim, foi delimitado como objetivo geral: identificar e analisar o papel das mulheres nos grupos de capoeira sob a ótica de gênero. Nesta perspectiva foram determinados como objetivos específicos: apresentar um breve histórico da mulher nos grupos de capoeira; analisar o corpo feminino na capoeira; traçar um perfil da mulher capoeirista e pesquisar o papel das mulheres nos grupos de capoeira. Como procedimentos metodológicos foram utilizados para a construção dessa dissertação, método bibliográfico, exploratório, redescritivo, análise qualitativa com a técnica de mensuração o questionário. Como metodologia, foi utilizado o método bibliográfico, exploratório, pesquisa de campo, qualitativa, redescritivo com análise histórica; foi utilizado a entrevista como técnica de coleta de dados, por meio de um questionário estruturado com 15 perguntas abertas. As mulheres capoeiristas são mais fortes do que se imaginam, são mais ágeis do que se pensam, assim, estas capoeiristas demonstram habilidades não só com os pés, mas com sua astúcia, buscando mecanismos de afirmação nos espaços fora, dentro e para além da capoeira, de maneira a (re)significar seus corpos por meio desta arte/luta e apropriar deste espaço como um espaço também pertencente ao feminino.

**Palavras-Chave:** capoeira, mulher, gênero, corpo, feminino.

## ABSTRACT

The interest in studying capoeira from the perspective of gender, particularly the role of women in capoeira groups, born observances in wheels and capoeira groups in Brasilia. In which, as a participant observer realized that women had often double shift in capoeira, when they brought their children still small, and had to play capoeira. This dynamic fascinated me the way these women articulated to meet the goal of the wheel and cherish the minor children at the same time. Thus, as a matter of research, we intend to investigate: What is the role of women in capoeira groups? Therefore, it was defined as a general objective: to analyze the role of women in capoeira groups from the perspective of gender. In this perspective we were determined as specific objectives: to present a brief history of women in capoeira groups; analyze the female body in capoeira; draw a profile of the capoeirist woman and research the role of women in capoeira groups. As methodology, we used the bibliographic method, exploratory, field research, qualitative, redescriptive with historical analysis; The interview was used as a data collection technique, through a questionnaire structured with 15 open questions. The capoeirists women are stronger than you think, are more agile than you think, so these capoeirists demonstrate skills not only with his feet, but his cunning, seeking affirmation mechanisms in spaces outside, within and beyond the roost in order to (re) define their bodies through this art/fighting and ownership of this space as a well belonging to the female space.

**Keywords:** capoeira, woman, gender, body, female



## LISTA DE TABELA

<b>Tabela 1:</b> Qual a sua idade?.....	73
<b>Tabela 2:</b> Qual a sua escolaridade?.....	74
<b>Tabela 3:</b> Onde mora?.....	75
<b>Tabela 4:</b> Há quanto tempo é praticante da capoeira?.....	76
<b>Tabela 5:</b> Como você vê a roda de mulheres?.....	79
<b>Tabela 6:</b> Há algo que você gostaria de relatar que eu não te perguntei?.....	87

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1: O Batizado.....</b>	<b>14</b>
1.1 Capoeira, cultura e identidade.....	16
1.2 Legado Africano: candomblé, carnaval e capoeira.....	20
1.3 As diásporas da capoeira no Brasil.....	25
1.4 O corpo na capoeira.....	29
1.5 O corpo feminino na capoeira brasileira – preconceitos e estigmas.....	35
1.6 Capoeira sob a ótica de gênero: o papel das mulheres nos grupos de capoeira.....	38
<b>Capítulo 2: A Roda.....</b>	<b>44</b>
2.1 Mulheres na roda: as faces ocultas das mulheres capoeiristas no Brasil.....	46
2.2 A resiliência das mulheres capoeiristas no transcurso da história.....	51
2.3 A mulher capoeirista na contemporaneidade.....	57
2.4 Arte e cultura: a re-significação dos corpos femininos na capoeira e na mídia.....	63
2.5 A roda de mulheres: espaços de lutas e conquistas femininas na capoeira.....	70
<b>Capítulo 3: A Bateria.....</b>	<b>75</b>
3.1 Metodologia da pesquisa.....	77
3.2 Dificuldades no processo de escrita e análise.....	79
3.3 Amostra e universo da pesquisa.....	81
3.4 Cenário da pesquisa.....	81
3.5 Análise dos dados.....	82
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>101</b>
<b>Referências.....</b>	<b>105</b>
Apêndice A: Roteiro da entrevista.....	114
Apêndice B: Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento – TCLE.....	115
Apêndice C: Respostas das entrevistadas em blocos.....	118
Anexo A: Parecer Consubstanciado do CEP.....	133

## INTRODUÇÃO

O interesse em estudar a capoeira sob a ótica de gênero, em especial o papel das mulheres nos grupos de capoeira, nasceu de observâncias em rodas e grupos de capoeira em Brasília. No qual, enquanto observador participante percebia que as mulheres quase sempre tinham dupla jornada na capoeira, quando traziam seus filhos ainda pequenos, e tinham que jogar a capoeira. Essa dinâmica me fascinava pelo modo como estas mulheres articulavam-se para atender o objetivo da roda e, ao mesmo tempo, acalantar os filhos menores.

Assim, foi percebido que as questões de gênero também influenciavam na participação de mulheres nos grupos de capoeira bem como a função/papel delas nesses grupos era o que mais chamava a minha atenção. Vale destacar que a quantidade de mulheres é bem inferiores a de homens praticantes deste esporte, o que reflete também na quantidade de mulheres que chegam as patentes altas da capoeira.

Foi percebido que as questões de gênero desde o processo inicial da capoeira deixaram às mulheres as margens de tal esporte que, outrora, também fora marginalizado. Os corpos femininos como parte integrante ganham outras proporções diversificadas dentro deste esporte, no qual as mulheres buscam o protagonismo e paralelamente também são objetificadas por parte do corpo masculino.

Nesse contexto, considera-se fundamental inspecionar, fatos históricos que realçam acontecimentos relacionados às capoeiristas no Brasil. É de relevância ver o papel da mulher sob a ótica de gênero, uma vez que, historicamente as mulheres ficaram as margens da sociedade e, nos esportes de contato físico, as mesmas foram proibidas de praticá-los. Assim, como questão de pesquisa, pretende-se investigar: *Qual o papel das mulheres nos grupos de capoeira?*

Sendo assim, foi delimitado como objetivo geral: identificar e analisar o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira sob a ótica de gênero. Nesta perspectiva foram determinados como objetivos específicos: apresentar um breve histórico da mulher nos grupos de capoeira; analisar o corpo feminino na capoeira; traçar um perfil da mulher capoeirista e pesquisar o papel das mulheres nos grupos de capoeira.

Por conseguinte, como hipótese levantada acerca das mulheres no universo da capoeira destaca-se que as mulheres tendem a sofrer mais discriminação que os homens na capoeira, uma vez que estas, são tidas como corpos frágeis na capoeira e assim, implica numa sororidade no qual o cerne está centrado no processo discriminatório destas.

Também, acredita-se que há uma tentativa de minguar as possibilidades de ascensão feminina nos grupos de capoeira, pois tais implicações podem ser percebidas na bateria, no qual, o berimbau, instrumento de maior representatividade na capoeira, quase nunca fica a cargo do feminino, mas do masculino, assim como, a participação da mulher é muito mais tímida que a dos homens.

E por fim, o sentimento de pertencimento ao grupo de capoeira pelas mulheres pode levar mais tempo que os homens, em detrimentos de fatores internos e externos, como a família, a maternidade, relacionamentos, trabalhos e outros que implicam diretamente e indiretamente no convívio com os seus pares e os ímpares.

Sendo assim, a prática da capoeira pode assentir em uma inclusão total do indivíduo num grupo social e expandir como consequência à sociedade, pois os grupos de capoeira abarcam uma quantidade de indivíduos de diferentes esferas sociais e isso facilita a entrada desse novo indivíduo num grupo maior e sua permanência. Vale ressaltar que a capoeira não se abstém de nenhuma classe social o que, também é um fator decisivo no processo de acolhimento.

A Capoeira é uma arte, uma dança, uma filosofia, em que o capoeirista expressa suas vontades, anseios e por menor que seja, no cotidiano são muitas vezes reprimido e que nessa prática, o da capoeira, dentro da roda, ou simplesmente olhando-a, este, consegue se desvincular do mundo e adentrar em uma outra dimensão como forma de fuga para sanar todo o stress do dia a dia.

Vale ressaltar que essa prática, chamada capoeira, que outrora fora alvo de perseguições e caçadas, hoje, símbolo patriótico brasileiro e motivo de orgulho a nação e principalmente aos seus praticantes. Contudo, ainda, há certa resistência por parte de uma parcela relevante da população, por essa prática ser originalmente brasileira, escrava e negra. Essa mesma população que renega o seu passado e a formação do seu povo, o povo brasileiro.

Segundo os autores Oliveira e Leal (2009, p. 150), relatam que “é no norte do Brasil que as evidências mais antigas sobre a participação da mulher na arte-luta são mais conhecidas até o momento”.

No período Republicano do Brasil, poucos nomes do gênero femininos apareceram como praticantes da capoeiragem, o que de acordo com Moura (2009), relatos de mulheres que poderiam ser praticantes da capoeira. Mas, alguns nomes podem ser citados como mulheres capoeiras do período republicano além da citada Salomé, como Jerônima, em Belém do Pará, ganhando destaque como “Que mulher capoeira!” nas páginas do jornal local; Adelaide Presepeira, uma desordeira; Anna Angélica, a endiabrada, valentona; Maria Isabel e Zeferina de tal, ambas conhecidas por empunhar a navalha; dentre outras como Almerinda, Menininha, Chica, que compunham uma malta, Antônia de tal, apelidada Cattú.

Hoje, há muitas histórias documentadas e reproduzidas em forma de textos, cartilhas, folhetos e livros. Inclusive, a capoeira, entra para o rol de Patrimônio Cultural Brasileiro, título dado pelo IPHAN em 2008. Esse título abriu portas para que a capoeira expandisse, ao passo, que abrissem os olhos para a criação de políticas públicas que contemplem a capoeira em sua estrutura por uma arte genuinamente **Brasileira** [grifo nosso].

As mulheres não estavam isentas da prática da capoeira ou das páginas policiais, talvez apenas camufladas ou maquiadas como desordeiras e outros adjetivos. “A convivência com os capoeiras poderia representar para elas a própria aprendizagem das habilidades com o corpo e das utilizações de instrumentos de capoeiragem. Era desse modo que se formava a mulher capoeira, especialmente no uso que fazia do próprio corpo” (SILVA; HEINE, 2008, p. 53).

Dessa maneira, esta dissertação está dividida em três capítulos, no qual, o primeiro apresenta acerca do batizado na capoeira, este, abrange elementos de formação da capoeira, como a identidade, o candomblé, o carnaval, as diásporas da capoeira no Brasil, não obstante, também está presente o corpo feminino na capoeira e a capoeira sob a ótica de gênero.

No segundo capítulo, cognominado de a roda, apresentam elementos como: a resiliência das mulheres capoeiristas no transcurso da história; mulheres na roda: As faces ocultas das mulheres capoeiristas no Brasil; a mulher capoeirista na contemporaneidade; arte e cultura: a re-significação dos corpos femininos na capoeira e na mídia; e a roda de mulheres: espaços de lutas e conquistas femininas na capoeira. Tendo como foco central a mulher capoeirista.

O terceiro e último capítulo, abrange a pesquisa, no qual está presente a metodologia da pesquisa; as dificuldades encontradas no processo de pesquisa e

análise; a população e universo da pesquisa, bem como o cenário da pesquisa e a análise e tratamento dos dados coletados em campo, de maneira sucinta e clara, apresentando aspectos relevantes no tocante à mulher capoeirista.

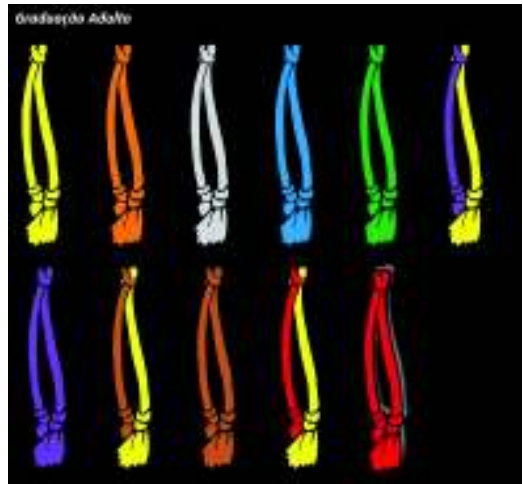
A metodologia aqui utilizada foi uma análise bibliográfica, exploratória, de campo com inspiração etnográfica, uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa. A técnica de mensuração utilizada foi à entrevista com um questionário pré estabelecido, com o intuito de não fugir do foco da pesquisa. A análise foi utilizada o método redescritivo.

As considerações desse trabalho retoma ao problema, e tenta responder de forma satisfatória o que fora inicialmente proposto. Foram alcançados os objetivos deste trabalho, assim como as hipóteses propostas foram comprovadas.

As mulheres capoeiristas são mais fortes do que se imaginam, são mais ágeis do que se pensam, assim, estas capoeiristas demonstram habilidades não só com os pés, mas com sua astúcia, buscando mecanismos de afirmação nos espaços fora, dentro e para além da capoeira, de maneira a (re)significar seus corpos por meio desta arte/luta e apropriar deste espaço como um espaço também pertencente ao feminino.

# O BATIZADO

C  
A  
P  
Í  
T  
U  
L  
O  
1



O batizado na capoeira é um rito de iniciação e passagem do indivíduo que ganha a sua primeira corda (graduação) e seu apelido definitivo, este que levará por todo o tempo e posterior a prática da capoeiragem. Não obstante, esse capítulo será como um batizado, em que serão apresentados os termos e os conceitos importantes para o desenvolvimento dessa dissertação, com o intuito de melhor compreensão para o leitor.

No histórico do surgimento da capoeira no Brasil, ainda existe lacunas quase que intransponíveis no que concerne a essa temática, uma vez que, muitos documentos se perderam no processo do pós escravatura, e na queima dos documentos do período escravocrata no Brasil pelo ex-ministro da Fazenda Rui Barbosa e outros que se perderam pelos caminhos da história.

Uma parcela dos adeptos da capoeira defendem que a capoeira nasceu no Brasil e foi desenvolvida no território brasileiro, contudo, há vertentes que indicam que essa prática é nada mais que, a junção de diferentes tipos de lutas e danças para camuflagem da prática da capoeiragem<sup>1</sup>.

Assim, ao que diz respeito aos seus praticantes, historicamente vê-se mais homens e escritas sobre homens capoeiristas que mulheres capoeiristas. As praticantes dessa arte/luta, quase sempre são deixadas às margens da história e suas histórias e percursos quase nunca são ouvidos. Quando relatados sobre essas mulheres, os autores quase sempre trazem traços da prática da capoeiragem sem nenhuma afirmação contundente e quando confirmado seus feitos, trazem junto uma massificação de preconceitos e estereótipos que minimizam a mulher capoeirista e maximizam os termos pejorativos e a “coisificação” da mulher.

Nesse primeiro capítulo será apresentado os conceitos de cultura, identidade, preconceito, estigma, gênero além de outros extremamente relevantes, assim como um amplo debate sobre o corpo, principalmente, o corpo feminino. As discussões aqui apresentadas, discorrerá, também, sobre as diásporas da capoeira, além de apresentar uma reflexão sobre religiosidade e a formação da capoeira, num sincretismo de candomblé e capoeira trazendo os traços das raízes africanas e os resquícios da cultura afro-brasileira em paridade com a capoeira.

---

<sup>1</sup> Como afirmam Silva (2008); D’Amorim; Atil (2007); Areias (1998); Capoeira (2010).



## 1.1 Capoeira, Cultura e Identidade

Definir a capoeira é uma tarefa muito árdua, pois esta se enquadra em diversas categorias, o que torna difícil descrevê-la. Porém, a capoeira também traz vantagens, pois, por pertencer a diversas categorias – arte, luta, dança, entre outras – amplia a sua aceitação e faz com que abarque um número maior de praticantes dessa arte/luta, e assim, a sua aceitação.

Mesmo sendo multifacetada a capoeira traz traços bem definidos da sua prática e da lógica de jogo, o que a difere e faz refletir sobre o que de fato é a capoeira e quem são seus atores nesse processo. Assim, a capoeira apresenta uma formação de identidade e cultura que levou anos nesse processo, trazendo em seu escopo nuances e uma diversidade inconfundível, assim como um camaleão que muda de cores de acordo com a necessidade, a capoeira se molda e remolda para atender as necessidades dos seus praticantes.

A cultura pode receber diferentes denominações assim como diferentes significados, dependendo do *lôcus* ao qual se encontra a sociedade, grupos sociais, indivíduo ou qualquer forma, esta também desenvolverá papéis diferenciados e provocará sentimentos diversos. Segundo Laraia (2001) há vários determinismos para a cultura, cada indivíduo se posicionará perante fatores que serão determinantes para a produção/reprodução do *ethos* da cultura, podendo ser biológica, geográfica etc.

Como cultura, Geertz (2008, p.9), define o que “consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas”. Trazendo tal conceito ao mundo da capoeira, para Vieira e Assunção (1998 *apud* CONDE, 2007, p. 26),

Diversos mitos e controvérsias são oriundos das versões sobre a história da capoeira que circulam no interior de sua comunidade. Dentro desse processo os autores classificam diferentes níveis de mitificações. Um deles é o mito construído sem nenhuma referência a uma história documentada, nem proveniente dos ensinamentos dos antigos mestres. Esses mitos geralmente são utilizados para legitimar certas posições ideológicas, porém muito difíceis de traçar sua origem.

Hobsbawm (2014), afirma que o grande significado dessas mudanças foi que, implícita ou explicitamente, rejeitavam a ordenação histórica e há muito estabelecida das relações humanas em sociedade, que as convenções e proibições sociais expressavam, sancionavam e simbolizavam.

Quando estabelecido um significado socialmente, mesmo que não haja nenhum documento comprobatório, porém, perpetuado por ensinamentos passado de geração em geração como o caso do surgimento da capoeira ou do nome capoeira, a mesma ganha proporções históricas e acaba por legitimar estes atos ideológicos.

Todas as tradições culturais são afluentes de outras culturas, os povos estão constantemente estabelecendo conexões uns com os outros, num processo complexo e dinâmico de troca de experiências históricas. Consequentemente, não há culturas puras ou totalmente isoladas, pois nenhuma delas é inerte e autônoma (BORGES, MEDEIROS, D'ADESKY, 2002).

Geertz (2008) também menciona que entre as interpretações variadas, a antropologia vai traçando um caminho para o conceito mais viável sobre o homem, no qual a cultura e a variabilidade cultural possam ser mais levadas em conta do que concebidas como capricho ou preconceito e, no entanto, ao mesmo tempo, um conceito no qual o princípio dominante na área, "a unidade básica da humanidade", não seja transformado numa expressão vazia. Assumir esse passo gigantesco longe da perspectiva uniforme da natureza humana, no que concerne ao estudo do homem, é abandonar o Paraíso. Alimentar a ideia de que a diversidade de costumes no tempo e no espaço não é simplesmente uma questão de indumentária ou aparência, de cenários e máscaras de comediantes, é também alimentar a ideia de que a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão. Segundo Hobsbawm (2014, p.320), "essa hegemonia cultural não era nova, mas seu *modus operandi*, mudara".

Para Laraia (2001, p.16),

"anjo caído" [grifos do autor] foi diferenciado dos demais animais por ter a seu dispor duas notáveis propriedades: a possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. Mas, estas duas propriedades permitem uma afirmação mais ampla: o homem é o único ser possuidor de cultura. Em suma, a nossa espécie tinha conseguido, no decorrer de sua evolução, estabelecer uma distinção de gênero e não apenas de grau em relação aos demais seres vivos. Os fundadores de nossa ciência, através dessa explicação, tinham repetido a temática quase universal dos mitos de origem, pois a maioria destes preocupa-se muito mais em explicar a separação da cultura da natureza do que com as especulações de ordem cosmogônica.

Assim, o autor acrescenta que pode-se dizer que "a cultura desenvolveu-se, pois, simultaneamente como próprio equipamento biológico e é, por isso mesmo,

compreendida como uma das características da espécie, ao lado do bipedismo e de um adequado volume cerebral”.

Hobsbawm (2014, p. 314), descreve como “a melhor abordagem dessa revolução cultural é portanto através da família e da casa, isto é, através da estrutura de relações entre os sexos e as gerações”. Mesmo que a r-evolução cultural esteja pautada na questão biológica, também há questões tão importantes como a geracionista que intervém diretamente na cultura e seu desenrolar.

A cultura mesmo que desenvolvido a tal ponto, ainda não se tem uma definição objetiva, fechada com relação à mesma, uma vez que, esta se difere nas relações individuais, grupais, intergrupais, social, e assim sucessivamente. A capoeira, não obstante, está inserida na cultura, contudo, também não há uma definição objetiva e depende do conceito mais abrangente de cultura para poder se estruturar enquanto uma expressão cultural.

Segundo Areias (1998), Mata (2001), Torres e Santos [199-], a capoeira é um jogo, arte, luta, brincadeira, dança e várias denominações que não caberiam descrever ao certo o que é a capoeira ou, chegar a um denominador comum.

Nem a epistemologia da palavra capoeira é bem definida, uma vez que, para Torres e Santos [199-], há três diferentes variações epistemológicas da palavra para designar a definição da palavra capoeira, quais sejam: 1) referente à língua Tupi, onde há vários significados e variações linguísticas da palavra, contudo a variação linguística mais aceita foi “mato que foi”, 2) referente à ave (*Odontophores Capueira-spix*), também conhecida como Uru, a relação com a ave se dá devido aos “machos”<sup>2</sup> serem muito ciumentos e lutarem constantemente entre si para demarcarem o território, 3) ou derivado do termo *Capoeyra* que significa “cesto para guardar capões<sup>3</sup>”, ou seja, os negros que eram responsáveis para levar galinhas ao mercado o aguardava abrir praticando o jogo da capoeira.

Mesmo que não haja uma definição concreta e estática para delinear objetivamente o que é a capoeira, subjetivamente tem-se diferentes definições que foram construídas historicamente e culturalmente para chegar a atual definição da mesma.

Essas importantes definições abrem um leque de oportunidade tanto para a capoeira quanto para os seus praticantes, mas, mesmo assim, ainda há

---

<sup>2</sup> Grifo do pesquisador.

<sup>3</sup> Gaiolas para guardar e transportar aves.

preconceitos, estigmas e restrições com relação à prática da capoeiragem por diversos segmentos que, culturalmente foram construídos ao redor da capoeira, muitos pelo simples fato de desconhecimento.

Os traços que a capoeira traz em seu escopo deu origem a sua identidade e a diversas interpretações dessa identidade, culminado assim em uma variedade de identidades capoeirísticas. A primeira identidade segundo Conde (2007), foi de instrumento de destreza dos negros escravos para fugirem das senzalas e ganharem a sua liberdade, no período do Brasil Colônia e Brasil Império. Neste período, trouxe à tona a figura de Zumbi dos Palmares que lutou contra a opressão, na ânsia de liberdade e se tornou um ícone na resistência ao regime escravagista, quer nos quilombos, quer nas senzalas.

Já na primeira república brasileira a capoeira ganha novas características e uma nova roupagem, não haviam mais escravos, por conta da abolição assinada pela Princesa Isabel, em 1888, a Lei Áurea. De acordo com Moura (2009), a capoeira, no pós-escravatura, passa a se organizar em maltas<sup>4</sup> e desempenha um papel importante tanto na política brasileira quanto para as guerras que aqui ocorreriam.

Seguindo o pensamento do autor, é sabido, que no sistema eleitoral a participação dos capoeiristas foram de extrema importância para decisões entre os anos de 1890 a 1930, quando os fazendeiros não conseguiam os votos, estes ficavam a cabo dos capoeiristas ou das maltas. Assim, como na Guerra do Paraguai, sucedida no Rio Grande do Sul que só fora vencida com a chegada dos capoeiristas, que com destreza e agilidade conseguiram vencer os invasores daquela região.

Ainda no período do Brasil república, a capoeira expressa uma nova identidade, uma terceira identificação, esta que por muito tempo ficou marcada na história dos capoeiristas, a criminalização da capoeira. De acordo com Oliveira e Leal (2009); Conde (2009); Moura (2009); Pires (2010), em 1890, a capoeira passaria a ser crime previsto no Código Penal Brasileiro de 1890, onde teria uma seção “dos vadios capoeiras” e três artigos, o 402, 403 e o 404, que criminalizava a

---

<sup>4</sup> Grupos formados por capoeiristas em grande parte para fins delituosos e de malandragens. Eram formados basicamente por sua maioria mestiços e capoeiristas mais novos não excluindo os mais velhos e por escravos libertos. Ver FERREIRA, Tarcísio José. *O uso da capoeira como instrumento psicossocial de inclusão*. Revista Projeção e Sociedade. Vol 3, Nº 2, 32-45: Brasília-DF, 2012.

prática da capoeiragem. Não obstante, houve também nesse mesmo período a caça aos capoeiristas pelo alçoz e temido, Sampaio Ferraz.

Para Hobsbawm (2014, p. 319), “Como no esporte, atividade em que a juventude é suprema, e que agora definia as ambições de mais seres humanos do que qualquer outra, a vida claramente ia ladeira a baixo depois dos trinta”.

Segundo Oliveira e Leal (2009, p. 48), somente em 1930, a capoeira, “passaria de crime previsto no Código Penal para uma luta considerada genuinamente brasileira” por meio dos significados atribuídos à capoeira, por meio de diferentes discursos ao longo da história. Com isso, chega-se em mais uma etapa da formação da identidade da capoeira, as duas vertentes que deram o formato da capoeira que se tem hoje, a capoeira angola e a capoeira regional tendo como seus instituidores, Mestre Pastinha<sup>5</sup> e Mestre Bimba<sup>6</sup>, respectivamente<sup>7</sup>.

A cultura da prática da capoeira, por muitos, foi estigmatizada na qual se falavam que só quem praticavam eram os negros, os pobres, os escravos ou seus descendentes, o que não é verdade, no curso histórico houveram condes, escritores, barões e outras figuras públicas e do alto poder do Brasil que eram adeptos a prática da capoeiragem (MOURA, 2009).

Todavia, a capoeira do passado e a do presente tem traços identitários e culturais bem marcantes do seu processo de formação e expansão no Brasil, traços esses advindos dos negros escravizados, trazidos de diversas partes da África, juntamente com suas culturas e identidades que, aqui miscigenados, e num sincretismo velado, conseguiram permanecer com suas crenças e algumas expressões culturais, estas que desenvolveremos melhor a seguir.

## **1.2 Legado Africano: candomblé, carnaval e capoeira**

A capoeira está intrinsecamente ligada a fatores culturais que foram miscigenados ao logo do processo de formação da mesma, uma vez que a capoeira

---

<sup>5</sup> Vicente Ferreira Pastinha nasceu em 1889. No ano de 1941, fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, situado no Largo do Pelourinho. Pastinha trabalhou bastante em prol da Capoeira, representando o Brasil e a Arte Negra em vários países. Em Abril de 1981, participou da última roda de Capoeira de sua vida. Numa sexta-feira, 13 de novembro de 1981, Mestre Pastinha se despede desta vida aos 92 anos, cego e parálítico, vítima de uma parada cardíaca fatal (CARNEIRO; 2012).

<sup>6</sup> Manoel dos Reis Machado (1900-1974), capoeirista baiano conhecido por mestre Bimba, foi responsável pela criação do Centro de Cultura Física e Regional da Bahia, onde ensinava a capoeira. Protagonista de uma das mais importantes transformações sofridas pela prática da capoeira nas décadas de 1930 e 1940. Representa nos dias de hoje um dos mais significativos símbolos da cultura afro-brasileira (OLIVEIRA; LEAL. 2009, p. 22).

<sup>7</sup> Ver FERREIRA, Tarcísio José. *O Uso da Capoeira como Instrumento Social de Inclusão*. Monografia de graduação em Serviço Social. Brasília-DF | Londrina-PR: 2012.

utilizou de artifícios como o sincretismo para a sua sobrevivência e permanência ao longo da história.

Trazer aspectos como a africanidade, a religião e o sincretismo religioso, além de um dos maiores feitos da cultura brasileira, senão o maior, que é o carnaval, para dentro da capoeira são aspectos importantes para traçar o andar e a influência que a capoeira sofreu e produz nas expressões culturais.

A influência da cultura africana na capoeira é eminente, de acordo com Barros (2009); Soares (2004); Silva (2001), a quantidade de negros escravos trazidos para o Brasil beirava a mais de 4 milhões entre os séculos XVI e XIX, além da quantidade exorbitante de escravos, em condições sub-humanas, precárias e degradantes nos navios negreiros, também, chama a atenção a quantidade de nações ou grupos étnicos presentes nesses navios.

Mattos (2008), chama a atenção para os períodos de viagens desses escravos, que poderiam variar entre 35 dias a três meses de viagens, nos porões dos navios, no qual muitos chegam doentes com sarnas, feridas e varíola, o que ocasionava na maioria das vezes na morte desse indivíduo.

Destaca-se que, a diversidade étnica foi um fator que preponderou para qual área de atuação o escravo trazido deveria ser designado. Pondera Calmon (2002), que foram trazidos, sudaneses, jejes, quissamas, gabões, moçabiquenhos, angolanos, nagôs, de Ketu, Beguela, Luanda, Guiné, Zaire, Congo, dentre muitas outras regiões e tribos, e foram espalhados principalmente pela Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Paraíba.

As influências dessa miscigenação étnica estão presentes até hoje na prática da capoeiragem, que como relata Mattos (2008), entre os povos do Congo existiam uma dança de guerra semelhante a capoeira, assim como no Caribe e em Cuba. Também pode ser visto o reflexo nas cores das fitas usadas pelos membros das maltas no período do Brasil República e nos cordões utilizados na contemporaneidade, nos quais em alguns rituais tradicionais dos povos do Rio Zaire algumas cores exerciam papéis fundamentais para os africanos; como o poder da chefia era identificada pela cor vermelha, assim como a fita vermelha nas maltas representavam superioridade e o cordão vermelho da atualidade a corda mais alta, a de mestre.

As raízes africanas também encontram-se presente no que Silva (2008), chama de mimese religiosa, ou no sincretismo religioso entre a capoeira e o

candomblé. O autor faz uma reflexão sobre as danças dos orixás e os movimentos da capoeira. Também podem ser observado nesse sincretismo entre capoeira e candomblé, as 'chamas de angola', no qual, nesse caso, passa a ser a representação de um santo/orixá quando desce até a roda para saldar o capoeirista.

De acordo com Parés (2007), o candomblé assim como outras denominações religiosas de matriz africana nasceu da fragmentação cultural das diversas correntes e etnias dos escravos que no Brasil chegaram, tomando-se por base as novas estruturas sociais complexas (infra-estrutura) que acomodassem as múltiplas culturas africanas (superestrutura). Contudo, essas novas denominações religiosas como o candomblé, os batuques e os calundus, não tinha autonomia para se auto afirmarem enquanto novo segmento religioso o que os obrigaram a recorrerem à irmandade católica no uso do sincretismo religioso, como num primeiro estágio de adaptação até se tornarem libertos com traços de uma coesão social e ascensão social.

No Brasil houve uma diferenciação dos terreiros de candomblé no qual cada um, recebeu um nome de acordo com o número de participantes advindos de regiões diferentes da África, como relata Mattos (2008), era uma diversidade de etnias, aqui o culto as suas crenças religiosas não fora diferente, como houve uma colonização massiva das nações jeje e queto as grandes denominações dos terreiros afro-brasileiros receberam tais referências. Também, mudaram-se as divindades na qual a nação jeje, até a atualidade, tem como divindade os voduns, e queto os orixás. Contudo, estas não foram as únicas nações, como houve também uma forte influência de angola, este deu origem à umbanda, muito próximo do candomblé porém, com suas particularidades.

Na tradição afro-brasileira das religiões de matriz africana, os devotos dos orixás ou voduns são conhecidos como pai e mãe-de-santo. Sabe-se que há uma hierarquia, na qual nesse processo hierárquico como a grande parte dos devotos eram/são as mulheres, a questão de gênero nas religiões de matriz africana afloram com maior afinco no que tange a dominação patriarcal. Como haviam mães-de-santo, por muito tempo há uma demonização das religiões não somente pelo fato do desconhecimento mais também por uma questão histórica de gênero.

Nessa simbiose sincrética dos santos católicos e os orixás candomblecistas, também surgem figuras de extrema importância para as religiões de matriz africana e as discussões de gênero, as ialorixás, como Julia Nazaré fundadora do Gantois,

Pulquéria e Mãe Mininha suas substitutas, Mãe Aninha do Opô Afonjá dentre tantas outras mulheres que da mesma forma abriram suas casas para o candomblé também para toda a cultura afro-brasileira não excluindo a capoeira (BARRETO, 2009).

Por mais próximo que a prática da capoeiragem esteja dos terreiros de candomblé, ainda sim, há interlocutores que afirmam que a capoeira é uma religião, assim sendo,

A capoeira é religião! O capoeirista que tem que encontrar dentro de si a sua forma espiritual de ser. Porque ele só vai fazer parte de um grupo na medida em que ele se encontra enquanto ser indivíduo e individual. Aí ele faz parte religiosamente de um grupo que trabalha a espiritualidade. Através do movimento, através do canto, do toque, dos ritmos, da defesa. Os dois capoeiristas entram numa defesa individual e dentro da sua proteção divina trabalha o sagrado do movimento capoeira. Estar sempre se defendendo dos ataques do outro. E isso também você vê na dança de candomblé, nesses grupos que trabalham a espiritualidade. (TATA, 2003 *apud* VELOSO,<sup>8</sup> 2007, p. 131).

Ou seja, as referências da capoeira em algum momento se cruzam como as do candomblé, trazendo à prática religiosa ancestral afro-brasileira para mais próximo possível de suas raízes capoeirísticas, não excluindo a individualidade de cada um e nem a prática dos movimentos da arte/luta como relata Araujo (1999, p. 23) *apud* Veloso (2007, p. 128)<sup>9</sup>,

O angoleiro não vê a Capoeira Angola como esporte (no sentido desportivo do termo), rejeitando competições e campeonatos. (...) Enquanto cultura africana aparece como elo ancestral aprofundando um campo de sacralidade que envolve mistério, silêncio, espera o que nos indica que permanecer na vivência é produzir de certa forma, uma desordem nas temporalidades de intercâmbio com o real, (...) Mais que jogar ou ser 'jogador de capoeira', o angoleiro se autodefine **capoeirista** tem orgulho de sê-lo, e manipula a diferença através de modelos positivos de pensar a África e os africanos, tornando igualmente positiva a reflexão sobre a diversidade, sobretudo no interior do grupo.

Na fala citada, as intersecções da religiosidade com a capoeira podem ser tanto no sentido *latu* ou *strictu* da palavra, pois a capoeira dá margens para que de alguma forma, além do indivíduo se ver pertencente a um grupo social, este transcenda e transgrida as barreiras que o limita trazendo a prática da capoeiragem para um sentido *strictu* tornando um modo, uma filosofia de vida.

---

<sup>8</sup> Relato da entrevistada da pesquisadora.

<sup>9</sup> Relato da entrevistada da pesquisadora.



Para Esteves (2011, p.124 *apud* COUTINHO, 2000), “Na medida em que o dominador traduz a religião do dominado, a explícita do seu jeito, ele se apodera dela, e arranca do dominado a força original de sua crença”. Assim, o autor faz uma crítica aos carnavalescos baianos que se aproveitam da onda de africanização da festa para fazer composições a partir de músicas sagradas, ou seja, ligadas direto à religião.

A alegria folclórica e religiosa do candomblé, os seus santos, e folguedos, são inspirações para as cantigas, músicas, duetos, duelos e modos de se ver/perceber/viver a capoeira. Assim como a criminalização da capoeira, a sua prática fora abolida e tudo que advém da mesma, uma forma de expressar a prática da capoeiragem foram por meio dos festejos, camuflada nas letras, nas danças e nos atos.

Como nos relata Silva (2009), a arte africana não é apenas religiosa mas é sobretudo, filosófica, como um tributo as origens culturais, societárias e territoriais, há uma evocação dos mitos como forma de perpetuação do passado e assim, relatam o tempo transcorrido, as ancestralidades e as especificidades.

Assim, Areias (1998, p. 65), vai dizer que “era tomando conta das ruas, empunhado o estandarte da emoção, venerando seja qual santo fosse, que o povo saía e fazia não só um ou dois dias de festa, mas três, quatro, uma semana”. A capoeira era parte integrante obrigatória das festas populares, como forma de manifestação espontânea do povo. O autor afirma que a burguesia sempre teve seus locais apropriados para suas festas e ao povo restavam-lhe somente as ruas, praças e terreiros.

Esteves (2011), acrescenta que em Recife, grupos de frevos rivais tinham sua linha de frente formado por habilidosos capoeiras<sup>10</sup>, o que para o autor, eles serviam para dar guarnição aos seus associados caso houvessem confronto, o que pode ter dado origem aos atuais cordeiros<sup>11</sup> do carnaval de Salvador. Assim como, de acordo com Pires (2010), a figura do mestre-sala teria se originado dos capoeiras que protegiam a bandeira dos blocos, para que outros blocos não tentassem tomá-la.

As expressões capoeirísticas sempre estiveram presentes nos festejos e modos de vida de seus praticantes, o que para Capoeira (2010), nos cantos encontram-se uma série de ensinamentos, um código de conduta, e a base de uma

---

<sup>10</sup> Ver nota de rodapé número 8 in Esteves, (2011, p. 120).

<sup>11</sup> Esteves, (2011), OP. Cit. p. 121.

filosofia de vida. “Essas expressões culturais, muitas vezes, envolveram os mesmos agentes culturais” (PIRES, 2010, p.115).

Os capoeiras e os sambistas, muitas vezes, ocupavam o mesmo espaço, e muitos indivíduos que eram sambistas também eram capoeiras; assim como, jogadores de futebol, carnavalescos e outras profissões marginais à época. Contudo, nem todos eram a favor dessa junção pois, o samba do centro urbano e clubes se diferenciam do samba dos morros, os sambistas dos centros urbanos não viam com bons olhos a aproximação entre os capoeiristas e os sambistas.

Dessa junção entre carnaval, África, candomblé e capoeira, dentro da prática da capoeiragem surge o samba de roda, que é o “toque festivo, utilizado para acompanhar a roda de samba eventualmente formada após a roda de capoeira”, (TORRES e SANTOS, [199-], p. 70). O samba de roda é uma expressão da capoeira com alusão aos antepassados que foram escravizados mais que nunca perderam a beleza e a alegria da vida, assim como uma forma de lembrar o papel dos capoeiristas na formação do samba, do carnaval e dos blocos de ruas, nos quais estes tiveram um papel fundamental para a concretização do ato público.

A capoeira, mesmo que tenha surgido ou desenvolvido no território brasileiro, ela não ficou reclusa há um único nicho, espalhou-se ganhou novos horizontes, novas roupagens, se desenvolveu e continua a desenvolver constantemente por várias partes do Brasil e do mundo. E esta, mesmo que tenha se desenvolvido e ganhado novos horizontes, sempre levará consigo os traços da cultura afro-brasileira e dos negros escravizados ao longo na nossa história.

### **1.3 As Diáspora da Capoeira no Brasil**

Depois do processo de colonização, criminalização, mimese e sincretismo até a liberação da prática da capoeira, houveram muitas baixas no contingente dos capoeiristas, e essa prática ficou marcada como uma prática típica dos guetos negros brasileiros, que por muito tempo, carregou o estigma da “vadiagem”.

Por motivos diversos, muitos capoeiristas dispersaram pelo Brasil, alguns foragidos, outros tentando ganhar a vida honestamente, ademais, essa dispersão deu outra roupagem para a capoeira nos dias de hoje.

A capoeira como uma prática diaspórica<sup>12</sup> logo ganhou adesão e espaço na sociedade, desmistificando parte da culpa que a carregava consigo. Segundo Andrade (2011), na diáspora africana pelas Américas, como uma tentativa de regatar e permanecer as suas raízes, várias vertentes culturais, religiosas e de combate foram trazidas e hibridizadas o que deu origem a esta arte/luta que se tem hoje chamada capoeira no Brasil.

Ademais, Moura (2009), traça um processo histórico e diaspórico da capoeira brasileira, na qual a prática não ficou fixada somente aos negros e aos guetos, mas a alta burguesia e a nomes clássicos da história do país, posto que também a exerciam e a viam como uma prática transgressora, como forma de rebeldia, praticavam a capoeiragem e assim conheciam um mundo novo; exemplo, o Barão do Rio Branco, o escritor maranhense Coelho Neto, Marechal Floriano Peixoto dentre outros nomes foram exímios capoeiristas.

Muitos têm a Bahia como o marco zero da prática da capoeiragem no Brasil, contudo, de acordo com Oliveira e Leal (2009), os escravos trazidos para o Brasil foram distribuídos principalmente entre Bahia, Rio de Janeiro e Pará onde, a capoeira, nesses três estados foi amplamente difundida e aperfeiçoada.

Outro fator importante para a diáspora da capoeira, como bem acrescenta Soares (2004), foi à guerrilha contra a invasão paraguaia, na qual esta só fora vencida após a chegada de comboio formado por praças e capoeiras, no qual, este último, após a batalha, alguns ficaram pelo Sul do Brasil.

Após perseguições, batalhas, fugas, brigas e esconderijos, a capoeira foi aos poucos ganhando espaço, pois perdera aquele toque de malandragem e ameaça à sociedade. Mesmo assim, ela ainda fora empurrada aos guetos das metrópoles e cidadelas ficando a cabo da sua prática os menos abastados, sendo uma subcultura ou cultura marginal.

Mesmo não sendo mais uma expressão da questão social, as marcas históricas das perseguições dos capoeiras perduraram anos, mais somente a partir

---

<sup>12</sup> Segundo Hall (2003), a diáspora pode ser entendida como uma disseminação que carrega consigo elementos de uma promessa de retorno. A diáspora calca-se no binarismo entre passado e presente no qual os processos históricos acabam por hibridizar uma cultura, sem que haja perda de seus elementos, no qual estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da heterogenização e transformação cultural. O autor firma-se, na idéia da construção do “outro”, no qual circula de volta à restauração de seu momento originário, cura toda ruptura, repara cada fenda através desse retorno, assim criando o que chamamos de tradição.

de 1930, Mestre Pastinha e Mestre Bimba, reinventam a capoeira, reordenando o seu lugar na ordem social, tirando-a do crime para o campo da educação física, antiga reivindicação de parte da primeira geração republicana. Essa mudança fora crucial para a (re)aceitação da capoeira novamente na sociedade<sup>13</sup>.

Essas mesmas capoeiras produzidas por Bimba e Pastinha, que se tornaram hegemônicas, chegaram às academias, fundaram tradições, se institucionalizaram e se legalizaram. Tanto Bimba como Pastinha idealizaram um capoeirista longe da criminalidade, e uma capoeira que atendesse aos anseios de ordem e progresso, tentando romper com o estigma de uma prática marginal em que a malandragem e a vadiação deveriam ser substituídas pela malícia e a ginga (CONDE, 2007, p. 63).

Somente, em 1972, o Ministério da Educação e Cultura – MEC reconhece oficialmente a capoeira como esporte; em 2008, a capoeira é registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – Como bem Cultural de Natureza imaterial, passando a ser Patrimônio da Cultura Brasileira; e, no dia 26 de novembro de 2014, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), confere o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade a Roda de Capoeira.

Esses processos foram o suficiente para criar e fixar uma identidade capoeirística, mostrando ao mundo que a capoeira é brasileira, não só por ter desenvolvido tal prática no território tupiniquim, mas por sua construção cultural, homogênea e tradicional.

Depreendemos que tudo isso se deu graças a Mestre Pastinha e Mestre Bimba, que lutaram e idealizaram uma capoeira diferente daquela praticada outrora por criminosos políticos e marginais, resgatando a capoeira de “raiz”, aquela que um dia fora praticado por escravos, na luta e busca pela liberdade em terras desconhecidas.

Contudo, a diáspora da capoeira não fecha seu círculo nas terras brasileiras, de acordo com Martins (2011), a capoeira tem uma relação transfronteiriça levando a outras culturas a produção simbólica que a capoeira traz, ressaltando os aspectos ideológicos e materiais da cultura e o papel social que ela possa ocupar, não esquecendo o papel multifacetado desta prática.

---

<sup>13</sup> Ver FERREIRA, Tarcísio José; PANFERRO, Ivani Rodrigues. *A Capoeira na escola: A Lei 10.639/2003 como política pública afirmativa*. Monografia de Graduação em Administração Pública. Águas Lindas de Goiás-GO, 2013.

A autora chama a atenção para a atuação desta prática em outros países, como Portugal, Angola, Espanha etc., no qual a formação identitária da capoeira se constrói por meio de uma reflexividade que tem um papel muito importante no processo de (re)construção, (re)significação e compõem as subjetividades dos atores sociais, o sujeito que reflete sobre seu eu social e se torna o protagonista social de sua própria história.

O processo diaspórico da capoeira não se fechou em seu nicho muito menos aqui se encerrou a sua evolução, pelo contrário, está apenas alçando novos vãos e trilhando novos caminhos, num movimento de expansão contínuo e assim arraigando outras identidades e culturas para uma nova (re)significação e resiliência desta prática o que a consolidará sem perder a sua identidade primária.

[...] as formas genuinamente novas de diversão urbana na grande cidade eram subprodutos da taberna ou loja de bebidas, que se converteu em uma crescente fonte de consolo secular para o trabalhador pobre em sua desorganização social, e a última trincheira urbana do costume e do cerimonial tradicional, preservada e intensificada por grêmios de artífices, sindicatos e as ritualísticas “sociedades de amigos”. [...] (HOBSBAWM, 2013, p. 425).

Dessa forma, percebe-se que a capoeira, assim como as modalidades esportivas de dança e luta, não estão consolidadas e rígidas, mesmo advindo das classes mais pobres, e apresentando a sua ascensão cultural. Esta (re)molda-se, nesse seu processo de (re)construção identitária, trazendo sempre aspectos distintos com o intuito de aperfeiçoamento, abrindo margens para novos saberes e acolhendo todos àqueles que se identificam com a prática.

A expansão da capoeira para outras culturas e outros países ocorreu principalmente após a sua renovação, um processo que perdurou por muito tempo. Esse processo de reconceituação da capoeira foi o marco inicial da sua expansão. Assim, uma quantidade significativa de capoeiristas se espalham por diferentes países para ganhar a vida como uma forma de entretenimento e diversão, porém apenas poucos conseguem a aceitação em academias como professores desta arte/luta.

No seu processo de internacionalização, a capoeira consolidou-se como manifestação transcultural do Atlântico Negro. Para tanto, a capoeira é uma arte que independente da classe social, etnia, credo, sexo, idade, ou necessidade especial é reconhecida como ferramenta educativa e tem potencializado seu caráter político e transformador, ao dar ao praticante um senso de auto-reflexão, canais de participação e de pertencimento histórico (ligação com o passado) e social (ligação com o presente). A capoeira é

capaz de viabilizar espaços de aprendizagem, conhecimento e de ampliação da cidadania (MARTINS, 2011, p. 14).

Contudo, Esteves (2011), chama a atenção a indústria do entretenimento da capoeira dentro e fora do Brasil, como uma capoeira miserável, que visa a autoimagem, irrompendo com os vínculos históricos, filosóficos e culturais, uma cultura do corpo, das acrobacias, o que o autor chama de capoeira para inglês ver.

O corpo é vital para a capoeira, pois torna-se o instrumento principal, juntamente com a bateria<sup>14</sup> que compõe as rodas de capoeira. Mesmo que no processo de reconceituação e dispersão tenham deixado de lado aparatos primordiais à prática da capoeiragem, o corpo equivale ao cérebro da capoeira.

Assim, não se pode excluir a relação da capoeira com o corpo, uma vez que este conduz aspectos relevantes dessa prática histórica e, marcas de uma cultura afrodescendente que traz em seu arcabouço lutas, desafios e incertezas que abordaremos a seguir.

#### **1.4 O Corpo na Capoeira**

Tratar a questão do corpo como algo simplório dentro do contexto da capoeira, é deixar passar elementos essenciais que necessitam para entender aspectos históricos, filosóficos e de gênero que fora camuflado ou deixados, talvez, numa consciência adormecida nos aspectos antropológicos da capoeira.

O corpo na capoeira é um elemento básico e complexo para ser entendido, todavia necessário para exemplificar expressões sociais que foram normatizadas e impostas por uma classe dominante e intelectualizada que detinha o poder. O processo de deslegitimação de alguns conceitos com relação aos corpos podem parecer brusco ou um atentado as instituições que de alguma forma tentam a dominação e o controle dos corpos, contudo necessário.

Nesse sentido Le Breton (2010 p. 26), enfatiza o corpo parece explicar-se a si mesmo, e que por isso torna-se enganoso. “O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna”. Dessa

---

<sup>14</sup> São os instrumentos das procedências mais diversas como o berimbau, atabaque, agogô, caxixi, pandeiro dentre outros, contudo, nas rodas de capoeira no dia a dia são muito comuns os instrumentos berimbau, caxixi, atabaques e pandeiros os instrumentos devem estar perfeitamente afinados para que produzam um som da melhor qualidade, em que a melodia, o ritmo estejam em harmonia e contribua para o axé da roda. Ver Silva e Heine (2008, p. 73).

forma, os corpos são domesticados a uma prática que nem sempre lhes cabem, mas para serem aceitos nas sociedades, brancas, heteronormativas e historicamente patriarcais, necessitam serem domados, e não corpos livres.

Os aspectos antropológicos dos corpos sempre vêm se moldando no transcorrer da história, sendo docilizados, domesticados e domados para a aceitação normativa da sociedade. Nesse sentido, os corpos negros foram os que mais sofreram e sofrem com tais práticas, na qual o estigma e o preconceito estão arraigados nas sociedades urbanas e disseminados com um vírus letal.

De acordo com Nóbrega (2007, p.88), as reflexões sobre os corpos nem sempre são fisiológicas ou anatômicas, “o corpo não é coisa, nem ideia, o corpo é gesto, sensibilidade e expressão criadora”. As expressões culturais e societárias são refletidas nos corpos em especial nos marginalizados.

O corpo é uma construção que se (re)faz na e pela cultura e, principalmente, por meio da educação com tal junção este o torna uma objetivação da cultura. De acordo com Goellner (2012), o corpo não é algo que temos, mas algo que somos, deve-se considerar que toda educação é uma educação do corpo e, por extensão, do gênero e da sexualidade; em que o corpo, gênero e sexualidade são produções sociais e históricas.

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobre tudo, que o corpo é histórico. Isto é, mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é portanto algo dado *a priori* nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoantes o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos sobre ele que produz e reproduz. (GOELLNER, 2012, p. 28).

Os corpos estão expostos de forma que, este, precisa se moldar e remoldar de forma a performatizar-se. A naturalização dos corpos é a chave para a negação das expressões das questões sociais desses corpos. Uma vez que estes trazem suas marcas historicamente construídas que auxiliam nos processos performáticos.

As performances ritualísticas dos corpos também trazem suas marcas mais profundas e históricas dos estigmas que foram socialmente construídos o que

presentifica e permeia os ambientes aos quais estes corpos estão inseridos. As construções sociais desses corpos não são meramente estilísticos, mas identitário.

Como se viu no transcurso da história, Kury, Hargreaves e Valença (2000), relatam que os estrangeiros que chegavam ao Brasil apontavam a nudez e a sensualidade dos escravos e escravas, como apontam as gravuras do século XIX. Ou seja, a hiperssexualização dos corpos negros e negras, o que não se levou em consideração as conjunturas econômicas, sociais e étnicas daquela população.

Diante disso, Silva e Heine (2008, p. 73), relatam que “na capoeira, os procedimentos ritualísticos são de grande importância para a sua dinâmica física e extrafísica”. O “Axé” como a expressão maior da energia em uma roda de capoeira, é a mais envolvente dos seus praticantes de corpo e alma. Assim, pode-se dizer que uma roda com axé é o mesmo que uma roda viva, com suas vibrações, qualidade no qual todos sentem-se absorvidos pelos acontecimentos.

Silva (2008 p. 21) afirma que a capoeira, assim como as danças populares, é uma “vivência em que o aprendizado ocorra pelo autoconhecimento do corpo, deflagrado de dentro para fora, inversamente ao que propõem as técnicas aplicadas por meio dos métodos de exposição-reprodução”.

O corpo na capoeira efetiva conceitos, regras, condutas éticas e princípios que sem o jogo corporal não existiam. O jogo da capoeira é uma ação performática do corpo ao qual está imerso não somente num ato cultural, mas também, numa ideologia, vivência, num universo que os/as capoeiristas adentram.

As performances corpóreas da capoeira também se estendem a vida social dos seus praticantes; desde o processo histórico da capoeira vê-se que os estereótipos dos praticantes têm sido fortemente trazido a tona no tocante as suas vestimentas, como eram reconhecidos nas maltas. Posteriormente, às escolas de capoeira, diferenciando os praticantes da capoeira regional e da capoeira angola e, hoje, na contemporaneidade, não só as escolas, mais os grupos de capoeira a qual o praticante pertença.

As questões performáticas não ficaram somente no campo das vestimentas, cores, ou adereços, mais também evoluíram para os corpos, os estereótipos de gênero, corpóreos, étnicos, religiosos e dentre outros, que levaram há algumas expressões da questão social, outras para o campo histórico e muitas para o rol do esquecimento.



Nessa vertente, Bento, (2011, p.17) afirma que “está em gestão uma nova ciência para uma nova sociedade, uma nova psique para um novo corpo, novos conceitos para novos limites e novas transgressões para novas normas”. Essas mudanças de paradigmas a cerca dos corpos, que historicamente foram se construindo, também afetou a capoeira no tocante aos corpos domados.

Nesse processo de domaçaõ dos corpos, a capoeira se insere pelo viés educativo, no qual o uso dos atributos capoeirísticos fecha-se num nicho que excluem os praticantes que não pertencem a uma escola/academia, num processo de segregação interna não da prática mais dos corpos. “Essas novas interpretações são justificadas porque trariam maior eficiência à capoeira e diversificação em sua utilização, como nos casos da capoeira-esporte, capoeira-dança, capoeira-expressiva, etc.” (SILVA, 2008, p.26).

As nuances da capoeira e dos corpos na capoeira, dão reflexos de práticas distintas e, assim sendo, corpos distintos. O corpo na prática da capoeira traz elementos qualificados e específicos necessários para a desenvoltura da prática e o desenvolvimento do corpo.

Nessa ótica, D’amorim e Atil (2007) chamam a atenção para as inteligências múltiplas de Gardner e a prática da capoeiragem, em que a inteligência cinestésica-corporal implica a utilização do corpo para resolver problemas ou fabricar produtos e,

A capoeira se realiza com o corpo e necessita dos movimentos do corpo para se expressar. É o corpo que se expressa musicalmente, é o corpo que necessita ter coordenação motora para encontrar os espaços corretos e adequados, é o corpo que fala oralmente da maneira mais correta, verbalizando conhecimentos e sentimentos. Mas é também o corpo que expressa em uma linguagem gestual que é musicalidade, que é espacialidade tradutora de sentimentos interiorizados. É o corpo que realiza interfaces que são fragmentos de musicalidade, fragmentos de espacialidade, fragmento de matemática, um entrando no e criando esse espaço que chamamos justamente de interface [...]. Na ginga, é o corpo que sente e expressa música, de maneira matemática, em uma espacialidade própria e em uma linguagem de gestos e expressões (D’AMORIM; ATIL, 2007, p.73).

A capoeira se expressa nos corpos de maneira plural seja pela ginga, pela musicalidade ou pelas expressões; a materialização da capoeira precisa-se necessariamente dos corpos, agora não mais corpos abjetos<sup>15</sup>, mais corpos que

---

<sup>15</sup> Segundo Buttler (2015), corpos abjetos do ponto de vista dominante, não são considerados humanos, não podem existir, contudo são fundamentais para a própria emergência dos ditos humanos. Assim, os corpos

delineia uma cultura, uma religião, uma ideologia, uma etnia e tantas outras funções que estão atreladas a capoeira e juntos agregam a esse corpo.

Dessa forma, “o corpo no movimento da capoeira, possui uma dinâmica própria de ludicidade” (OLIVEIRA e LEAL, 2009, 161), o que o remete ao campo da subjetividade performática, levando em conta as ações e as necessidades individuais.

Segundo Conde (2007, p.110) o corpo é um “*fato social total*”<sup>16</sup>. Esse fato social total se refere “as trocas cerimoniais-materiais e simbólicas que acionam diversos planos”, planos esses que atuam na subjetividade performática dos corpos como a religião, ideologias, crenças, estética, moral, etc. seria, o que o autor vai chamar de, “representação do funcionamento do sistema, representando o conjunto de relações que conecta os atores sociais no interior de uma sociedade”.

Assim, as representações dos corpos na capoeira indicam uma interrelação com os objetos internos e externos ao seu meio, arraigando elementos a esses corpos de forma a aprender, a traduzir, a expor, como um instrumento na formação identitária desses corpos.

A simbologia da capoeira também se materializa nos corpos dos seus praticantes, alguns mais acentuados que outros, contudo, essa simbologia traduzida em ações, no meio a qual o capoeirista se insere, permite a percepção individual e coletiva desse indivíduo, que auxilia no processo de construção de sua identidade, pessoal e social.

As linguagens do corpo estão arraigadas pela cultura, normas e hábitos de cada indivíduo dentro de um grupo social. Conde (2007, p.111) aponta que “a antropologia permite a percepção de um corpo que se apropria da linguagem para além de uma estrutura biológica e se torna um produto social”, essa linguagem é o que os identificam, que os diferenciam, dando subsídios para o reconhecimento e o pertencimento a esse grupo. “Esse corpo é um ponto de interação entre o social e o cultural, tanto no plano da prática quanto no campo das representações”.

Dessa forma, consegue-se perceber com mais propriedade as performances desse corpo que num campo social e pessoal, precisa externalizar os elementos que os identifiquem com seus pares, com o intuito de pertencimento ao grupo social a

---

abjetos são produzidos também, já que são eles que fornecem a diferença, o exterior constitutivo que deve ser permanentemente negado.

<sup>16</sup> Grifos do autor

ser inserido. Entretanto, alguns hábitos da prática da capoeiragem acabam por incrustar nos corpos dos praticantes o que, acaba por refletir não somente com seus pares, mas com seus ímpares também.

O corpo na capoeira, não se distingue do corpo humano, de acordo com Rodrigues (2006) há na corporeidade humana e na natureza do homem uma dicotomia entre o ser homem e o animal homem, nesse processo ambíguo está presente as representações simbólicas da estrutura social e a natureza cultural de cada corpo, reproduzindo o que a sociedade deseja e o que a sociedade teme.

Nessa ótica, Conde (2007, p. 111) afirma que “o corpo do capoeirista precisa ‘alfabetizar-se’ como novos signos construídos pelo mundo que se abre para ele. Sendo o seu corpo o principal meio para a linguagem, então é com ele que o capoeirista vai apresentar sua tradução sobre a capoeira”. Domar ou transgredir com o corpo na capoeira é uma dicotomia, uma ambiguidade, quiçá uma ousadia que acompanha o praticante da capoeiragem, pois há a liberdade dos corpos nas suas acrobacias e, concomitante, há a contenção dos corpos no que concerne à sociedade e sua prática, num processo educativo destes.

Silva e Heine (2008, p. 55), chamam a atenção com relação à prática da capoeira, na qual esta “sempre acontece como um instrumento de educação”, ou seja, como uma forma de domar os corpos, de reprimir as desenvolturas corporais, que outrora, no passado, foram perseguidas e criminalizadas, no qual nem sempre são sinônimos de criatividade e prazer.

Buttler (2015) traz uma nova forma de interpretar o processo de educação dos corpos na sociedade moderna, sobre a ótica de gênero, do sexo e da sexualidade. Uma vez que o corpo não pode ser entendido fora da matriz das relações de gênero.

A capoeira foi escrita historicamente sobre o viés da masculinidade, no qual as questões de gênero estiveram bem definidas, masculina, heteronormativa, não dando espaços para as mulheres praticantes da capoeira, Oliveira e Leal (2009), relatam que são poucos os registros que identificam mulheres na prática da capoeira ao longo da história, contudo, há uma vasta documentação de mulheres portando características semelhante a das praticantes da capoeira<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Oliveira e Leal (2009) As brigas de rua, as rasteiras, a ginga, os pontapés.

## 1.5 O Corpo Feminino na Capoeira – Preconceitos e Estigmas

O corpo ou os corpos femininos no universo da humanidade, em sua maioria, esteve às margens ou em subgrupos, no qual este quase nunca teve o seu valor merecido ou o seu reconhecimento, em sua grande maioria eram domados, domesticados, e estampados como mercadorias, às vezes, mesmo que velada, outras tantas como um troféu.

Colocar os corpos num mesmo nível hierárquico é entender que ambos têm a mesma capacidade, que estes como um fato social total pertencem e desempenham as mesmas funções, numa miscelânea de equidades e equiparações. Historicamente foram construídas ao redor desses corpos – o feminino – fetiche que se cristalizou, incidindo sobre eles uma espécie de blindagem sobre uns e exposição total sobre outros, atribuindo muitas vezes adjetivos inócuos, a princípio, que por trás de tais adjetivos encontram-se as nefastas intenções sobre tais corpos.

Muitos desses adjetivos trazem consigo uma miscelânea arraigada de preconceitos e estigmas que perduraram por séculos e insistem em permanecer numa conjuntura que não mais os pertença ou nunca os pertenceu. Pode-se dizer que os corpos femininos são resilientes, apesar das intempéries, conseguiu (re)moldar para não serem achatado e esquecido no campo dos corpos abjetos.

O corpo, ao longo dos séculos, sempre foi tema preceitos tabus, ritualizações e controle social inspirado no modelo da cultura europeia ocidental. O corpo feminino em especial inspirou poesias, pinturas, músicas, esculturas, além de outras práticas artísticas, em sua valorização estética e sensual. Geralmente predominou certa exaltação do feminino a partir de suas representações. Contudo, paralelamente ao mundo artístico formal, também foram construídos discursos que visavam a controlar o corpo feminino, particularmente no que dizia respeito ao campo de sua gestualidade, ou mais precisamente, da sua linguagem corporal. O corpo feminino deveria ser contido naquilo que poderia significar para a sociedade (OLIVERIA e LEAL, 2009, p.137).

Percebe-se que ao mesmo tempo em que se tinha a admiração pelo corpo feminino, também se tinha o receio deste. Receio da transgressão, da rebeldia, da liberdade desse corpo, então, controlar parecia ser mais fácil, domesticar seria a solução, o que nesse processo trouxeram consigo os estigmas<sup>18</sup> do corpo<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Goffman (1963) define estigma como sendo evidências de atributos que torna os indivíduos diferentes de outros da mesma categoria, tornando-os menos, assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. O estigma constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real, o que traz um efeito de descrédito muito grande. O autor

Tais estigmas corpóreo do feminino nos mais diversos campos e abrangências, trazem à tona expressões e marcas históricas que, construídas historicamente, algumas são perpetuadas, outras apenas sofrem alterações no transcurso do tempo e espaço, e poucas desapareçam. Não podendo deixar de lado a sororidade que os corpos femininos apresentam. Em uma somática quase que como uma sinfonia de preconceitos<sup>20</sup> e estigmas presentes no arcabouço corporal da mulher.

As marcas no/do corpo feminino, em especial das mulheres capoeiristas, estão arraigadas de histórias performáticas que trazem não somente nos movimentos, mais nos meandros dos corpos os sinais de um passado e um presente marginal. Mwewa e Vaz (2004), antes de compreender os corpos no “macro-social”, há de se entender dentro das “micro-sociedades específicas”, ou seja, abarcar os corpos em suas singularidades – masculino, feminino, homossexuais obesos, cegos etc. – estes necessitam de diferentes cuidados a partir de sua construção social, isto, leva-se em conta quais são as “técnicas corporais” privilegiadas em cada caso.

Os corpos femininos foram excluídos da prática da capoeira nos capítulos da história, deixando a cabo de um patriarcado/machista, como todas as lutas/artes marciais. A relação orgânica dos corpos com a capoeira, não se aplicava com um todo, ficando mais no campo das relações mecânicas, assim, cabia a mulher os cuidados da casa e da prole; e ao masculino, as práticas laborais do corpo, ao qual estava o trabalho e a capoeira. Contudo, não houve a exclusão total desses corpos,

---

chama a atenção, que nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo; o que nos leva a reclassificar os indivíduos.

<sup>19</sup> De acordo com Ainlay, Coleman & Becker (1986) estigma é uma construção social as particularidades individuais que desqualificam o indivíduo podem variar segundo o período histórico e a cultura dentro de um contexto, o que não proporciona uma aceitação plena social. Assim, a estigmatização não é uma propriedade individual. Dessa forma as questões de estigmas estão atreladas há um contexto histórico-social-cultural, que o mesmo modifica-se de acordo com o tempo, espaço local e situação.

<sup>20</sup> Aurélio (2016) define preconceito como 1 Ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial. 2 Opinião desfavorável que não é baseada em dados objetivos. 3 Estado de abuso, de cegueira moral. 4 Superstição. **Preconceito** é um **juízo pré-concebido**, que se manifesta numa **atitude discriminatória**, perante pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento. É uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamento sério. O preconceito pode acontecer de uma forma banal, até um pensamento. O preconceito é resultado das frustrações das pessoas que podem até se transformar em raiva ou hostilidade. O preconceito pode ser fruto de uma personalidade intolerante, porque são geralmente autoritários e acreditam nas normas do respeito máximo à tradição, e são hostis com aqueles que desafiam as regras estabelecidas. O preconceito faz parte do domínio da crença por tem uma base irracional, não do conhecimento que é fundamentado no argumento ou no raciocínio. (SIGNIFICADO DE PRECONCEITO, 2016).

pois como uma arma de auto defesa ou defesa pessoal, algumas mulheres eram praticante de tal arte/luta. Todavia, eram estigmatizadas e estereotipadas com traços ou características masculinas (OLIVEIRA e LEAL, 2009).

Na primeira e na segunda república esses corpos ganharam novas proporções, avançando do campo orgânico, para um orgânico mimético, agora juntamente com aspectos extrínsecos como o samba, carnaval, candomblé. Assim, as primeiras formas de resistências femininas não veladas passam a sufragar a prática da capoeira por mulheres como forma de resistências dos seus corpos, numa transgressão do ideal feminino.

De acordo com Oliveira e Leal (2009, p.118), “São poucos os registros de memória que identificam mulheres capoeiristas [...]. Há uma vasta documentação que identifica mulheres portadoras de características semelhantes à Salomé<sup>21</sup>, no que se refere à sua valentia [...]”.

Percebe-se que era mais fácil tratar as mulheres pelos traços da prática da capoeiragem que relatar diretamente a prática desta arte/luta, uma vez que, as lutas ficavam a cabo do masculino, e os afazeres domésticos cabiam às mulheres.

Conter, governar e disciplinar os corpos femininos parece ser uma prática antiga, dar-lhes atributos frágeis e débeis para que acreditem ser-lhes seus e assim construir uma cultura e incuti-la a acreditar que seus corpos são (in)capazes de fazerem aquilo que as desejarem com o intuito de controlar os corpos femininos produzindo uma onda de preconceitos e estigmas a esses corpos.

Segundo Oliveira e Leal (2009), as mulheres que ousavam negar o estilo de vida de donzelas, esposas, mãe e submissas exigidas pela sociedade eram punidas não somente pela família das mesmas, mais também, pela legalidade (leis, moral, costumes, honra), também pela imprensa que estampavam e estampam suas imagens e vidas a um público ávido em julgar e tecer opiniões acerca da conduta feminina (em especial dessas mulheres que ousaram transgredir a imposição de submissão), deixando-as vulneráveis ao controle social.

---

<sup>21</sup> Salomé, que segundo o Mestre Antenilo, era o nome de uma mulher formosa por frequentar rodas de capoeira. Ao lembrar-se da capoeiragem das décadas de 1920 e 1930, afirmava que Salomé “cantava no samba e jogava capoeira”. O mestre era enfático ao salientar na bravura da valente mulher: “você encostava, ela passava a rasteira e te botava de pernas para o ar. Entrava no Batuque e lhe derrubava duas três, vezes. E era valente!” (Oliveira e Leal; 2009, p. 117/118).

A visibilidade da mulher capoeirista [...] mostra a mulher não apenas destinada à reprodução, mas como sujeito histórico, ativo e reflexivo que se destaca nos jornais como um modelo proibido, que não deve ser seguido pelas de “boa família” [grifos do autor]. Isto revela como elas possuem uma historicidade com relação às ações cotidianas, aos posicionamentos políticos, às relações entre os sexos e as múltiplas dimensões da realidade histórica e social (OLIVEIRA E LEAL, 2009, p. 160).

Já se percebiam que as mulheres lutavam pela liberdade dos seus corpos, num processo sócio-histórico, que as levavam há uma posição ativa frente às decisões que eram lhes impostas de forma autoritária e reflexiva com relação às consequências de seus atos e escolhas perante a sociedade e os julgos populares. Muitas dessas eram estereotipadas e estigmatizadas por uma sociedade patriarcal e machista que viam apenas a figura da mulher como um objeto de desejo, submissão e controle, não levando em consideração as múltiplas dimensões das realidades dessas mulheres.

Os autores ainda acrescentam que:

[...] a convivência com os capoeiristas poderia representar para elas a própria aprendizagem das habilidades com o corpo e da utilização de instrumentos da capoeiragem. Era desse modelo que se formava a mulher capoeirista, especialmente no uso que fazia do próprio corpo. Bem longe do modelo de comportamento feminino ideal que lhe era proposto (OLIVEIRA E LEAL, 2009, p. 160).

O uso dos atributos corpóreos femininos na construção de uma personalidade capoeirista, algumas vezes lhe dera atributos negativos carregados de preconceitos que as colocavam as margens da sociedade numa sororidade de prejuízos que as levavam a lutar com mais veemência e a ocupar espaços que outrora eram tipicamente masculinos, como a rua.

Lutar contra o modelo hegemônico imposto sobre os corpos femininos é transgredir regras socialmente impostas, é subir mais um degrau da igualdade de gênero numa sociedade, na qual, o padrão feminino é submisso e débil. Tais lutas são travadas constantemente, de maneira que os gêneros não se sobreponham uns sobre os outros.

### **1.6 Capoeira Sob a Ótica de Gênero: O papel das mulheres nos grupos de capoeira;**

O papel das mulheres nos grupos de capoeira podem ser os mais diversos possíveis, contudo, não discutir o gênero, e quais as influências ou impactos deste

no desenrolar desse papel, nesses espaços é discutir no campo vazio ou banalizar os sujeitos.

A categoria gênero inserida na capoeira, traz elementos e aspectos importante para entender um dos arcabouços da formação cultural, étnica e social brasileira, trazendo à tona fatos a serem desmistificados, discutidos e analisados sob a luz das ciências, dando uma profunda importância aos sujeitos – em especial as mulheres – que por muito esteve às margens da sociedade, e que com afinco reclama a sua história, espaço que outrora foram restritos e por meio de lutas e ações, hoje, tomam os espaços ao qual lhes pertencam.

Delinear gênero, não é algo conciso, fixo e estanque; mas, algo complexo, mutável e camaleônico, uma vez que, esta categoria abarca outras subcategorias que requerem um espaço amplo e de profunda discussão, porém, aqui será apenas discutido o conceito de gênero e sua aplicabilidade nas rodas de capoeira, trazendo para a discussão os papéis delineados pelos gêneros no espaço da capoeiragem.

Segundo Cisne (2012), os estudos de gênero surgem no final do século XX entre os anos de 1970 e 1980, e tem como objetivo desnaturalizar e historicizar as desigualdades entre homens e mulheres impostas pelas relações sociais.

O primeiro conceito de gênero refere-se **ao sistema sexo/gênero que é um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas** (RUBIN, 1975). A autora vai aprofundar os seus estudos principalmente no que concerne o papel das mulheres na sociedade; com o intuito principal de contradizer a teoria marxista em relação à dominação dos gêneros e o papel social das mulheres, uma vez que ser mulher não é condição necessária para que ela seja objeto de opressão.

Percebe-se que esse primeiro conceito, ainda está presente nas sociedades uma vez que, as transformações da sexualidade biológica como um produto, não se restringe ao indivíduo, mas tudo que o rodeia. O mercado (capital), apropriando-se deste conceito numa tentativa de manipulação e dominação – não só dos sexos pelos sexos, mas, dos sexos pelo contexto – incute uma cultura dominante e hierarquizada dividida em grupos e subgrupos numa “pseudo-dominação” no qual a mulher encontra-se nos subgrupos como uma escrava doméstica moderna.

Para Scott (1994) gênero:



(...) tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1994, p.13).

A definição de Scott como as relações sociais construídas, tomando por base fatores externos e internos que influenciam direta e indiretamente os indivíduos, bem como a cultura, a economia, a política e outros, num jogo de poder que historicamente foram erigidas e cristalizadas.

Varikas (2009) acrescenta que a dominação de sexo não é só legitimada, como também torna invisíveis as mulheres, permitindo tratá-las como uma categoria homogênea o que excluem em bloco as mulheres do universo de sujeitos políticos.

As relações construídas historicamente entre os sexos merecem uma atenção especial não isolando o masculino do feminino, mas como foram se arquitetando tais elementos no transcurso histórico e em qual momento se definiu os papéis sociais.

Examinar gênero concretamente, contextualmente e de considerá-lo um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo. Esta é ao mesmo tempo uma postura familiar e nova de pensar sobre a história. Pois questiona a confiabilidade de termos que foram tomados como auto-evidentes, historicizando-os. A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos (SCOTT, 1994, p. 19).

As identidades são construídas por fatores intrínsecos e extrínsecos de cada indivíduo, alguns desses fatores podem se perpetuar ou extinguir em sociedades distintas, por meios dos avanços históricos. Por outro lado, cada marco histórico das sociedades e seus indivíduos podem influenciar na construção das identidades de gênero, contudo o ambiente pode não ser propício para as manifestações concretas de tais identidades.

De acordo com Meyer (2012), o conceito de gênero não se travava somente de relatar as diferenças entre homens e mulheres, mais englobava as construções sociais, culturais, linguísticas e várias áreas do saber; dentre toda essa conjuntura que se iniciaria o processo de diferenciação entre homens e mulheres.

Na Visão de Butler (2000, p. 156), “o conceito de gênero implica que um ‘sexo’ pré-discursivo é uma falsidade”. O gênero não designa apenas os significados culturais assumidos pelos corpos sexuados, mas também pelo próprio processo de materialização do sexo em corpos distintos. O gênero atua como um mecanismo de

produção de corpos sexuados que se efetiva pela “estilização repetida do corpo que produz a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2000, p. 59).

Desse modo, Butler (2015), entende o gênero como imitação, paródia, performance que não tem nada de natural, nem de original, mas que se funda na ideia do natural para encobrir o aparato da sua produção.

Assim, para Butler (2000, p. 156), o gênero é performativo, o que significa que ele designa não um ato deliberado, mas uma “prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”.

Assim, a noção de performatividade de gênero permite considerar que o sexo não é natural, nem pré-cultural, mas precisa ser construído de forma reiterada por meio do poder do discurso, principalmente, para a consolidação da heteronormatividade. A performance do corpo descrita pela autora amplia o sentido do termo gênero, quebrando a ideia binária e dando margem para que outros corpos que não são vistos como homem e mulher possam adentrar a categoria de gênero, deixando-os de serem corpos abjetos.

Dessa forma, quando o termo gênero fora ampliado, este privilegiou aqueles que não se enquadravam nos termos homem e nem mulher, seja por distinção física, biológica, comportamentais, psíquicas, abarcando àqueles que desempenham papéis não só de homens e mulheres.

Para Sandenberg (2014), gênero é muito mais amplo do que as construções sociais do masculino e feminino, e que homem e mulher é uma categoria de gênero, uma construção social de gênero.

Assim sendo, Ferreira e Souza (2014), destaca que o gênero é um conceito relacional e uma estrutura de dominação simbólica. Os gêneros são constituídos por meio de binarismos opostos que compõem e supõem uma relação. As relações de gênero são analogias de poder em que *o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas*. Em outras palavras o gênero não se limita apenas nos pares, homem e mulher, feminino e masculino, macho e fêmea, o conceito de gênero é expansivo, amplo, e tende a abarcar estes e todos aqueles que de alguma forma não se enquadram nesses papéis sociais.

Depois de discutida e analisada os diferentes conceitos e aplicabilidades da terminologia gênero, no campo da capoeira, esse termo não se distingue tanto do que fora apresentado, uma vez que, os fatores históricos influenciaram diretamente

nas questões de gênero, no que concerne a capoeira, assim como, os fatores externos no transcurso da história.

Como se sabe as relações de poder no passado na formação do Brasil deixou sequelas que requer tempo e um exercício social extremo para apagar (ou abrandar), da memória de uma parte significativa dos descendentes daqueles que aqui foram trazidos. Para as mulheres negras, do Brasil colônia, serem escravas e terem menor valor e/ou serventia que os homens escravos deixavam-nas no campo dos corpos abjetos. A maior parte, senão todas, tornavam-se escravas sexuais e/ou eram violentadas o que as levavam a adquirir técnicas para defenderem-se de possíveis ataques e estupros. Como eram vetadas a essas mulheres portarem armas, por serem escravas, valia-se de técnicas de lutas, neste caso a capoeira, ao qual era amplamente difundida entre os negros escravos da época.

Na atualidade, as mulheres capoeiristas ganham outros espaços, outras conotações, levando-as a prática da capoeiragem não mais por questões igualmente as do passado, mas ainda sim sobre fortes influências dos resquícios do patriarcado e das relações de poder.

A relação dominação-exploração não presume o total esmagamento da personagem que figura no pólo de dominada-explorada. Ao contrário, integra essa relação de maneira constitutiva a necessidade de preservação da figura subalterna. Sua subalternidade, contudo, não significa ausência absoluta de poder. Com efeito, nos dois pólos da relação existe poder, ainda que em doses desiguais. Não se trata de uma hierarquia, mas de uma contradição. [...] Como na dialética entre o senhor e o escravo, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, a segunda para tornar menos incompleta sua cidadania (SAFFIOTI, 1995, p. 183).

Dessa forma percebe-se que sempre houve relação de poder e uma correlação de forças entre os poderes, contudo, a parte oprimida procurava meios para não ser massacrada de forma a perder a sua autoconsciência e identidade, o que levava há atos constantes de transgredir e irromper com o poder autoritário e viver numa constante resiliência.

As mulheres capoeiristas, ainda que em menor quantidade em relação aos homens, desempenham diferentes papéis nos grupos de capoeira e o mais importante, o de ser mulher, que irrompe com o pensamento hegemônico do gênero dominante, em que estas desconstruções são advindas de construções sociais, histórias e políticas.

Assim, “não basta que um dos gêneros conheça e pratique as atribuições que lhe são conferidas pela sociedade; é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades-direitos do outro gênero” (SAFFIOTI, 1995, p. 193). O que os leva ao diálogo para que haja uma equidade nos papéis de gênero.

No capítulo que se segue será abordado o papel das mulheres nos grupos de capoeira no transcurso histórico e as influências e contribuições destas para a cultura, a capoeira, os movimentos sociais e lutas sociais.

C

# A RODA

A



P

Í



T



V



L

O

2

A roda de capoeira é composta pela bateria, participantes e os jogadores. Esta não tem esse nome por acaso, na roda todos devem ser tratados como iguais, tem que haver o sentido de unidade e trabalho em equipe, e todos precisam desempenhar o seu papel. É necessário o trabalho cooperativo de todos, pois o resultado final depende do conjunto.

Na roda de capoeira, deve haver um sentido forte de respeito entre os seus participantes, em que a diferença de cada um deve ser enxergada como uma possibilidade de crescimento para o grupo. Cada um pode contribuir com aquilo que tem de melhor (SILVA E HEINE, 2008).

Figuras femininas importantes como Dandara dos Palmares, Salomé, Maria Cattú, Mestre Janja e tantas outras mulheres capoeiristas que deram as suas contribuições para a formação da cultura do povo brasileiro, muitas vezes são deixadas de fora da história. Nesse sentido, resgatar as memórias dos feitos destas importantes capoeiristas traz o sentido de empoderamento e faz com que muitas mulheres sintam-se representadas por essas figuras, tendo um espelho ou uma figura ao qual possam vislumbrar-se e ter como parâmetro para continuarem na luta por espaços e não cair no esquecimento dos seus feitos.

Desta forma, este capítulo apresentará o que acontece na roda, proporcionará uma interação mútua entre as mulheres do passado e do presente, como num jogo no qual os corpos numa sincronia de perguntas e respostas, num espaço de luta e resistência.

Aqui, será elucidado a resiliência das mulheres capoeiristas na história, no qual o espaço é eminentemente masculino, porém, a mulher se faz na capoeira como a capoeira se faz na mulher. Discutir-se-á as faces ocultas das capoeiristas, aquelas que foram esquecidas, subjugadas e/ou estigmatizadas.

Não obstante, será discutido a roda como um espaço de luta, resistência e conquistas femininas, como numa roda de mulheres, apresentam-se a bravura e a exuberância dos corpos femininos numa miscelânea de arte e luta, do rústico e o frágil, levando a re-significação dos corpos femininos na mídia, arte e cultura. E por fim uma discussão das mulheres capoeiristas na contemporaneidade.

Neste capítulo abordará a mulher em suas diversas facetas e desempenhando os papéis que lhe cabem dentro dos grupos de capoeira na atualidade e ao longo da história, com a finalidade de elucidar tal figura que por muito esteve marginal nas literaturas capoeirísticas.

## 2.1 Mulheres na roda: as faces ocultas das mulheres capoeiristas no Brasil

Na prática da capoeira, os papéis sociais se confundem, na qual, por vezes, as mulheres praticantes dessa arte/luta são confundidas, taxadas, e rotuladas pelos papéis de gênero. Contudo, vale ressaltar que, desde o passado, o formato circular das rodas de capoeira, é proposital para que todos se sintam iguais e pertencentes àquele grupo como uma forma acolhedora.

Desde a colonização do Brasil, quando para este país foram trazidos milhares de negros e negras como escravos pelos portugueses, que ainda há lacunas a serem desvendadas. Pouco se sabe as reais histórias dos povos que aqui chegaram, muitos documentos foram destruídos no processo históricos, outros se perderam, contudo a tradição oral<sup>22</sup> ainda prevalece em alguns locais.

Mesmo que não haja documentos físicos, ainda sim se vale da tradição oral que a cada geração é perpetuada por histórias de grandes líderes, bravos lutadores e pessoas de notória sabedoria que, para a ciência de sua época talvez não seria interessante, contudo, hoje, é de extrema necessidade, estudá-los e conhecê-los.

Nessas faces não visibilizadas estão algumas figuras que para a capoeira tiveram um papel fundamental. Mulheres, guerreiras, bravas, lutadoras, firmes e de tantos outros adjetivos que marcaram suas histórias e por onde passavam, deixando suas marcas e uma tradição de luta e resistência sobre os corpos femininos e a negação da submissão da mulher.

Uma figura pouco conhecida e que a tradição oral não deixou velada foi Dandara dos Palmares que, segundo Henrique (2011):

Dandara além de esposa de Zumbi dos Palmares com quem teve três filhos foi uma das lideranças femininas negras que lutou contra o sistema escravocrata do século XVII. Não há registros do local do seu nascimento, tampouco da sua ascendência africana. Relatos nos levam a crer que nasceu no Brasil e estabeleceu-se no Quilombo dos Palmares ainda menina. Não era muito apta só aos serviços domésticos da comunidade, plantava como todos, trabalhava na produção da farinha de mandioca, aprendeu a caçar, mas, também aprendeu a lutar capoeira, empunhar armas e quando adulta liderar as falanges femininas do exército negro palmarino. Dandara foi uma das provas reais da inverdade do conceito de que a mulher é um sexo frágil.

---

<sup>22</sup> Segundo Parafita (2005, p.30), Tradição oral é a transmissão de saberes feita oralmente, pelo povo, de geração em geração, isto é, de pais para filhos ou de avós para netos. Estes saberes tanto podem ser os usos e costumes das comunidades, como podem ser os contos populares, as lendas, os mitos e muitos outros textos que o povo guarda na memória (provérbios, orações, lengalengas, adivinhas, cancionários, romanceiros, etc.). Também são conhecidos como patrimônio oral ou patrimônio imaterial. Através deles cada povo marca a sua diferença e encontra-se com as suas raízes, isto é, revela e assume a sua identidade cultural.

Dandara já quebrava os paradigmas de sua época em não aceitar as imposições do patriarcado e menos ainda as imposições escravocratas existentes. Nesta ocasião, aprendeu a lutar capoeira para se defender e defender seus ideais de liberdade. Exímia capoeirista, poderia ser considerada nos dias atuais como uma feminista, pois via na liberdade dos negros e negras a oportunidade de equidade entre os gêneros e o lugar das mulheres fora do ambiente doméstico.

Ainda de acordo com o autor, Dandara ocupava uma posição de líder dos exércitos, nesse caso o feminino palmarino, na qual lutou bravamente nas resistências de palmares, e chegou a questionar o rei de Palmares, Ganga-Zumba, sobre o pacto assinado com o governo português, ao lado de Zumbi.

Não há indícios de como era o rosto de Dandara, contudo a sua valentia fora passada geração após geração na tradição oral dos quilombolas até a atualidade, como uma capoeira exemplar que lutava pela liberdade e paz de seu povo. “Dandara foi morta, com outros quilombolas, em 06 de fevereiro de 1694, após a destruição da Cerca Real dos Macacos, que fazia parte do Quilombo de Palmares” (HENRIQUE, 2011). Alguns relatos dizem que Dandara foi morta, outras trazem a possibilidade de um suicídio, pois, ela preferia a morte à escravidão.

Segundo Arraes (2014), chama a atenção para a história de Dandara que não foi amplamente difundida como a de Zumbi, por dois fatores importantes, a saber:

Dandara foi esposa de Zumbi e, como ele, também lutou com armas pela libertação total das negras e negros no Brasil; liderava mulheres e homens, também tinha objetivos que iam às raízes do problema e, sobretudo, não se encaixava nos padrões de gênero que ainda hoje são impostos às mulheres. E é precisamente pela marca do machismo que Dandara não é reconhecida ou sequer estudada nas escolas. Lamentavelmente, nem mesmo os movimentos negro e feminista mencionam Dandara com a frequência que deveriam. De um lado, o machismo, que embora conte com o trabalho árduo das mulheres negras, não lhes oferece posição de destaque e voz de decisão. Do outro, o racismo, que só tem memória para mulheres brancas.

Há uma tentativa histórica para se negar os feitos femininos em especial do feminismo negro, o machismo e o racismo, dois grandes entraves para o desenrolar dos feitos das mulheres, pode ter sido alguns fatores que levaram ao desconhecimento sobre Dandara.

Dandara não foi o único caso de mulheres capoeiristas, mesmo sendo escrava, uma mulher era obrigada aos rigores dos modelos ideais de comportamento, no qual, as atividades femininas, principalmente, estavam voltadas



para o trabalho doméstico. Apresentar comportamentos distintos dos padrões era considerado um desvirtuamento, uma transgressão, uma blasfêmia à sociedade. Porém, nem todas as mulheres estavam dispostas a viver sobre a égide dos padrões do patriarcado vigente a época.

Segundo Oliveira e Leal (2009), outra grande mulher de nome Jerônima que parece denotar ter muito mais feitos que um homem nas páginas dos jornais do ano de 1876 com a chamada "*Que mulher capoeira!*". O que não era comum para a época, todavia, isso revela várias possibilidades da atuação feminina no contexto da época.

Ainda de acordo com o autor, essa mulher, Jerônima, poderia ter aparecido sob as mais variadas condições, entretanto surge como a mulher capoeirista. Vale ressaltar, que no contexto em que Jerônima se encontrava, havia um discurso moralizador da imprensa, o que certamente leva a uma reflexão sobre a prática da capoeiragem por mulheres, negras, escravas e outros adjetivos, que torna o contexto propício para analisar o comportamento feminino e as investidas patriarcais.

Outras mulheres capoeiristas tiveram papéis fundamentais como Salomé, que para a época, tais atos eram unicamente masculinos. Porém, Salomé rompe com tais barreiras impostas sobre os papéis de gênero salientando a bravura e os feitos de Salomé (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Tais características voltariam a aparecer anos mais tarde nas páginas policiais de mulheres que tinham os mesmos traços que os de Salomé, contudo, não deixavam claro que eram capoeiristas, numa tentativa de acobertar a prática que era considerada criminosa. O fato de uma mulher possuir técnicas compatíveis com as da capoeira era considerado uma afronta às atividades femininas; uma mulher praticar capoeira era considerada tal qual os vadios, bêbados e desordeiros.

Na Primeira República do Brasil, no final do século XIX, com a criminalização da capoeira pelo Código Penal vigente, portar navalhas, fazer arruaças, provocar desordens, eram algumas das características descritas como pertencentes aos capoeiristas além de suas habilidades corporais. Tais práticas não se limitavam apenas aos homens, haviam mulheres descritas nos jornais e folhetins portadoras de tais características, e outras que as colocavam no rol das mulheres capoeiristas, não somente por sua valentia, mas, também, por possuírem técnicas recorrentes aos capoeiristas.

Historicamente, atividades físicas como lutas e esportes coletivos foram consideradas práticas masculina, o que proporcionou barreiras culturais para a introdução das mulheres, que tendem a ser estimuladas a desenvolverem atividades culturalmente associadas ao desenvolvimento da feminilidade hegemônica, como atividades rítmicas ou que não demandem contato físico e combatividade, características instrumentais associadas à identidade de gênero masculina, (DEVIDE, 2005).

Nesse sentido esse mesmo autor complementa que

As mulheres foram consideradas, por médicos, fisiologistas e educadores como o “sexo frágil”. As que praticavam atividades consideradas como própria dos homens eram rotuladas e estigmatizadas como “masculinas” sendo frequentemente vítimas de preconceitos por parte de homens e de mulheres (DEVIDE, 2005, p.26).

O corpo da mulher sempre foi e continua a ser alvo de um de uma dominação sexista que, visa ditar as regras sobre as atividades da mulher, o que deve ou não fazer. Tal prática leva a crer que não é somente dominar, mas domar e estabelecer regras com a finalidade de obter para si um troféu, a mulher, como o prêmio máximo.

Segundo Souza (2010, p. 5) “atividades como judô, boxe, rúgbi, futebol e capoeira eram consideradas práticas inapropriadas, sendo desaconselhadas e proibidas por lei”<sup>23</sup>.

As práticas de dominação sexista não se limitam somente ao sexo masculino, Saffioti (1995), dirá que tais práticas de dominação são estabelecidas por homens que dominam homens, por homens que dominam mulheres, por mulheres que dominam homens e mulheres que dominam mulheres. Esse jogo de poderes descrito pela autora traz uma ideia de uma luta infindável que nunca terá um vencedor na medida em que todos perdem. Tal reflexo deste são as imposições sociais que vetam os direitos individuais em prol de uma cultura que no seu fetiche julga ser mais importante que outras e mais que os indivíduos.

Nesta perspectiva Oliveira e Leal (2009) dizem que os aspectos negativos da capoeira feminina, em especial o uso da violência, se contrapõem aos possíveis aspectos lúdicos que a mesma apresenta, que muitas informações foram fornecidas por pessoas que não estavam preocupados em explicar ou descrever as práticas

---

<sup>23</sup> A Lei 3.199/1941 proibia a prática de lutas por mulheres, pela incompatibilidade com a sua natureza (BRASIL, 1941). A Deliberação número 7, de 1965, do Conselho Nacional de Desportos passou a proibir a prática de qualquer modalidade de futebol, luta, pólo, halterofilismo e baseball por mulheres. Porém, somente em 1979 através da deliberação 10/79 que a proibição foi extinta (DEVIDE, 2005; MOURÃO; SOUZA, 2007).

culturais da capoeira feminina, mas sim condenar qualquer atividade que não seguisse os padrões da “nova sociedade”.

Assim, percebe-se mais uma campanha de moralização feminina que incentivos as práticas culturais vigentes na sociedade em diferentes marcos históricos das mulheres, nesse caso as capoeiristas, numa uníssona corrente conservadora que entrava o desenvolvimento pleno das atividades femininas, confinando-as as atividades domésticas, estigmatizando-as e estereotipando-as de modo a desmoralizá-las como um modo de punição para posteriormente docilizar numa forma de dádiva e assim perpetrar a dominação sobre as mulheres.

Mesmo que haja tais tentativas de dominação sobre as capoeiristas ainda assim, haverá traços de resistências como ocorrera no passado. Alguns nomes tanto na literatura, quando na tradição oral de mulheres fortes e ágeis são perpetuados e expostos seus feitos em formas de cantigas nas rodas de capoeira, assim como nos livros e nas histórias contadas.

Nomes como os de Maria Homem, Julia Fogareira, Maria Cachoeira, Maria Pernambucana, Maria Pé no Mato, Odília, Palmeirona, Adelaide Presepeira, Anna Angélica, Antônia de Tal (Cattú), dentre outros nomes que incrustaram na história uma luta de resistência pela prática da capoeira por mulheres, deixaram o seu legado que se podem ver em outras mulheres praticando essa arte/luta.

Com a evolução do tempo, as mulheres ganharam novas funções e ocuparam novos espaços nos grupos de capoeira, além de receber outra roupagem, não somente os participantes mais os próprios grupos.

Nota-se que a presença da mulher nos círculos da capoeira se manifesta também em forma de um apoio logístico ou serviçal. Desde que a capoeira começou a sair das ruas e se estabelecer em academias, é muito comum que a aluna capoeirista seja a secretária e/ou coordenadora do grupo a que ela está afiliada. (...) se a mulher não trouxe uma contribuição para a ‘forma’ de jogar capoeira, trouxe a organização, cuidando de assuntos burocráticos (BARBOSA, 2005, p. 11).

Estas habilidades não garantiam a permanência ou um espaço de visibilidade das mulheres na capoeira, mas sim como uma peça fundamental na estrutura social do arte/luta da capoeira. Somente meio século atrás as mulheres começara a atuar com mais veemência no jogo da capoeiragem, chegando ao grau mais alto, o de Mestre, como é o caso da Mestra Janja, na Bahia; Mestra Paulinha, Mestra Cigana, no Rio de Janeiro; Mestra Suelly, nos Estados Unidos sendo esta última a primeira mulher a atingir o grau de mais alto fora do Brasil (BARBOSA, 2005).

Mesmo com a obtenção do grau de Mestre por algumas mulheres, a capoeira ainda é um espaço hegemonicamente masculino, por ser praticada majoritariamente por homens, contudo, ainda que vagarosamente as mulheres estão também imbricando-se nesses espaços e ocupando-os pouco a pouco e com perspectivas de ampliação dos espaços capoeirísticos.

Essas faces que foram ocultadas das mulheres capoeiristas, hoje, vêm a tona como uma forma de reivindicação do seu lugar, do seu espaço no campo dos esportes, das artes, das lutas, apresentam-se como sinônimo de resistência histórica, mostrando ao mundo um outro lado que outrora, para a sociedade burguesa hegemônica, representava o lado sóbrio feminino, que nada mais era do que um grito de liberdade dessas mulheres em decidirem sobre suas escolhas e seus modos de vida.

Este grito de levante que veio vagarosamente, mas com a certeza da permanência do seu local como uma onda varrendo toda forma de obstáculos que ganhava mais força a cada impacto, com um resiliente ímpeto de vontade e anseio pela busca ao seu espaço.

Com isso, as mulheres mostram-se resilientes ao tempo, as perseguições, as imposições do patriarcado e a uma tentativa mirabolante de dominação sobre estas principalmente pelo machismo, e sexismo, de forma que estas capoeiristas trouxeram à tona o que há de mais belo, de mais significante, a arte de jogar, lutar, brincar, dançar a capoeira como uma forma de expressão e de re-significação dos seus corpos valendo-se da resiliência como exposto a seguir.

## **2.2 A resiliência das mulheres capoeiristas no transcurso da história**

Houveram sempre tentativas de dominação dos corpos femininos e das ações por estas praticadas, num intuito de ter, talvez, as mulheres como prêmios ou como suas serviçais submissas, ou pelo simples desejo de ser opressor. Todavia, também houveram resistências de forma a barrar e denunciar as formas de opressões que muitas mulheres sofreram e sofrem nas diferentes sociedades.

Algumas mulheres que não se enquadravam nos padrões impostos pelas sociedades hegemônicas e patriarcais foram empurradas às margens da sociedade na tentativa frustrada de calar-las, contudo, criou-se guetos, no qual foram dadas vozes a essas mulheres longe dos olhares repudiosos de uma classe sexista que,

porém, chamavam a atenção de outras mulheres que se identificavam nas suas lutas íntimas e cotidianas.

Essa resistência feminina, não se fechou somente aos círculos capoeirísticos, formavam uma corrente, nas artes, no cinema, nos espaços sócio-ocupacionais, e em diversas áreas, fortalecendo o viés feminino na luta pelo seu espaço social.

Segundo Silva (2015), enquanto subversão aos valores dominantes, a capoeira foi e continua sendo um movimento de enfrentamento à ordem social e racial injusta que reina no país. Assim a ginga, que é sua base, e a base de toda a movimentação da capoeira, remete a uma corruptela do nome Njinga, que virou Nzinga, nome da rainha angolana que enfrentou os portugueses e os espanhóis durante décadas. Aí vemos a influência importante da mulher resistente como símbolo que perpassa desde os maracatus até os grupos de capoeira.

O termo ginga na capoeira remete a um imaginário de conflito e negociação expresso pela ação política da rainha Jinga, no embate com os colonizadores/invasores europeus, e também aos atributos de magia, que segundo histórias da capoeira permitia que aparecesse e desaparecesse durante as batalhas que liderava em África (ABIB, 2005: p. 168).

No transcurso histórico, ser mulher parece ser sinônimo de ser guerreira, numa batalha infindável ao direito da livre escolha por estas. As mulheres sempre se mostraram resilientes às adversidades encontradas por elas, numa capacidade de sobrepor às dificuldades, transpor as barreiras que lhes foram impostas. Nessa ótica, ser resiliente parece estar em sua natureza.

O termo resiliência pode ser definido como “a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica. Resistência ao choque” (FERREIRA, 1999, p. 1751). Porém, há outras definições de resiliência, por possuir em sua essência a flexibilidade, visto que a mesma tem como paradigma a capacidade de adaptarem-se aos mais variados contextos, ela não é estática e nem moldável, simplesmente ela vai tomando os espaços que lhe forem concedidos.

A resiliência é um termo oriundo da física. Trata-se da capacidade dos materiais de resistirem aos choques. Esse termo passou por um deslizamento em direção às ciências humanas e hoje representa a capacidade de um ser humano de sobreviver a um trauma, a resistência do indivíduo face às adversidades, não somente guiada por uma resistência física, mas pela visão positiva de reconstruir sua vida, a despeito de um entorno negativo, do estresse, das contrições sociais, que influenciam negativamente para seu retorno à vida. Assim, um dos fatores de resiliência

é a capacidade do indivíduo de garantir sua integridade, mesmo nos momentos mais críticos (VASCONCELOS, 2007)

Antunes (2003) vê a resiliência como uma mola propulsora capaz de alavancar processos difíceis e conturbados. A resistência às mudanças é um fenômeno universal e, quando confrontada com a mudança, reforça o medo que no final acaba intensificando o conflito. Essa intensificação é essencial para ir dar o passo seguinte, e transpor as barreiras que impedem o desenrolar dos fatos.

Para ser resiliente necessita-se de um ambiente propício para a mesma se desenvolver ou aumentar. De acordo com Tavares (2002, p. 2), “na instituição e na reformulação de estratégias de resiliência bem precisas e próprias de cada sujeito, as quais ativam e consolidam, ao longo da vida, a aquisição de marcos importantes da autonomia, da integração ou da reconstrução da identidade”.

A resiliência é um processo que a cada dia está mais comum, e que a mesma não fica restrita a um só grupo. As ações das pessoas demonstram o seu grau de resiliência diante das mais variadas situações, não importando a localização ou ato praticado.

No caso das mulheres capoeiristas, a resiliência torna-se quase uma arma de sobrevivência, pois, os círculos sociais diversos, em sua grande maioria, não conseguem visualizar a cultura afro-brasileira e/ou africana como algo bom, ou com bons olhos, apenas o politicamente correto, não como efetivação, porém, os atos resilientes são como as molas propulsoras, que servem para avançar na luta contra a ideia de uma cultura hegemônica.

Segundo Heilborn, Araujo e Barreto (2010), as diferenças entre os gêneros, são históricas, uma vez que, os espaços públicos – representação maior a rua – era destinado ao homem e assim restrito a ele, como cidadão; e às mulheres foram confinadas ao mundo doméstico – tendo os cuidados e a maternidade com representação maior – sendo totalmente exclusas dos espaços públicos por muitos séculos. Essa ruptura entre os sexos é chamada de divisão social do trabalho, no qual as tarefas necessárias a produção e a reprodução não sejam cumpridas.

Essas assimetrias de gênero sempre foi motivo de questionamento por algumas mulheres, por não aceitar os padrões impostos, ou pelo simples ato de liberdade sobre seus corpos, uma vez que a tentativa de dominação decorre da ideia mesmo que seja uma inverdade de existir alguém superior a outrem. No caso

específico da capoeira, como esta germina no seio daqueles e daquelas que foram excluídos da sociedade, a sua prática também torna-se marginal.

O grande número de mulheres que participam ativamente de esportes, que colocam a sua energia e o seu poder aquisitivo no mercado de trabalho e que lutam pelos direitos da mulher teve papel decisivo na sua infiltração na capoeira, pois os homens capoeiristas já não podiam facilmente segregar e discriminar a ala feminina (BARBOSA, 2005, p. 14).

Para uma mulher sair dos padrões da feminilidade, soa como uma ofensa à sociedade, que tenta fervorosamente impor um padrão de hierarquização de gênero; a prática de esportes de contato físico, de acesso a informação e atuação política são consideradas uma afronta a sociedade conservadora, todavia, mesmo com tais obstáculos as mulheres mostraram-se resistentes e resilientes a tais intempéries.

Em diferentes épocas e contextos históricos, a capoeira assim como os seus praticantes e, em especial, as mulheres mostraram-se resilientes as dificuldades apresentadas a esses atores sociais. Se no passado distante fora o regime escravocrata que impediam as mulheres de praticar a capoeira, num passado mais recente – século XIX – a sociedade em expansão e com fortes tendências ao modelo eurocêntrico, apresentaram impasses às mulheres no que se refere à prática da arte da capoeiragem, uma vez que aos homens já não tinha tanta resistência.

Que existia um preconceito geral contra a capoeira e que as famílias classificavam o jogo/luta/dança/ritual como uma atividade de malandro: "Era o maior vexame para a família. Uma mulher que fosse treinar capoeira, seria 'mulher à-toa, ' vagabunda. Uma menina de 'boa' família não podia nem assistir, quanto mais treinar" (BARBOSA, 2005, p.15).

Mesmo com a maior liberdade de expressão, a dominação sobre as práticas e comportamentos femininos insistia em ditar as regras sobre os corpos destas, num processo de tentativa de degradação daqueles que, de alguma forma, não se encaixavam nos moldes dos padrões societários. Mesmo assim, a demonstração de resistência e da não imposição do machismo mostrou a força da mulher moderna e que nesse processo lutava por espaços e pelo direito sobre seu corpo.

De acordo com Barbosa (2005), a igualdade de direitos propagados pelos movimentos feministas e da participação da classe média, foram alguns fatores que contribuíram substancialmente para aumentar o número de mulheres interessadas na prática da capoeira.

Os movimentos sociais em particular, o movimento feminista também contribuiu positivamente para o alçar do vôo das mulheres capoeiristas, mesmo que

indiretamente, as lutas das feministas impactaram e deram vozes àquelas que ansiavam por vozes. Sabe-se que a capoeira não fazia parte da pauta feminista, não diretamente, contudo a luta por direitos e equidade de gênero impactou na participação da mulher nas sociedades, ampliando o seu espaço de atuação e empoderamento.

Ao deixar de ser marginal, a capoeira começa a ser exercida em diferentes espaços sociais, bem como: nas academias, nas quadras esportivas, nas escolas, nos postos de saúde e em vários locais, não mais somente as ruas ou espaços fechados longe dos olhos do Estado e da polícia. Juntamente com esses novos espaços, as mulheres também precisam se reinventar e assim novos obstáculos são direcionados as mesmas e mais uma vez, a necessidade de serem resilientes a essas adversidades fazem-se presente, contudo, não torna empecilho e sim mais uma maneira de mostrar a sua vontade e determinação nas suas escolhas.

Se a barreira social que discriminava a capoeira como uma atividade exclusivamente masculina já foi desmoronada, pelo menos em parte, há ainda outros fatores que constituem um empecilho para que a mulher não compita com o homem em termos de igualdade numérica nos escalões mais avançados da capoeira. Algumas mulheres se sentem desencorajadas a continuar porque acham que os homens têm mais força e domínio físico do corpo do que elas e que, portanto, competem em condições de desigualdade. (...) Por isso, comparativamente, são poucas as mulheres que conseguem chegar a altos níveis na capoeira. No entanto, o modelo estabelecido por aquelas que já atingiram altos níveis de aprendizagem ajuda outras mulheres a perceber que elas também podem ter grande destreza e rapidez, leva-as a ver que é possível neutralizar a força física e a violência masculinas nas rodas de capoeira com sagacidade, artimanha e treinamento e, principalmente, com a malícia do jogo (BARBOSA, 2005, p. 21).

Mostrar-se capaz de executar a mesma movimentação que os homens numa roda de capoeira é um grande passo para as mulheres, contudo, o jogo não se limita apenas aos movimentos da capoeira, trazer a malícia e as artimanhas do jogo é descobrir-se resiliente, é ir além dos limites do corpo, é usar da sagacidade para sobressair das linhas limítrofes que se tem do jogo da capoeiragem, usar de estratégias do corpo pelo próprio corpo.

De acordo com Menezes (2015, p.84) “na capoeira, como não poderia deixar de ser, a participação feminina tem sido cada vez mais frequente, ajudando a fortalecer a modalidade. Ela toca, canta, joga, ministra aulas e participa de debates com muitos dos renomados mestres da arte”. A autora sintetiza as várias facetas das mulheres no jogo da capoeira; este jogo é uma dialética de destreza, perguntas e



respostas corporais implícitas e explícitas. Para ser um bom ou uma boa capoeirista não se limita a destreza corporal é preciso ir além do corpo.

O corpo também precisa ser resiliente e resistente no jogo da capoeira. Não basta apenas vencer as barreiras impostas pela sociedade é preciso também vencer as barreiras impostas pelo próprio corpo e pelo tempo. Existem diferentes tipos de corpos na capoeira, as mulheres idosas também se mostram resilientes a esta prática.

Segundo Henriques e Teixeira (2010, p.24) “A Capoeira adaptada para a terceira idade é obtida como uma atividade lúdica capaz de atrair pessoas e tirá-las do sedentarismo”. Muitas idosas transpõem as barreiras do sedentarismo e da timidez e vêm na prática da capoeiragem uma forma do bem-viver e da qualidade de vida.

De acordo com Carneiro e Garcia Junior (2009) para os idosos, a capoeira funciona como prevenção e terapia para recuperar e manter a auto-estima além dos benefícios físicos de uma população que tem sua experiência pouco valorizada pela sociedade. Quando valorizados e cientes dos benefícios que uma atividade pode lhes proporcionar, os idosos são tão capazes quanto os mais jovens e os superam em presença, pontualidade e dedicação.

As vantagens para o público da terceira idade são inúmeras. Quanto aos benefícios físicos, diminui a dependência química de remédios para hipertensão, diabetes, colesterol. Promove, ainda, a recuperação do vigor, amplia a força muscular, ocasiona à amplitude dos membros inferiores e superiores, tonicidade muscular, a resistência aeróbica, a força, a flexibilidade e a composição corporal são integralmente desenvolvidas por meio da capoeira. Adicionalmente, capacidades funcionais como a coordenação, o equilíbrio, a agilidade e a potência apresentam incrementos significativos com a prática. A “ginga dos mais vividos”, como é chamada a terapia, também é um auxiliar importante no combate à depressão e à solidão, despertando nos praticantes a recuperação da auto-estima e do prazer de viver. A possibilidade de adaptação e utilização da capoeira como exercício físico para idosos se deve à sua natureza eclética com características motoras, lúdicas e cognitivas, permitindo integrar os domínios da aprendizagem do ser humano no: psicossocial, psicomotor e cognitivo (HENRIQUES E TEIXEIRA, 2010, p. 24-25).

A diminuição dos impactos causados pela chegada das marcas do tempo no corpo é visível e inevitável, contudo, há meios de minimizar tais impactos, com uma vida mais saudável e com uma maior prática de atividade física pelo indivíduo. A capoeira é uma atividade que pode beneficiar de formas diversas o idoso praticante, uma vez que a função dessa arte/luta tem fatores explícitos e implícitos. O primeiro no que tange a musculatura, a animosidade, a proatividade, na convivência

intra/interpessoal, dentre outros benefícios que esta pode oferecer ao indivíduo, a segunda, por conseguinte, apresenta nos fatores biológicos uma melhora substancial na fisiologia da praticante, assim como nas questões ósteo-articular, cognitiva e diversas áreas da medicina, psicologia humana.

Para Carneiro e Garcia Junior (2009, p. 19) “apesar de a população idosa praticar capoeira, seja junto com outras pessoas jovens ou em grupos específicos, quase não há estudos sobre seus benefícios em indivíduos com mais de 60 anos”.

A prática da capoeiragem pelos idosos apresenta uma maneira diferente de viver a vida, não por ser somente mais uma forma saudável de se viver, mas de maneira que, se possa vencer barreiras que outrora mostrava-se resistentes como o preconceito e o estereótipo. Vencer essas barreiras é bom para os dois lados, para o idoso por ganhar uma nova atividade e uma nova forma de conviver em grupo, e para a capoeira por espaços e uma visibilidade mais ampla e diferente daquela, que uma vez no passado fora traçada de maneira excludente.

Portanto, a mulher capoeirista sempre mostrou traços da sua resiliência ao longo da história. Essa resistência foi herança de um legado de mulheres que não se curvaram sobre os mandos de uma cultura machista e patriarcal. As mulheres capoeirista na contemporaneidade trazem em seu bojo características de lutas e resistências de narrativas históricas que lhes dão força para continuar a lutar por reafirmação dos espaços e ao pertencimento destes que abordaremos a seguir.

### **2.3 A mulher capoeirista na contemporaneidade**

As mulheres, de modo geral, galgaram seu espaço na sociedade e lutam por uma equidade de gênero que sabe-se que ainda há resistências significativas na sociedade. Não obstante, os espaços de poder ainda são ocupados majoritariamente por homens, cabendo as mulheres papéis secundários, porém não menos importante.

Na capoeira não se difere muito dos moldes societários, pois, ainda são poucas, em comparação ao universo de praticantes do sexo masculino, as mulheres que chegam aos níveis mais altos da capoeira, bem como é diminuto o papel que lhe são atribuídos para desenvolverem dentro dos grupos.

A luta, ainda que extenuante, mostra-se cativa e atual visto que ainda encontram-se barreiras que impeçam a atuação feminina em diversas áreas, numa

mítica falácia de que a mulher não tem a mesma aptidão que o homem, que exista atividades-fins masculinas e femininas, numa segregação equivocada que só diminui sem acrescentar em nada para tais colocações.

Assim, na atual conjuntura da capoeira a mulher ainda precisa vencer barreiras antigas e novas impostas a elas, na tentativa de subalternidade não só sobre o corpo mas sobre as ações, modos e meios pelos quais as mulheres tem se desenvolvido e alcançado seus objetivos na capoeira.

Nesse sentido as mulheres tem se organizado de forma mais eficiente, com o intuito de transmitir força e exemplos a outras mulheres que queiram adentrar no mundo da capoeiragem, que há espaços e que estes precisam ser ampliados e reafirmados, como um espaço de luta e poder.

Segundo Barbosa (2005) uma vez estabelecida a sua identidade dentro da capoeira, as mulheres começaram a formar coalizão, numa forma de demonstrar força e pertencimento à capoeira além de pluralizar e buscar o respeito dentre os participantes. A autora, ainda, acrescenta que primeiro as mulheres tendem a unir-se a outras do próprio estilo de jogo (Angola ou Regional), e posteriormente uma identificação em termos de raça, classe ou idade.

O fortalecimento da participação feminina na capoeira advém dos estímulos de outras praticantes, que são exemplos e demonstração de competência retirando a ideia de que os homens são mais qualificados por conta de sua força.

De acordo com Silva e Caland (2009, p.99) a entrada da mulher na capoeira se dá por quatro fatores distintos principais, “1) a influência dos amigos (as); 2) por opção pessoal; 3) a beleza da capoeira; e 4) por influência do namorado”. Esses fatores fortalecem e empoderam a luta feminina por ocuparem espaços. As escolhas, mesmo por uma atividade física, direcionada a capoeira, mostram a autonomia das mulheres nas escolhas pessoais.

Essa busca por novos horizontes vai construindo relações sociais distintas e abrangendo os espaços sócio-interacionais dessas mulheres construindo uma perspectiva de sociabilidade e de se firmarem na prática da capoeiragem construindo uma possível carreira dentro capoeira.

Assim sendo, Silva e Caland (2009, p.100) “a permanência das mulheres nos grupos de capoeira se dá mais por força de vontade, por esforço próprio, porque tem a pretensão e o ideal de se formarem, de ministrar aulas, pela possibilidade de ampliarem sua sociabilidade”. A autora demonstra claramente que os espaços

paulatinamente estão sendo conquistado pelas mulheres capoeiristas a passos firmes e, que o galgar dentro e fora da capoeira torna-se uma tarefa preponderante para se afirmarem enquanto capoeiristas e autônomas.

Neste sentido, Silva (2007) acrescenta que a imagem feminina está ligada à luta de emancipação da mulher nos diversos campos da sociedade e veicula fotos e histórias de capoeiristas que enfrentaram inúmeros desafios, preconceitos e conseguiram construir um trabalho sólido no ensino da capoeira, tornando-se mestras, contra-mestras, professoras e treinéis<sup>24</sup>.

Segundo Silva e Caland (2009, p.100) são “expansivos movimentos de afirmação e de participação das mulheres na capoeira, as quais acompanham a sua emancipação na sociedade como um todo, ainda que bastante limitada por conta do contexto cultural enraizado”. Mesmo que mais vagarosamente, as mulheres estão adentrando ao ambiente da capoeira, por outro lado, mais eficazmente e com maior veemência, retirando a ideia de sexo frágil e incapacidade, extinguindo formas diversas de preconceitos e machismo e, consolidado seu espaço na arte/luta da capoeira.

Mesmo que ainda havendo uma cultura machista impregnada nos esportes de contato físico como as lutas, e nas modalidades de forças corporais como o fisiculturismo, ainda assim, vê-se a resiliência das mulheres nesses espaços e numa luta contínua pela sua permanência. Esta luta não é só em questão ao direito ao corpo feminino, mas as afinidades diversas aos esportes, a participação das mulheres nos espaços de poder além de, quebrar o estigma do “sexo frágil” e elevar a auto-estima feminina.

Ter representatividade em diversos espaços possibilita maior confiabilidade para que outras mulheres também possam participar e sentirem-se pertencentes. Na capoeira não é diferente, uma vez que, as mulheres sentem-se mais encorajadas com a presença de seus pares e assim, há um fortalecimento no apoio mútuo e o encorajamento para seguirem e enfrentarem os obstáculos.

No tocante à percepção de si, as mulheres capoeiristas demonstram acentuado grau de confiança e de significância positiva em sua imagem, atribuindo força, persistência, empenho, orgulho e capacidade de superação, notadamente do papel reducionista que a sociedade e a família

---

<sup>24</sup> A estrutura hierárquica da Capoeira depende do grupo de Capoeira e da modalidade praticada (Angola, Regional, Contemporânea, entre outras). No caso desta afirmação misturamos as titulações existentes neste universo, mas podemos considerar a maior titulação a de mestre ou mestra de Capoeira (SILVA, 2007).

possuem da mulher, desvelando com consciência os preconceitos e atitudes machistas que imperam não somente na capoeira, mas também, com maior evidência, em outras esferas da sociedade, num movimento contínuo de afirmação do seu valor (SILVA e CALAND, 2009, p.101).

Nessa ótica, a auto-afirmação desempenha um papel primordial para transpor as barreiras da imposição e do preconceito à prática da capoeira. Visto que, as mulheres, hoje, têm uma maior representatividade que no passado, e que as grandes capoeiristas do passado são grandes inspiradoras na atualidade, o que reforça a confiança e a persistência na luta por equidade e atuação nos espaços da capoeira.

De acordo com o Centro Cultural de Capoeira Angola N'Zambi (2007) o grande desafio é conquistar espaço sem reproduzir a lógica machista e capitalista. A dor do parto, necessária para gerar novas vidas, é a evidência da força feminina. Com essa força buscam-se novas respostas, e são suscitadas em diálogo com todas, respeitando as diferenças de cada ser. Na roda (da capoeira e da vida) as máscaras e os estigmas caem, toda capoeirista é verdadeira.

Como uma forma de penetrar a bruma do estigma e continuar na prática da capoeiragem, algumas mulheres rompem com astúcia e sabedoria as barreiras edificadas, valendo-se de uma preparação maior como os títulos acadêmicos (licenciatura, bacharelado, pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*), cursos de aperfeiçoamento e trabalhos diversos publicados em meios variados de comunicação sobre a participação feminina na prática da capoeira, o que as dá uma maior visibilidade e reconhecimento sobre o seu trabalho, mas nem sempre sobre sua prática.

A mulher vem cada vez mais conquistando espaço profissional em diversas áreas e na capoeira não é diferente apesar deste universo ser ainda predominantemente masculino na participação profissional, porque na participação como atletas isso já não é mais uma afirmação visto que em muitas escolas, grupos de capoeira a participação feminina é a maioria e a cada dia mais a mulher esta percebendo a capoeira como uma profissão (NETO,2013, p. 13).

De acordo com Silva (2007) considera-se a luta feminina por um espaço no mundo capoeirístico vem se constituindo paulatinamente. Essa luta é construída diariamente e envolve a inserção das capoeiristas no mercado de trabalho, na prática da capoeira na busca pelo conhecimento histórico-cultural da capoeira e nos trabalhos de pesquisa. Entretanto, vemos que há ainda um longo caminho a ser

trilhado, o que não significa desconsiderar as contribuições e conquistas femininas no mundo da capoeira.

Mergulhar num mundo novo, emponderar-se de uma cultura, apropriar-se de técnicas, não cabem mais, na atual conjuntura, a uma acepção de gênero, ampliar os horizontes e expandir os conhecimentos condensando-os e agregando valores distintos para o enriquecimento cultural torna-se a chave-mestra para a afirmação feminina na vida cotidiana e no mundo da capoeiragem.

A mulher é mais dedicada, disciplinada e mais organizada e apesar das dificuldades encontradas dentro e fora da roda de capoeira ela vem lutando para conquistar seu espaço, buscando um conhecimento técnico e histórico, ou seja, hoje as mulheres não se preocupam apenas em jogar capoeira, mas em conhecer a capoeira na sua plenitude, sua história sua importância como instrumento de educação e identidade cultural de um povo (NETO, 2013, p. 13).

A busca constante pelo aperfeiçoamento da capoeira e, pela capoeira, as mulheres tem alcançados patamares invejáveis, contudo, a capoeira, ainda carece de um olhar mais generoso sob a ótica de gênero, uma vez que, as mulheres deixaram de ser abjeto dentro da capoeira e estão ganhando destaque cada vez maior, não somente por sua destreza, mas, também, por sua essência e históricos de lutas na vida cotidiana dentro e fora da capoeiragem.

Segundo Barbosa (2005), a mulher na contemporaneidade da capoeira, ela toca, ginga, brinca, luta, canta, ensina. Autônoma, mostra uma nova realidade, encara como na ginga as intempéries, enfrenta com movimentos leves e precisos, porém cheios de malícias as adversidades impostas a ela, e mostra com precisão, como uma benção<sup>25</sup> acertando em cheio o oponente, para cravar seu lugar e reafirmar-se na arte da capoeira.

Tocar berimbau, cantar, conhecimento das tradições e rituais que envolvem não só a capoeira bem como outras culturas que através dela se desenvolve. A capoeira está cada vez mais num processo de transformação organizacional e é neste sentido também que a mulher cada vez mais vem conquistando seu espaço, com muito amor a arte que encanta a todos (NETO, 2013, p. 13).

Essas transformações estão nas academias, nas rodas de rua, nas práticas de ginástica laboral, na escola, nas manifestações culturais, enfim, nos mais

---

<sup>25</sup> Trata-se de um pontapé frontal, utilizado quer na *Capoeira Regional* quer na *Capoeira Angola*, que consiste num movimento de força que pode surpreender o oponente. O Capoeirista levanta o joelho, deixando o adversário sem a certeza se este irá fazer a *Benção*, o *Martelo* ou qualquer outro pontapé frontal com o mesmo tipo de movimento (CAPOERIA UM ESTILO DE VIDA, 2011).

variados campos da arte e cultura cotidiana. Vêem-se idosos – e em sua grande maioria as mulheres – na capoterapia<sup>26</sup>, na busca por uma melhor qualidade de vida; rodas de capoeira nos círculos sociais diversos, em ambientes distintos, e o que chama a atenção é que hoje a presença feminina é unânime.

As barreiras temporais e geracionais foram rompidas e a prática da capoeira mostrou-se receptivas em ambas. “Hoje, ainda que em pequeno número nas mais altas posições de sua hierarquia, as mulheres estão na sala de estar da capoeira, com conquistas, mas ainda com muito a disputar neste território” (BEZERRA, 2014, p. 43).

Assim, de acordo com o Centro Cultural de Capoeira Angola N’Zambi (2007), os homens possuem a força física e a agilidade, as mulheres, a flexibilidade, a mandiga e a malícia. A revolução que a capoeira faz na mulher é em manter a base firme, e nos homens, a revolução está em dançar, em se sensibilizar. Em ambos, um dos grandes desafios é trocar os pés pelas mãos e juntos formarem uma roda.

Trazer a mulher para o papel de protagonista e não de coadjuvante é a principal luta no *lôcus* da capoeira, assim como o sentimento de pertencimento e a fixação nesses espaços. As estrias causadas por fatores adversos (machismo, sexismo, preconceitos, estereótipos etc.) fizeram com que as capoeiristas do passado não tivessem uma representatividade ou uma figura que as encorajassem a continuar na prática, contudo, hoje, na atual conjuntura, as mulheres têm a quem se espelharem; e o masculino tem como referência não mais a ‘masculinização’ no corpo e nas atitudes, e sim como uma parceria na reafirmação dos/nos espaços e como uma nova possibilidade de enfrentamento às desigualdades, principalmente as de gênero.

Sinaliza Bezerra (2014, p. 50) que “o objetivo de ter mulheres enquanto referência para as novas gerações de capoeiristas pode ser percebido enquanto uma tentativa/possibilidade de mudança no que se refere às desigualdades de gênero neste universo”.

As possibilidades na tentativa de minimizar as desigualdades de gênero, na busca por uma equalização, como já dito anteriormente, está entrelaçadas ao pertencimento e nas figuras de (auto)reconhecimento. A mídia, por exemplo, é uma

---

<sup>26</sup> Segundo Instituto Ladainha (2013) A Capoterapia é uma terapia alternativa onde se utiliza elemento da capoeira adaptada para pessoas sem hábito de prática de atividade física ou esportiva, respeitando a condição física, as potencialidades, os limites e as características psicológicas individuais do praticante.

ferramenta importante enquanto um veículo de comunicação de massa que pode referenciar positivamente (e negativamente) a figura da mulher capoeirista.

Vê-se que ainda há resistência por parte midiática em abordar a temática, tanto direta quanto transversalmente, pois ainda se tem uma barreira invisível do estigma da marginalização da capoeira que perpassa ainda por gerações. Não obstante, os capoeiristas também mostram-se arredios com os veículos de comunicação, uma vez que são tratados, quase sempre, como uma luta marginalizada, que só é lembrada no dia 20 de novembro, em comemoração, dia da consciência negra, ou atribuído a atributos escravocrata no Brasil colônia.

#### **2.4 Arte e Cultura: A re-significação dos corpos femininos na capoeira e na mídia**

A mídia<sup>27</sup> tem se tornando uma ferramenta indispensável na atualidade; para diversos fins, a utilização de tal ferramenta vem fazendo parte da vida cotidiana e globalizando os seus usuários. Está já foi (se ainda não é) considerado o quarto poder.

Há prós e contras com relação às mídias, vale ressaltar que a representatividade predisposta nas mídias pode imprimir um papel relativamente positivo ou negativo para grupos específicos. Uma vez que representado de forma neutra e que seus usuários possam tomar as decisões o papel de informar e apresentar um objeto por tais veículos de comunicação de massa, traz consigo uma visão amplificada dos objetos tratados pela mídia, no qual em cada impressão há uma contribuição significativa dando margem para aceitação – ou não – dos objetos.

Hoje, não se pode tratar com irrelevância as comunicações de modo geral, uma vez que a popularização dos conhecimentos e das informações, os filtros que são dispostos algumas vezes acabam por turvar a informação chegando apenas partes de um todo. O truncamento de informações pode levar a uma visão distorcida

---

<sup>27</sup> 1. *comn* todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens; o conjunto dos meios de comunicação social de massas [Abrangem esses meios o rádio, o cinema, a televisão, a imprensa, os satélites de comunicações, os meios eletrônicos e telemáticos de comunicação etc.]. "m. eletrônica". 2. *pub* departamento de uma agência publicitária, que seleciona os veículos (televisão, jornal, mala direta etc.) e indica as programações mais favoráveis à propaganda e divulgação da mensagem, de forma a atingir um *público-alvo*. 3. *pub* o conjunto de veículos ou o veículo us. numa campanha publicitária. 4. *pub* atividade profissional que trata do planejamento da mídia (acp. 3) e providencia a veiculação das mensagens publicitárias nos meios de comunicação selecionados (GOOGLE, 2016).



ou errônea de um objeto. O contexto também é um dos elementos essenciais para o entendimento da mensagem a ser passada.

De acordo com Rocha, Vieira e Mundi (2011) as tecnologias de comunicação, como a televisão e o rádio, fizeram parte, desde o início, de um processo importante de estudos da informática, que culminaram na invenção do microcomputador pessoal e, posteriormente, da internet. Dessa forma, pode-se entender a comunicação digital fortemente presente na sociedade contemporânea como parte não somente de um conjunto de técnicas, características da própria comunicação ou de conceitos específicos dessa área, mas também de uma interdependência tecnológica de desenvolvimento histórico existente entre a informática e a comunicação.

Essa evolução midiática tem expressado na atualidade a real necessidade por informações mais sólidas e concretas, a alimentação dessa vontade quase que insaciável por conhecimentos cada vez mais específicos tem aberto espaços em redes alternativas, como o *Youtube*, *Facebook*, e outras formas de disseminação e mídias alternativas.

Há presente, também, um choque geracional que divide a mídia em velha e nova, no qual a primeira se refere ao rádio, televisão, jornais e revistas e a segunda se refere aos novos meios de comunicação expressivamente os meios alternativos e os *ciberespaços*, tais como os coletivos, redes sociais, entre outros.

Lima (2013, p. 92-93) faz uma crítica à velha mídia, na qual ele diz que “a velha mídia não pode ser mais considerada o “quarto poder”, imparcial e independente, fiscalizador dos governos e expressão da opinião do público, como ensinava o liberalismo clássico oitocentista”. E acrescenta que “ao contrário do que ocorre em outras democracias, no Brasil, a velha mídia praticamente não oferece espaço para o debate de questões de interesse público”.

O autor chama a atenção para questionar as informações e as formas que as mesmas são dispostas pela mídia, que outrora fora neutra, imparcial, agora desempenha um papel de interesses. O interesse da coletividade não é mais tão atraente do que aquilo que dá audiência e estimula o capitalismo voraz.

Essa introdução sobre as mídias tem como objetivo tornar-se um trampolim para entender as relações de poder existente dentro desse campo abrangente, neste caso a mídia, e que faz parte da vida cotidiana de muitos indivíduos, tais relações perpassam círculos sociais diversificados, dentre eles as questões

culturais, gênero, raça, e outros. A exposição ou a exacerbação de imagens de grupos sociais específicos pode causar estrias profundas nas questões identitárias e de pertencimento havendo assim uma não representatividade e como consequência o esvaziamento dos grupos/movimentos sociais, a perda integral ou parcial da identidade e, em último caso, a exclusão do indivíduo por falta de importância.

De acordo com Butler (2014, p. 118) “qualquer ato de identificação será dilacerado pela desidentificação, e qualquer tentativa de afirmar as verdades ali encontradas será desordenada pela negação”. A negação da identidade externaliza um sentido de vazio e uma crença incomensurável de (auto)contradição que leva a uma fragmentação da identidade.

Segundo Silva (2002, p. 55-56) “o dialogo que estabelecemos com nós mesmos e com o mundo externo funciona como um guia da nossa construção social, influenciando na formação das nossas identidades pessoal e social”. E acrescenta que ora, à medida que a identidade pessoal e a identidade social não são fixas, é importante afirmar que a situação de injustiça social, exploração e opressão, decorrentes de práticas sociais discriminatórias, criam condições favoráveis para que o sujeito ou o grupo afetado internalize uma imagem desfavorável.

O que se vê constantemente com os corpos femininos dispostos nas mídias, uma hiper sexualidade, a fantasia dos corpos perfeitos e a exclusão dos corpos abjetos. Atualmente, há uma tentativa constante da desconstrução de uma imagem desfavorável da mulher no imaginário social.

De acordo com Heilborn, Araujo e Barreto (2010) sempre houve uma tentativa de dominação masculina em duplo aspecto, a sexualidade e os corpos das mulheres. Ser mulher era considerado desfavorável, as mulheres negras foram comparadas a Vênus de Hotentote<sup>28</sup>, numa desconstrução identitária na tentativa de dominação e perpetuação nas rupturas de gênero e na divisão social do trabalho.

Hoje, com o acesso a informações e meios de comunicações mais eficientes, o processo de desconstrução da imagem errônea, inadequada e desfavorável da mulher tem ganhado destaque e volume. Mostrar que se pode desempenhar papéis

---

<sup>28</sup> A Vênus Hotentote era uma atração de circo na Europa do século 19. Com nádegas avantajadas, fingia ser uma selvagem africana para entreter as plateias brancas, ávidas por bizarrices – anões, abelhas selvagens e ursos eram atrações concorrentes. Em troca do ingresso, o público podia até tocar em seu objeto de curiosidade, às vezes com vara curta. Saartjie Baartman (seu nome verdadeiro) não era uma onça, no entanto, e, indefesa, só emitia dor e humilhação (TOMAZZONI, 2010).

semelhantes entre homens e mulheres diminuem a incidência de preconceitos e estereótipos de gênero.

A representatividade feminina nos ambientes diversos – trabalho, esporte, na vida pública e privada – fortalecem uma dinâmica de que a mulher pode desempenhar papéis simultâneos e construir uma identidade plural.

Então, o indivíduo participa de diferentes contextos sociais em que eles se envolvem com diferentes significados sociais. Eles podem se sentir como sendo a mesma pessoa em cada um dos contextos sociais. Todavia, na verdade esse indivíduo está diferentemente posicionado pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada um dos contextos sociais. Assim, ele se representa de forma diferente, diante dos outros, em cada um dos contextos. Ele é posicionado e se posiciona de acordo com os campos sociais em que está atuando e a marcação simbólica é o meio pelo qual esse indivíduo dá sentido a práticas e a relações sociais (JUNG, 2009, p. 28-29).

Esse mutualismo/mimese dos indivíduos é o que permite que os mesmos possam desempenhar diferentes papéis em diferentes contextos sem perder a sua essência, numa permanente construção das indenidades sociais, ampliando os horizontes de atuação e pertencimento. Assim, também são as mulheres dentro dos grupos de capoeira, e como são vistas as mesmas, com traços, funções e valores distintos, numa construção contínua de uma identidade concisa e permanente.

Os meios de comunicações são ferramentas essenciais para a difusão dessa nova imagem da mulher capoeirista, algumas propagandas publicitárias, telenovelas, filmes, alguns romances, folhetins e outros nas últimas décadas têm apresentado essa nova roupagem da capoeira feminina, rompendo com os preconceitos e os estereótipos femininos.

Nesse sentido, algumas propagandas veiculadas pelos meios de comunicação em diferentes partes do mundo, com a temática ou a presença da mulher capoeirista, chama a atenção para diversos detalhes. No comercial da cerveja Kaiser<sup>29</sup>, por exemplo, a mulher capoeirista perde os traços da afro descendência e ganha papel meramente de coadjuvante. O desfavorecimento da mulher neste comercial, a associa o corpo feminino aos interesses do masculino, o carnaval, futebol, cerveja (bebida alcoólica) e a capoeira. O que por um lado é uma perda da identidade da verdadeira mulher capoeirista, por outro, são os espaços de poder sendo ocupado aos poucos, e mostrando a força da representatividade feminina servindo de inspiração e exemplo a outras mulheres.

---

<sup>29</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=VtcmY3pAl4M&feature=related>

De acordo com Machado (2012) na mídia brasileira, majoritariamente, o modelo de ser humano branco é exaustivamente exposto como representante universal da espécie humana, mesmo que algumas obras apresentem os afro-brasileiros de forma menos estereotipada e com possibilidade de ascensão social. O que não quer dizer que uma mulher branca não possa ser praticante da capoeira, todavia, faria mais jus retratar a capoeira como de verdade ela é.

Costa (2012) diz que as propagandas querem “veicular a ideia de um país plural onde reina a diversidade e a mesma é respeitada de modo tal, que se tem, como realidade, a ‘igualdade’ – que, no caso, equivaleria à “anulação das diferenças”. Dessa forma na maioria das propagandas, o tema pluralidade se associa à ideia de união. Em alguns casos reportam a ideia correta ou tecem a noção de diversidade.

Assim, outras propagandas retratam a capoeira de forma mais fiel, principalmente a realidade de cada Estado, como é o caso das propagandas da Nike<sup>30</sup> (Estados Unidos); *Cream Silk*<sup>31</sup> (Filipinas); Absorvente Modess<sup>32</sup> (Filipinas); Nokia<sup>33</sup> (Inglaterra); Coca-Cola<sup>34</sup> (Estados Unidos); UNICAR<sup>35</sup> (Alemanha); Guaraná<sup>36</sup> (Bélgica); dentre outros que mostram as mulheres como protagonistas. Os detalhes e as disposições corporais demonstram serem exímias capoeiristas, tanto pela movimentação quanto pela postura corporal. Em todos estes comerciais, a presença da mulher é impositiva, e referenciada, de modo a ensejar outras a prática da capoeira.

De acordo com Machado (2012) “[...] o receptor é importante para o processo comunicacional, uma vez que reelabora as mensagens para além da mídia. No entanto, é na vida cotidiana do receptor que os discursos midiáticos ganham sentido”. Assim são construídas as identidades das mulheres capoeiristas, no qual a recepção das mensagens vai construindo inicialmente no imaginário e externalizando na prática cotidiana.

A resignificação da identidade é a referência, é o ponto relativamente ao qual se define a noção de pertencimento que está vinculado a ideia de

<sup>30</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=6jlnUM-LiSA;>

<sup>31</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=YhmjxjPsKqQ&feature=related;>

<sup>32</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=30HF4EdyFuw&feature=related;>

<sup>33</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=z1RHR4qH\\_WA&feature=related;](https://www.youtube.com/watch?v=z1RHR4qH_WA&feature=related;)

<sup>34</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=VlfRc\\_wKowc](https://www.youtube.com/watch?v=VlfRc_wKowc)

<sup>35</sup> <http://www.abeiramar.tv/video/223/capoeira-unicar-commercial->

<sup>36</sup> <http://www.abeiramar.tv/video/1297/comercial-de-guaran-com-capoeira>

socialização e redefinida no papel simbólico do pertencer – espaço onde cada indivíduo é levado a se ver como um indivíduo social e a fazer suas normas de pertencimento social, fazer parte, inserir-se, ser membro (MARTINS, 2011, p. 9-10).

As identidades não referenciadas tornam-se apenas corpos vazios e voláteis, pois, não há raízes que os sustentam. Neste caso, as possibilidades de construções errôneas e da subjetivação de significados podem fragmentar a capoeira feminina e fragilizar a prática por mulheres, levando há um coeficiente negativo tanto da capoeira, quanto das mulheres que as praticam.

A importância da re-significação do feminino na capoeira e na mídia não se trata apenas de mostrar as potencialidades da mulher, mais sim, estar nos espaços de discussão e trazer à tona lutas e direitos que historicamente foram tirados destas, colocando-as numa posição de subalternidade e que agora luta por seu lugar na sociedade e nos espaços de poder, sendo a mídia o maior lócus para tal.

Como exemplo da imagem feminina, como referências distintas pode-se citar dois clássicos da cinegrafia da capoeira o filme “*esporte sangrento*” (1993) e “*Besouro*” (2009), sendo o primeiro americano e o segundo brasileiro. Nestes dois filmes a figura feminina são completamente distintas; no primeiro é referenciada por Diana (Stacey Travis) que é uma professora, que apresenta traços de fragilidade e debilidade, no qual passa uma imagem de estar alheia as lutas, mostra uma personagem como um papel terciário sendo o protagonista o homem Beret Louis (Mark Dacascos). Já o segundo, a capoeirista Dinorá (Jéssica Barbosa) tem um papel de coadjuvante, uma figura mais ativa, com participações constantes e mostrando-se exímia capoeirista, contudo o ator principal também é um homem, Besouro (Ailton Carmo).

Nesse sentido, pode-se observar que a construção do corpo e a disposição na comunicação de massa podem impactar de formas distintas, contudo as interpretações e as interferências fazem necessária para evitar equívocos e a manutenção do direito ao espaço adquirido. A personagem Dinorá, representa uma vasta significação e simbologismo do feminino, uma mulher negra, descendente de escravos, que tem que ser capoeirista, lutar contra o machismo e para não ser violentada, não tem direito ao seu próprio corpo. Essa personagem mostra-se resiliente a toda sororidade e adversidades a ela apresentada.

Para Machado (2012) “a comunicação é interpretada como um processo simbólico que transforma a realidade e a recepção, um processo que envolve as

reelaborações realizadas pelos sujeitos, influenciadas por seus grupos”. Por esse motivo, talvez, a imagem da capoeira feminina fora pouco difundida por receio de uma prática “marginal” adentra os lares dos mais abastados ou pelo simples desconhecimento histórico da arte luta.

De acordo com Jung (2009) o sentido de valor de uma produção – artística, linguística, esportiva, corporal etc. – tem relação com o sentido do lugar ocupado no espaço social. Assim, o indivíduo tem, a partir de uma relação com diferentes mercados, a partir da experiência de sanções atribuídas às suas próprias produções junto com a experiência do preço conferido ao próprio corpo, uma espécie de sentido de seu próprio valor social.

Dessa forma, a mídia acaba por atribuir valores diferenciados e classificações às manifestações artísticas, à categorização dos meios de comunicação em massa como o rádio e a TV estão diretamente ligados as questões capitalistas o que ajuda no processo de degradação. Martins (2011) acrescenta que a capoeira tem se tornado uma “expressão da pós-modernidade chic”, no qual passou a veicular elementos do capital voraz e fragmentando a identidade de luta e resistência do passado, banalizando o sentido e significado da capoeira.

Nesse sentido Araujo (2013) acrescenta que há que se criarem mídias alternativas, mas ao mesmo tempo precisam-se ocupar os espaços convencionais como meio de afirmação e pertencimento. Nas mídias alternativas a presença da mulher capoeirista se faz mais presente e incentiva outras mulheres a prática, a escrita, a pensar e a viver a capoeira.

Com base na literatura, Sodré (2011) escreve a obra *Santugri* no qual está contidas histórias de personagens femininas capoeiristas que desafiaram suas limitações e por/pela capoeira puderam ser senhoras dos seus próprios corpos. Nessa mesma perspectiva, Rosa (2009), também escreverá um livro infantil ilustrado – por Rosinha Campos – por personagens capoeiristas mulheres.

A literatura tem dado margens para obras ficcionais como as telenovelas, radionovelas, seriados, programas diversos que contemplem a capoeira, em especial a capoeira feminina, como por exemplo, a telenovela *Lado a Lado* (2012-2013) no qual abordou a prática da arte/luta por mulheres.

Também pode-se perceber referências nas músicas como Vanessa da Mata com a música “*Não me deixe só*” (1999), Daniela Mercury em “*Levada brasileira*” (2005), Grupo Sensação com a música “*Capoeira*” (2000). Esta última traz a figura

de uma mulher que tem uma postura autônoma e consciente da escolha de ser capoeirista.

Essas obras têm em comum com a mídia, que os autores e as capoeiristas utilizam-se de ferramentas diversas para difundir e mostrar uma realidade distinta das construídas historicamente sobre a capoeira em especial a capoeiragem feminina. Dando ênfase no corpo feminino e a ocupação e pertencimento do mesmo, esses novos espaços e essas novas ferramentas são utilizadas como um canal condutor a outras mulheres.

A presença forte feminina tem se alastrado, contudo o número de praticantes é inferior ao número de homens, mas, mesmo sendo um número inferior, as praticantes tem ocupado um espaço de visibilidade e as que permanecem tendem a praticar com mais afinco, não somente pelo gosto ao jogo, mais também, pelo reconhecimento e lutas pelos espaços que atuam.

A capoeira é acolhedora, é materna, é ginga, é ponteira e direta. Os meios de comunicação de massa têm um papel importante para a disseminação da capoeira feminina com um lócus de lutas, resistências e resiliências. As mídias, assim como a roda, também se tornam um espaço em comum para as mulheres trocarem informações, mostrarem que são exímias capoeiristas. A roda de mulheres torna-se um espaço não de disputa, mas de fortalecimento.

## **2.5 A roda de mulheres: espaços de lutas e conquistas femininas na capoeira**

Na roda, ela ginga, ela canta, ela joga capoeira. A roda de capoeira é um espaço de acolhimento, bem como um espaço político em que são iniciados diálogos, a partir de um jogo. Nesses espaços os diálogos não são somente com palavras, mais também com os corpos. Na roda, as mulheres podem mostrar as suas habilidades com o corpo e com as palavras.

Pode-se afirmar que dentre os espaços vividos na capoeira, a roda é o momento principal, no qual o jogo da capoeira acontece de fato, também, se mostra o que foi treinado exaustivamente, e se observa e é observado/a. É um espaço também de (re)encontros entre capoeiristas, de compartilhamento de linguagens (BEZERRA, 2013).

A roda de capoeira é um espaço de igualdade, por esse motivo tem o formato circular porque começa e termina no mesmo lugar. Nesse momento as hierarquias se tornam uma só, e todos têm a chance de jogar a capoeira de igual para igual.

Hoje, se tem os encontros femininos de capoeira em todo o Brasil, na qual as mulheres capoeiristas se juntam para conversar sobre temas diversos que atingem, direta ou indiretamente, as mulheres praticantes, assuntos contemporâneos, corriqueiros, atuais e do passado.

A roda de capoeira não é somente para jogar, mais também para dialogar com seus pares e ímpares, como demonstra Bezerra (2014) em participação do 4º Encontro Feminino de Capoeira de Pernambuco, no qual havia rodas para jogar e rodas de conversas para tratar da temática da participação e do papel das mulheres nos grupos de capoeira, tratando as dificuldades e os deleites da identidade de ser mulher e capoeirista.

As mulheres buscam sempre se aperfeiçoarem dentro dos espaços da capoeira, como meio de afirmação e resistência, mostrando serem eficientes nas técnicas da capoeiragem.

Cerca de trinta mulheres participaram da oficina de Capoeira Angola, que começou com um aquecimento, e seguiu com movimentações básicas, usadas tanto na Angola quanto na Regional. Estas eram inicialmente demonstradas pelaicineira, para depois serem realizadas pelas outras mulheres – todas ao mesmo tempo, ou em duplas – e durou cerca de uma hora. Depois do treino, uma roda de conversa acerca do ritual das rodas de Angola, para tirar as dúvidas e mostrar como ‘entrar e sair’ dela dentro das tradições (BEZERRA, 2014, p. 80-81).

A autora traz a preocupação das mulheres em conhecer os diferentes espaços e universos da capoeira adquirindo experiências e convivências com o intuito de aprimoramento e aperfeiçoamento de suas habilidades, refutando a ideia do sexo frágil e inabilidade nas práticas da capoeiragem.

Bezerra (2014) chama a atenção para a capoeira cotidiana que, por meios de alguns traços e movimentos, há uma tentativa de resgate à referências de feminilidade(s), que mais flertam com o discurso hegemônico sobre o que é ser mulher, do que dialogam e refletem com as disputas cotidianas experienciadas pelas mulheres, dentro e fora da capoeira, reiterando alguns dos estereótipos que são utilizados como justificativas para a permanência das desigualdades de gênero, de maneira velada.



Um exemplo que relata bem essa tentativa de resgate é o Jongo, uma dança de matriz africana que vem sendo resgatada por alguns grupos de capoeira, no qual são ressaltados os detalhes da feminilidade seja no uso dos adereços e/ou no modo de dançar. Essa modalidade de dança está também entrelaçada à capoeira, pois traz para si elementos da prática de um Brasil afro esquecido.

Vale destacar que as rodas de mulheres têm rendido grandes expectativas e dando frutos por todos os lugares que acontecem, pois há uma positividade em relação a figura feminina no âmbito capoeirístico, e um incentivo para as praticantes em continuarem assim como as encorajam e outras a adentrarem a prática da capoeira.

No geral, as capoeiristas consideram a existência e permanência do evento importante, especialmente por poder compartilhar experiências e jogos com mulheres capoeiristas de outros grupos, possibilitando a criação de outros referenciais de corporeidade, que não somente o masculino (BEZERRA, 2014, p. 86).

Depreendemos a necessidade de mais espaços reservados às mulheres, no tocante a capoeira, ganhar espaços de poder, a luta constante pela permanência da mulher nas práticas tidas como masculinas, no caso da capoeira pelo seu histórico e por ser uma atividade de contato físico, demonstrar a força feminina não somente nos espaços destinados a ela unicamente, mas expandir a visão e as possibilidades do feminino de maneira gradual, concisa e consciente.

De acordo com Bezerra (2014) o Encontro Feminino de Capoeira surge como um espaço de fortalecimento das capoeiristas, para o aprimoramento de suas habilidades técnicas, e também para proporcionar um espaço de reflexão próprio para as mulheres, de (re)conhecimento e enfrentamento das desvantagens/desigualdades encontradas por elas nos espaços proporcionados pela capoeira. No entanto, mesmo o encontro sendo de mulheres, a presença dos homens é marcante e as disputas entre homens e mulheres por este território tornou o enfrentamento destas desigualdades necessário. Cabe pensar em como aprimorar este espaço, e refletir sobre o que pode ser feito para que as experiências e performances das mulheres não sejam atrapalhadas neste único lugar prioritariamente de mulheres, tão caro às capoeiristas.

Assim sendo, mesmo os espaços destinados as mulheres capoeiristas, ainda assim há a presença de homens, que não muito, para julgar os comportamentos e corpos das praticantes; mesmo que inconsciente, há uma tentativa de

desqualificação do feminino pelo masculino, inclusive nos espaços destinados a elas. A roda sempre será um espaço de luta, determinação e afirmação.

De acordo com Bezerra (2014, p. 89) “as mulheres disputam estes espaços diretamente, e ao almejar que tenham mais mulheres para tornar-se espelho, referência propõem mudanças nestas relações, buscando inserir novas configurações de comportamento e corporeidades, que incluam o feminino neste cenário”. A inclusão das mulheres tornar-se um aparato essencial para a construção da identidade feminina no campo da capoeira.

O que segundo Jung (2009) a ideia de pertencimento e identidade estão estritamente ligadas, uma vez que, os indivíduos, nesse caso específico as mulheres capoeiristas, perpassam vários círculos sociais e instituições, nesse sentido, as relações sociais constitui a experiência que reflete tanto categorias estruturais mais amplas como posição ou status. Nessa lógica, ter como espelho, ou referência outras mulheres dá maior credibilidade às praticantes e, maior sentimento de continuidade.

Ser mulher capoeirista é sair da zona de conforto das feminilidades hegemônicas. É experienciar configurações aparentemente contraditórias, é matar um leão por dia, encarando a resistência de diferentes maneiras, ao disputar explicitamente os espaços, nos jogos e rodas, e que, na reificação de alguns estereótipos do feminino encontram o caminho, no seu 'permanecer feminina' exposto especialmente nos cabelos quase sempre compridos, nos sapatos, cintos e meias coloridas, nos anéis, brincos e colares; e nas tatuagens, que quase sempre reverenciam as mulheres e a capoeira (BEZERRA, 2014, p. 90).

De acordo com Areias (1998, p. 98) a roda faz transcender “o nosso corpo, os nossos sentidos, a nossa mente e a nossa alma disponível para entrar em contato com outros estados de espírito, mais equilibrados e harmoniosos”. E ainda acrescenta que, somente quando houver o respeito à roda cumprirá com a sua “função de ritual libertário, cooperativo e lúdico”.

Nesse sentido, a luta pelos espaços, respeito e tradições dentro da capoeira com relação às mulheres será sempre contínua, uma vez que, às vezes se vence uma batalha e não a guerra. Romper com os estereótipos é só o primeiro passo, prova para si mesma que é capaz, o segundo; mostrar sagacidades e reafirmar seu espaço será o salto maior dentro da capoeira.

A participação feminina na capoeira transforma-se num meio de oxigenação desta arte/luta, pois a roda demonstra ser para a capoeirista, o espaço primordial de

lutas (corpóreas ou ideológicas), que, de certo, ouve e se faz ouvir pelos seus pares. Assim, torna-se essencial a continuidade da representação da mulher na capoeira.

Assim, trazer à tona a importância da questão de gênero no *lôcus* da capoeira faz importante e necessário para entender e questionar os papéis sociais de cada membro/participante dentro dos grupos de capoeira. Questionar as imposições históricas e as barreiras aos avanços femininos no mundo da capoeiragem demonstra que o lugar da mulher é onde ela quiser.

C

# A BATERIA

A

P

Í

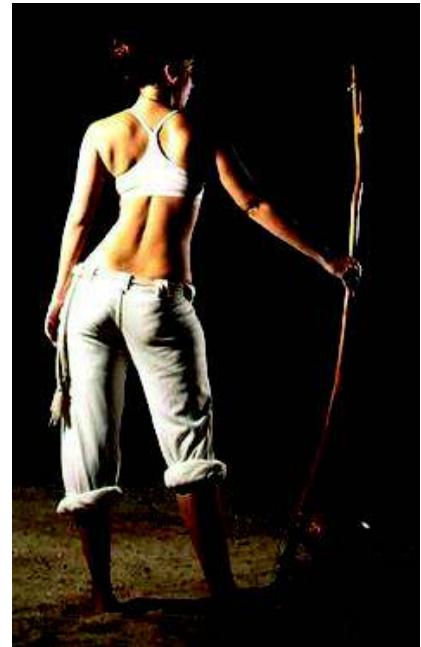
T

V

L

O

3



Neste último capítulo, será apresentado todo o andar da pesquisa, com sua metodologia e a análise dos dados, uma vez que esta tem a finalidade de apresentar concretamente dados relevantes para a conclusão da dissertação e trazer elementos que concatene com o proposto e correlacione com a literatura levantada.

Nesse sentido, aqui, assim como a bateria de uma roda de capoeira, se faz necessário toda a instrumentalidade para que o jogo da capoeira se materialize, pois, sem esses elementos não há a possibilidade de haver o jogo da capoeira, ficando apenas no imaginário e no campo etéreo.

Toda a instrumentalidade que faz parte da capoeira como o berimbau, o pandeiro, o atabaque, o agogô, caxixi<sup>37</sup>, o reco-reco, o pau-de-chuva, a viola<sup>38</sup>, o gunga<sup>39</sup> e demais elementos presentes, apresentam uma unidade instrumentalística que traz em sua essência a vitalidade da roda de capoeira.

Cada instrumento tem uma função vital dentro da roda de capoeira, uma roda onde três deste – o berimbau, o pandeiro e o atabaque – são a sua maior representatividade. Assim como na capoeira, aqui também faz-se necessário a apresentação da instrumentalidade, no qual, para compreender o processo de escrita e materialização da dissertação, há a necessidade de tais recursos.

Como o berimbau, representação maior da capoeira, aqui haverá as entrevistas como fontes primárias, como o pandeiro e o atabaque, fiéis aliados do berimbau nas rodas de capoeira, também serão apresentados fontes secundárias como o embasamento teórico de fontes que fazem jus a escrita dessa dissertação, os demais instrumentos, aqui estará presente na forma de comentários e alargamento do pensamento científico.

---

<sup>37</sup> Segundo Jaued (2011) O **caxixi** é um chocalho de cesto, é feito de palha trançada com a base de cabaça cortada em forma circular e a parte superior reta, terminando com uma alça da mesma palha. No interior do caxixi, há sementes secas, que ao sacudir dá o som característico. O caxixi é um instrumento de percussão usado principalmente como complemento do berimbau. A mão direita que segura a vareta entre o polegar e o indicador, segura também o Caxixi, com o médio e o anular, desta maneira, cada pancada da vareta sobre a corda do berimbau é acompanhada pelo som seco do Caxixi.

<sup>38</sup> Segundo a Associação Desportiva Arte e Cultura Capoeira (2011), **Viola** ou violinha, é o berimbau de som mais agudo; faz os "contratoques" e improvisos: equivaleria ao violão ou guitarra-solo; Tem uma cabaça pequena e bem raspada por dentro para ficar bem fina, tem um som agudo e faz apenas o papel de executar as viradas e floreios dentro da melodia. Seu som é baseado ao som médio e do Gunga ao mesmo tempo, é o Violinha que "enfeita" a música da roda.

<sup>39</sup> De acordo com o site Venha Ver Capoeira (2013), O berimbau estilo Gunga ou Berra-Boi caracteriza-se por ser dotado de uma cabaça maior e conseqüentemente, ter o som de timbre mais grave. Faz o papel de contrabaixo: marca o ritmo e faz a marcação do toque, tem uma cabaça maior e raramente executa uma virada durante a melodia. O Gunga toca a linha grave, limitando improvisações. O tocador de gunga na roda de capoeira é seu líder, sendo seguido pelos outros instrumentos, geralmente também lidera a cantoria, além de convidar os jogadores ao "pé do berimbau" para iniciarem a dança.

### 3.1 A Metodologia da Pesquisa

Para a materialização dessa dissertação foi utilizado alguns instrumentos metodológicos assim como, algumas modalidades de metodologia de pesquisa, na qual sem estes, não seria possível um raciocínio linear de forma satisfatória e organizada.

Para a construção desta, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que na concepção de Gil (2010), praticamente toda pesquisa acadêmica, dissertação ou tese, requer um capítulo ou seção dedicado a pesquisa bibliográfica, que tem por finalidade fornecer a fundamentação teórica, bem como a identificação a respeito a temática. Esta pesquisa está calcada com base em material já publicado, o que inclui material impresso ou digital.

Assim, a pesquisa de cunho bibliográfico, traz em seu escopo a máxima a cerca da literatura já publicada sobre o tema, o que delinea também a linha de pesquisa a seguir, os autores correlatos, e a apresentação das contradições. Porém não tem o intuito de esgotar o tema no tocante ao material publicado.

A pesquisa exploratória aqui utilizada, segundo Cervo, Bervian e Silva (2007, p.64), tem por finalidade familiarizar-se com o objeto a fim de ampliar a percepção do mesmo que nesse tipo de pesquisa não há a necessidade de levantamento de hipótese e teste das mesmas, esta, segundo os autores, é recomendada “quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado”.

Por não conhecer com profundidade o objeto desta pesquisa inicialmente houve a necessidade de uma pesquisa exploratória, para ter subsídios o suficiente afim de saber se haveria a possibilidade de dar sequência na temática escolhida e se o pesquisador teria subsídios o suficiente para o transcorrer da mesma.

Também foi determinada a pesquisa de campo, que para Didio (2014, p.22-23), “visa o estudo e à investigação de um problema relativo a determinado segmento social”. Essa pesquisa oferece dados por meio de questionário ou entrevista com o objetivo de formular considerações sobre o tema.

Junto com a pesquisa de campo, a pesquisa descritiva que para o autor acima citado consiste na descrição ou análise de dados interpretando-os com a finalidade de chegar a uma conclusão sobre algo, porém, o pesquisador não interfere nos dados, apenas os descreve e os analisa.

A pesquisa qualitativa de acordo com Minayo (2010, p.21) visa que

A pesquisa qualitativa responde a questão muito particular. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, como um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto das pesquisas qualitativas dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (...).

Percebe-se que a pesquisa qualitativa traduz melhor esta pesquisa que a quantitativa, por esta razão foi adotada tal modalidade, uma vez que, esta pesquisa ficou pautada na subjetividade das entrevistadas não ficando fechados a números e sim a aspectos de representatividade, motivos, realidade social dentre outros que não há meios de mensuração numérica.

O método dialético de Marx não foi trabalhado nesta, porém o método histórico que é um dos componentes da dialética se faz presente o que segundo Marconi e Lakatos (2011), “partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes para compreender sua natureza e função”. Pode-se perceber que a historicidade e a processualidade dos fatos são fatores importantes presentes tanto no referencial teórico quanto na pesquisa apresentada.

As autoras seguem afirmando que “o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje (...)”.

Foi utilizado o método redescritivo que segundo Rorty (2007) advoga que este método da filosofia é idêntico ao método da política utópica ou da ciência revolucionária (em contraste com a política parlamentar ou a ciência normal) O método consiste em descrever a porção de coisas de maneiras novas até criar um padrão de conduta linguística que tente a geração em ascensão a adotá-la.

Dessa forma Rorty justifica a adoção do método redescritivo através de duas estratégias, uma que recorre a certo diagnóstico dos impasses da filosofia contemporânea, outra que consiste em utilizar uma narrativa histórica que atribui à contemporaneidade certa indiferença em relação aos problemas dos quais a filosofia se ocupou nos séculos precedentes.

Como instrumento de pesquisa foi utilizado o questionário, que de acordo com Marconi e Lakatos (2005),

É um encontro entre duas pessoas, afim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Assim, o questionário utilizado serviu de base para a entrevista, para que a entrevista não perdesse o foco e nem expandisse muito o questionário serviu de guia para a obtenção das informações necessária. Contudo, vale lembrar que o questionário contém quinze perguntas abertas dando a liberdade para o entrevistado respondê-la da maneira que melhor aprouver durante a entrevista.

A entrevista é um importante instrumento, contudo há de se esclarecer que esta é uma entrevista estruturada que “é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas” (MARCONI e LAKATOS, 2005, p. 199).

Com esses métodos e técnicas foi possível a elaboração dessa dissertação e da pesquisa em si, pois, com a delimitação correta dos procedimentos adotados ficou mais claro qual caminho a seguir mesmo com as intempéries e dificuldade apresentada no decorrer do processo de elaboração desta.

### **3.2 Dificuldades no Processo de Escrita e Análise**

Algumas dificuldades foram apresentadas no decorrer da escrita desta dissertação que também merecem serem apresentadas como, elementos constitutivos e metodológicos da dissertação, também vale para entender que alguns processos fazem parte do processo de pesquisa e que não podem ser deixados de lado, pois tem uma conotação importante ora para o pesquisador, ora para os leitores e pesquisados.

No processo de escrita da dissertação o primeiro obstáculo a ser vencido foi a falta de referências ao tema, uma vez que feito o levantamento e a pesquisa exploratória, quase não há publicações acerca da temática de gênero voltada as mulheres capoeiristas. O que levou a fazer uma garimpada em artigos, livros, teses, dissertações, folhetins, mídias digitais como músicas, filmes, propagandas e outras formas de referência para elucidar a importância de se pesquisar esta temática.



Quanto à escrita, em alguns momentos, houve a necessidade de se usar a técnica da bricolagem, pois com a dificuldade de embasamento teórico precisou-se aplicar a teoria de forma a compactar com o proposto.

Percebe-se nesse processo que as mulheres capoeiristas acabam por serem invisibilizadas das páginas da literatura como um todo, deixando lacunas para interpretações e seu papel social no tocante a capoeira e os seus nichos. Vale ressaltar que escrever esta dissertação é uma forma de desvelar o véu sobre as questões de gênero dentro dos grupos de capoeira e fortalecer o papel destas mulheres nesse processo, além de engrossar o caldo das lutas por espaços e vozes nos espaços de poder.

Em alguns momentos da escrita, a falta de debates com colegas acerca da literatura para a expansão do conhecimento e melhor entendimento também teve suas consequências, de forma a contribuir e alargar os conhecimentos literários em diferentes vertentes, as discussões também fizeram falta.

No processo de análise das entrevistas por causa de vírus também houve a perda de toda a pesquisa e as entrevistas o que me levou novamente a campo perdendo tempo com relação aos prazos, mas ganhando em elementos para análise da pesquisa, apresentando elementos novos, e uma reflexão mais profunda dos fatos apresentados.

Quanto a perda das entrevistas, me fez refletir sobre vários aspectos, um deles se haveria a real necessidade de pesquisar sobre este tema além da outra reflexão sobre a necessidade de me tornar mestre, o que me levou a ver que mais uma vez eu, mesmo inconsciente, estava invisibilizando o meu objeto de pesquisa, as mulheres capoeiristas, deixando-as às margens da pesquisa e das linhas acadêmicas, o que me levou com mais afinco a escrever esta dissertação.

Assim, mesmo com essas dificuldades posso dizer que cresci, de forma exponencial acerca da literatura e dos conhecimentos adquiridos e obtive um amadurecimento quanto o papel das mulheres nos grupos de capoeira e das questões de gênero pertinentes a elas.

### **3.3 Amostra e universo da pesquisa**

No universo da pesquisa foi utilizado questionário estruturado contendo quinze (15) perguntas direcionadas com o intuito de guiar a pesquisa fazendo assim com que as entrevistadas não perdessem o foco do objeto da entrevista. Esta foi aplicada a cinco (05) capoeiristas (mulheres), de grupos de capoeira aleatórios, que tivessem no mínimo cinco (05) anos de prática.

As escolhas dos grupos se deram de forma aleatória, ou seja, sem nenhuma preferência ou predileção afetiva, para que não houvesse interrupções ou indução nas respostas das participantes. Na pesquisa, os participantes foram informados sobre o objetivo da pesquisa, dentro dos princípios éticos respaldados pelos esclarecimentos constantes no Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento e assinatura do mesmo.

De forma a ampliar os argumentos e legitimar a pesquisa, do ponto de vista ético e de maior rigor científico, foi aprovado no comitê de ética o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento, assim como o projeto que deu base para o desenvolvimento e aprofundamento da pesquisa aqui constante.

### **3.4 Cenários da pesquisa**

A pesquisa foi realizada em um evento chamada “*Roda de Mulheres*” que aconteceu em Brasília. Neste evento estavam presentes várias mulheres capoeiristas dos mais diversos grupos de capoeira presente nesta cidade. Muitas estavam pela primeira vez, enquanto outras já haviam participado de outros encontros com tal semelhança.

O local do evento foi no Teatro da Praça, localizado bem no coração de Taguatinga, cidade satélite de Brasília, onde nesse espaço haviam diferentes ambientes, no qual ocorriam atividades diversas e paralelas. Uma vez que, as mulheres iam chegando havia a sua identificação e o recebimento de uma camiseta do evento.

O Teatro da praça possui um hall de entrada vazado para o espaço interno de cor branca bem pintado e conservado. Em seu formato semi-oval, haviam uma bateria para uma oficina de tambor; No salão além dos instrumentos, haviam transeuntes. Logo na entrada havia um pequeno balcão para a confirmação e inscrição ao evento. Um pequeno balcão de cor caramelo, pouco antigo com locais

internos de onde tiravam as camisetas para a entrega às participantes. Em cima uma prancheta com os inscritos e folha de inscrição.

Na parte interna do Teatro, havia um palco de taco, cortinas negras semi-novas, pouca luz, paredes em cor branca, cadeiras desgastadas por conta da ação do tempo, em cor marrom e tecido tipo courine; num total de aproximadamente 15 (quinze) fileiras e mais ou menos 100 (cem) lugares.

No palco principal, haviam debates, oficinas acerca da atuação da mulher na capoeira e seu espaço na capoeiragem. Concomitante, ocorriam pequenas rodas de capoeira no salão semi-oval com a participação de algumas capoeiristas.

Foi percebido que somente alguns homens tiveram acesso ao evento, pois, eram do mesmo grupo organizavam, e estavam lá para dar suporte e apoio as mulheres. E outros foram barrados logo na entrada, com a alegação que o evento era eminentemente feminino, fazendo com que muitos desistissem e assim voltassem para casa. Mesmo com a insistência de alguns, não foram permitida a entrada destes ao evento.

### 3.5 Análises dos dados

Os dados que se seguem foram colhidos no dia 16 de junho de 2016, por ter perdido os dados, anteriormente, tive que voltar a campo para recolher novamente tais dados. Aqui será apresentada como entrevistadas de 1 a 5 para diferenciá-las e assim, manter o sigilo dos dados. Lembrando que ao final desta será entregue uma cópia encadernada para cada uma das entrevistadas, para que tenha acesso ao conteúdo aqui descrito e as impressões extraídas pelo pesquisador.

Foi iniciado a entrevista com a primeira pergunta, acerca da idade das participantes.

**Quadro 1:** Qual a sua idade?

Entrevistada	Idade
Entrevistada 1	23 anos
Entrevistada 2	26 anos
Entrevistada 3	29 anos
Entrevistada 4	28 anos
Entrevistada 5	51 anos

Fonte: pesquisador (2016)

No quadro 1 percebe-se que há uma grande participação das mulheres capoeiristas jovens, em idade produtiva. A busca por uma qualidade de vida associada a uma arte/luta, como a capoeira, que mexe com todo o corpo são fatores importantes.

Na atual conjuntura, no qual as pessoas buscam por melhores condições e qualidade de vida, a capoeira se encaixa nesse perfil, pois permite que se trabalhe, ainda, a elasticidade do corpo em movimentos que exigem tais condições. Entretanto, há outra modalidade de capoeira voltada para as pessoas idosas chamada de capoterapia, desenvolvida em Brasília, pelo Mestre Gilvan, no qual o público alvo são pessoas idosas, na faixa de 55 anos em diante. Mas, não impede que outros possam participar como forma de terapia ou apenas movimentação e interação com demais pessoas.

Foi questionado, também, quanto a escolaridade das participantes, e assim, obteve-se tais dados:

**Quadro 2:** Qual a sua escolaridade?

<b>Entrevistada</b>	<b>Escolaridade</b>
Entrevistada 1	Superior completo.
Entrevistada 2	Cursando ensino superior.
Entrevistada 3	Mestrado; - mestrado em educação, Gênero e relações étnico-raciais.
Entrevistada 4	Superior completo.
Entrevistada 5	4º semestre de Educação Física.

Fonte: pesquisador (2016)

Quanto à escolaridade das participantes, pode-se perceber que o nível superior é predominante. Mesmo que se tenham duas participantes em processo de formação, estas já podem ser inclusas a categoria de nível superior.

Acredito que o nível superior venha a ser um diferencial para a permanência no espaço da capoeira às mulheres; como uma forma de auto afirmação e servindo de espelho para outras, uma vez, que este espaço fora tipicamente masculino e periférico.

Assim, percebe-se a busca pelo conhecimento científico com o intuito de entender os processos da capoeira, a didática, por exemplo, é um fator importante para passar a movimentação de forma mais dinâmica; a educação física pode

contribuir de modo significativo nos treinos de capoeira, assim como nas rodas para uma melhor performance desses corpos.

Quebrar com a linearidade e com os estigmas deixados acerca dos praticantes da capoeira não é algo fácil e rápido. Vê-se por uma das entrevistadas que possui mestrado. Percebe-se com isso que há uma busca não só pelo aperfeiçoamento das técnicas da capoeira, mas, também, com relação ao conhecimento técnico-científico.

Barbosa (2005, p. 23), acrescenta que: “Muitas mulheres de renome na área acadêmica têm contribuído para alargar o espaço da mulher naqueles círculos, ajudando a legitimar o estudo de capoeira dentro e fora da roda e servindo de modelo.” Nesse sentido, as mulheres procuram meios, em especial o meio acadêmico, para se consolidar de maneira efetiva no universo da capoeiragem.

O nível de escolaridade ainda é um fator decisório em muitos ambientes e aspectos, vê-se isso constantemente, na capoeira não seria diferentes; escolaridade associado ao local de moradia, também podem influenciar no tocante a ocupação dos espaços e postos dentro de uma sociedade e grupos sociais.

Já a questão de moradia apresentou os seguintes dados:

**Quadro 3:** Onde mora?

<b>Entrevistada</b>	<b>Local de residência</b>
Entrevistada 1	Taguatinga – DF
Entrevistada 2	Ceilândia – DF
Entrevistada 3	Ceilândia – P Norte, DF
Entrevistada 4	Guará – DF
Entrevistada 5	Sobradinho- DF

Fonte: pesquisador (2016)

No tocante a localização de moradia, nenhuma das entrevistadas moram na zona central de Brasília, sendo esta a localidade mais nobre e com os cargos e salários mais altos, assim como a escolaridade. Todas as capoeiristas moram nas cidades satélites, como são chamados os bairros em volta da Capital, sendo Ceilândia a maior Região Administrativa – RA.

Ceilândia é a região periférica de Brasília, juntamente com a Cidade Estrutural, construída em cima de um aterro sanitário, antigo lixão, e Varjão, que, separada apenas por uma rua da área nobre do centro da cidade. Estas cidades satélites são tidas como as mais perigosas, a comunidade é, basicamente, oriunda

de emigrantes de outras regiões do país, em especial do nordeste – principalmente dos estados da Bahia, Ceará, Piauí, Maranhão, Pernambuco. Há um forte estigma com relação a serem moradores dessas áreas.

O que nos chama a atenção é que a entrevistada 3 tem menos de 30 anos, mora em Ceilândia e possui mestrado; a busca pelo aperfeiçoamento reflete diretamente na capoeira. Esta capoeirista quebra o estereótipo de que a periferia não tem conhecimento, não tem cultura e são de baixa escolaridade.

A reafirmação desta e a busca pelo reconhecimento enquanto mulher capoeirista nos espaços diversos traça um perfil de mulheres de luta, não somente nas técnicas da capoeiragem, mas na luta por ocupação dos espaços de poder, por uma emancipação dentro e fora da capoeira, no intuito de terem voz ativa no que compete à capoeira, não deixando que outrem fale por elas.

De acordo com Barbosa (2005, p.13), “Até certo ponto, a capoeira acabou se legitimando nos grandes centros urbanos brasileiros e estrangeiros através da classe média.” A capoeira era praticada pela classe média nos centros urbanos, pois esta classe tinha mais tempo e condições financeira para, de fato, legitimar a capoeira como ‘esporte brasileiro’, para só mais tarde a classe periférica reclamar para si a responsabilidade e a legitimidade da capoeira.

É sabido que a capoeira está nos mais distintos espaços, embora que de forma a entreter o público, esta ainda encontra barreiras para alçar alguns lugares, como os campeonatos, jogos olímpicos, de relevância internacional, por não haver, talvez, um interesse ou por, pressuposto, de seus traços periféricos.

No que concerne ao tempo de prática das entrevistas obteve-se as seguintes respostas:

**Quadro 4:** Há quanto tempo é praticante da capoeira?

<b>Entrevistada</b>	<b>Tempo de prática</b>
Entrevistada 1	5 anos
Entrevistada 2	17 anos
Entrevistada 3	11 anos
Entrevistada 4	13 anos
Entrevistada 5	34 anos

Fonte: pesquisador (2016)

O tempo de prática da capoeira é um fator importante para, consolidar-se na arte/luta, sentir-se pertencente ao grupo social da capoeira e desenvolver as

técnicas de luta assim como outros elementos da capoeira como tocar instrumentos, catar nas rodas e, mais importante, ter voz ativa nas decisões que concerne a capoeira.

No quadro que se refere ao tempo, majoritariamente as entrevistadas praticam a mais de dez anos a capoeira, apenas uma tem apenas cinco anos de prática. Com cinco anos de prática da capoeira, é tempo o suficiente para se afirmar no grupo ao qual participa e desempenhar pequenos papéis protagonistas como recepcionais aos iniciantes e ensinar-lhes os primeiros movimentos.

Ao mesmo tempo foi percebido que as sujeitas iniciaram a prática da capoeiragem ainda na adolescência, fase esta, que a prática desportiva é incentivada por pais, familiares, amigos e, até mesmo, por afinidades ao esporte. Também, é neste período que começam a se consolidar os círculos sociais e o sentimento de pertencimento ao mesmo, num processo de construção do senso crítico e de coletividade.

O protagonismo feminino nos grupos estão interligados com o tempo de prática e seu desempenho corpóreo dentro do grupo, pois a capoeirista pode ter excelente desempenho se não houver tempo ela é abafada, por aqueles tidos como veteranos. E sem desempenho, porém com vasto tempo de capoeira, ela é respeitada pela experiência, mas abafada nas decisões.

Quando questionada em relação se já havia sofrido algum preconceito ou discriminação por ser mulher, na capoeira, as respostas foram bem distintas. Quase todas disseram que sim, apenas uma disse que não, porém, não quis dizer por quais motivos nunca sofrera nenhuma forma de preconceito ou discriminação.

Mas pelas respostas das depoentes pode-se perceber que, mesmo tendo conquistados sua liberdade, seu espaço na sociedade as mulheres ainda são vítimas de alguma forma de preconceito ou discriminação nos ambiente e espaços da sociedade, a capoeira não se isenta, mesmo que esta seja advinda de espaços marginais, os subgrupos que formam a capoeira, trazem suas características próprias e acabam por haver embates ideológicos, como é a fala da entrevistada 4:

*Acho que a mesma questão que a gente enfrenta na capoeira a gente enfrenta na sociedade que a capoeira é uma representação de tudo que acontece na sociedade, então existe sim, assim como tem em todos os lugares e a capoeira por ser um meio predominante masculino, a gente encontra umas barreiras, isso não impede de a gente ser feliz na capoeira não.*

Não obstante percebe-se que ainda há quem veja a mulher como um sexo frágil, incapaz e débil como afirma a entrevistada 3:

*[...] assim eu acho que as mulheres ainda são muito vistas dentro da capoeira como um enfeite como um bibelô, entendeu? Então assim, a mulher é para enfeitar a roda, mulher bonita tem que estar na capoeira, assim a gente ouve essas coisas, sabe?*

Mesmo que não pareça, essa é uma forma de preconceito velado, no qual mulheres são inferiorizadas de modo a serem tratadas como objetos. A mulher é tão capaz quanto ao homem, vê-se nas práticas esportivas diversas, vê-se no laboro diários e nos mais diferentes campos de atuação profissional. É perceptível que as competências das mulheres equivalem aos dos homens a que lhes caibam, sem a necessidade de diminuir uns aos outros.

Segundo Zonzon (2011, p. 157) “observa-se que o trato dado às capoeiristas oscila entre manifestações de desprezo ou mesmo de violência (simbólica ou real) e uma valorização da presença e da atuação femininas.”

As divergências sempre vão aparecer no âmbito da capoeiragem, no qual as desenvolvuras corpóreas, ideológicas e perceptivas serão distintas, entre um adulto e uma criança, um homem e uma mulher, entre diferenças de idades entre outras.

*[...] o que verifiquei nas minhas observações de rodas e workshops de capoeira e nas análises das conversas, entrevistas e depoimentos que coletei. Por exemplo, um contra-mestre de Capoeira Angola nos Estados Unidos ficou irritado quando eu lhe disse que notei que ele dispensara mais atenção aos rapazes do que as moças durante o seu workshop. Presumivelmente, para mostrar a sua irritação ou para retaliar, respondeu que as mulheres na roda de capoeira ainda são "adornos ou representações simbólicas" e que "não são levadas tão a sério quanto os homens" (conversa que tive com Eric Johnson, Contra Mestre Pererê, em Iowa City, 15 de outubro de 2001) (BARBOSA, 2005, p. 19-20).*

Em nossa pesquisa, foi questionado se estas já foram poupadas de algo por ser mulher na roda de capoeira? três disseram que sim e duas disseram que não. Mesmo sendo a maioria, a amostra é muito pequena para afirmar que as mulheres vêm sofrendo mais ou menos preconceitos. Contudo, uma análise de profundidade pode-se extrair elementos importantes para traçar uma visão panorâmica da realidade atual.

Nessa perspectiva, duas falas chamam a atenção uma da entrevistada 4, em que explicita:



*As vezes sim, as vezes não, acontecem as vezes você sente assim que a pessoa, que não deixam de ser uma luta, e as vezes as pessoas deixam de jogar conforme o jogo por conta disso, existe isso sim.*

Ou seja, os capoeiristas mudam a forma de jogar a capoeira, por ser uma mulher na roda, com um jogo mais brando do que se estivesse jogando com um outro homem capoeirista.

Percebe-se, às vezes, por ser uma mulher no jogo da capoeira, os jogadores homens diminui o ritmo do jogo por acharem que as mulheres não têm as mesmas desenvolturas que eles na roda. O que demonstra, também, uma forma sutil de desprezo pelo jogo feminino, numa maneira de desacreditar que as capoeiristas também são capazes de darem uma rasteira ou levarem uma rasteira.

Já na fala da entrevistada 3 que relata que:

*Os jogos você vai comprar, não esperai ai, as pessoas as vezes passam na sua frente entendeu? Te empurram, vão só te deixando de lado, e ai vão meio que boicotando a sua entrada no jogo, a sua entrada na instrumentação. Ai você fala deixa eu tocar, licença posso tocar, as pessoas não, ou então fingem que não vê você. Entendeu é um pouco complicado isso.*

O boicote masculino nas rodas de capoeira acontece com frequência, no dia da coleta de dados, foi percebido na prática o relato da entrevista 3 acima, pois a entrevista ocorreu, a partir da observação participante, anterior a roda de capoeira, que mesmo sendo um encontro feminino, com um público eminentemente feminino, os instrumentos, parte fundamental da roda de capoeira, havia presença dos homens.

O relato da entrevistada foi confirmado poucas horas depois de ela ter dado a entrevista. Tal relato e sua comprovação posterior, mostra que ainda precisa se avançar na permanência de espaços e tomar para si que aqueles espaços também as pertençam e incutir nos capoeiristas que o espaço da roda é um espaço misto, que tanto um homem, quanto uma mulher pode ocupar este com uma maestria e respeito mútuo.

Nesse mesmo processo de observação participante destaca-se que, na roda que se seguiu o berimbau, instrumento maior da roda de capoeira, ficavam transitando entre homens e mulheres e mesmo assim as mulheres tinham que insistir para que este voltasse a mão das mesmas; chegando ao ponto da organizadora ter que interromper a roda para dizer que o evento é uma “roda de

*mulheres*” a preferência seria eminentemente feminina, tanto na instrumentação quanto no jogo da capoeira.

Quando perguntado como elas viam a roda de mulheres, as respostas soaram como um alívio, como uma forma de tirar um peso das costas, a entonação das respondentes foram mais calmas e parcimônias como se dissessem aqui é o meu espaço e me sinto a vontade para isso.

**Quadro 5:** Como você vê a roda de mulheres?

Entrevistada	Como você vê a roda de mulheres?
Entrevistada 1	A roda de mulheres eu acho que é um movimento bem interessante é uma hora que todas se juntam para confraternizar não é muito comum mesmo em encontros femininos a gente tenta sempre integrar porque acho que o legal da capoeira é isso, essa integração entre homens e mulheres, crianças, jovens, mais velhos, mas eu acho bem legal quando tem um encontro feminino e roda só de mulheres. Que não é muito comum acontecer, mas que de vez em quando acontece.
Entrevistada 2	Eu acho que as mulheres elas tão conseguindo, já conseguiram na verdade seu espaço a roda de capoeira é um lugar que é... Ele tem um lugar para todos então a mulher quando ela se esforça e treina... Ela... A roda de capoeira tá lá pra ela poder desempenhar o mesmo papel que os homens tanto no toque, quanto no canto, quanto no jogo.
Entrevistada 3	Então, eu acho o seguinte, eu acho que a roda de mulheres, eu acho que é um elemento importante, porque eu acho que as mulheres tem sim que se encontrar, tem que conversar, tem que debater, entendeu? As mulheres, elas tem que dialogar e precisam socializar todas as fragilidades que elas sofrem, todas as fragilidades que elas tem, as dificuldades que elas tem no universo da capoeiragem. Eu acho que isso precisa acontecer, mas eu acho que não pode ficar só na roda de mulheres, eu acho que isso precisa expandir. Até porque não só na capoeira, mas no mundo a gente convive com homens o tempo todo. Então assim, não são só mulheres que precisamos tomar consciência, e precisamos lutar pelo nosso espaço, mas os homens precisam entender que nós temos um espaço, que nós estamos lutando por ele, mas eles precisam entender que esse espaço é nosso.
Entrevistada 4	Então, todo movimento que, faz a gente, antigamente eu tinha preconceito em relação a isso porque eu sempre achei que a capoeira é um meio democrático que existe e espaço para todo mundo e também eu não acho muito interessante essa segregação de gênero, sabe? Eu prefiro misturado ali mesmo, tem espaço pra todo mundo. Então quando eu comecei a aceitar um pouco essa questão de encontro feminino foi mais pela... eu era contra aí depois eu pensei, não mas tem coisas positivas ali e a gente encontra mulheres que já estão a mais tempo que a gente, que já passou pelas coisas que nós passamos, e aí a gente consegue se espelhar, então eu mudei, amadureci mais essa visão, mas pra mim tem que ser tudo misturado que aí a coisa acontece.
Entrevistada 5	Olha, eu vejo num ponto bem positivo. Veja bem, na minha altura eu era muito solitária no mundo da capoeira. E hoje voltando pro Brasil, que eu passei 19 anos fora, quando eu retorno ao Brasil porque a aceitação de mulheres lá é enorme, lá fora na Europa né? Digo assim porque foi pra lá que eu dominei, foi pra lá que eu tive, então eu acho muito bacana. Esse nosso encontro está sendo super vitorioso, para as meninas se

	conhecerem, pra gente entrar mesmo no mundo de vez da capoeira que a gente, a mulher ta na capoeira, mas ainda sobressai pouco. Sabe esses encontros, eu vejo por esse lado positividade, porque a gente está se encontrando, a gente está se conhecendo e o trabalho é um só, porque eu não to trabalhando pra mim, eu to trabalhando em prol da capoeira. E isso como eu to a tanto tempo na capoeira eu vejo que a capoeira só tem a ganhar. Acho que as meninas estão interagindo, ta super bacana, a aceitação da mulher na capoeira a cada dia é notório, é em massa e está sendo bem bacana. Pra mim é positivamente, cara não tem o que reclamar.
--	---

Fonte: pesquisador (2016)

As respostas aqui forma colocadas na integra pela profundidade da colocação e como elas se vêem no processo da capoeira, e tendo a responsabilidade de um espaço somente delas que, teoricamente, não tem a influência dos homens, assim, há a possibilidade de fazer uma análise com mais profundidade.

Na fala da entrevistada 1 percebe-se um entusiasmo com relação à roda de mulheres, que um espaço só delas pode influenciar positivamente outras mulheres assim como encorajá-las a prática da capoeira, como um efeito cascata. Assim, sob a ótica da entrevista a roda de mulheres é um encontro positivo e um espaço de interação entre elas.

Para a entrevistada 2, a roda torna-se um espaço de conquista e de por a mostra que as mulheres só precisam de uma oportunidade para mostrarem que também são capazes, que também podem desempenhar papéis semelhantes, que são tão competentes, sabem tocar, cantar e jogar tão bem quanto aos homens. Dessa maneira a roda passa a ser um espaço de afirmação feminina na capoeira.

Para Bezerra (2013) o Encontro Feminino de Capoeira reúne mulheres das distintas vertentes da capoeira e traz outras mulheres capoeiristas do Brasil para ministrar oficinas e compartilhar suas experiências nas rodas do mundo. O Encontro também tem a perspectiva de homenagear as capoeiristas mais antigas por seus feitos e contribuições à capoeira, assim como é feito nos eventos tradicionais de capoeira na intenção de prestar reverências aos capoeiristas mais antigos.

Já a entrevistada 3 entende o espaço da roda de mulheres como um espaço de afirmação social e de luta, um espaço de troca de saberes, no qual as capoeiristas se apóiam de forma significativa, reafirmando e intensificando que a roda é também um espaço de luta, um espaço de poder e entende que as conquistas por esse espaço precisa ser ampliada e intensificada.

A entrevistada 4 mesmo com resistência à roda de mulheres, percebe a importância e a necessidade de se ter um espaço da mulher dentro do universo da

capoeira. Essa oposição à roda de mulheres, também pode ser analisado de forma que muitas mulheres vêem essa arte/luta como um local de união por sua forma circular, no qual todos tem o seu valor, e que este, se faz reconhecido pelos seus membros.

Nesse contexto, a entrevistada 5 traz o seu relato de experiência, na qual mostra a necessidade de se ter um espaço específico na capoeira, demonstrando a solidão de ser mulher capoeirista, tendo que buscar outros rumos, outros locais, que melhor se encaixa. Mesmo com tais adversidades, a entrevistada demonstra uma satisfação nas rodas de capoeira.

Num panorama maior, vê-se que o espaço do corpo feminino, gera uma satisfação coletiva às capoeiristas, na qual estas mulheres podem se ver e se espelhar de forma positiva, influenciando outras mulheres a partir do seu comportamento, da sua persistência, movimentação e aspectos diversos, trazendo para o mundo da capoeira elementos sob a ótica de gênero que demonstre, não uma superioridade, mas uma equidade de gênero no espaço da capoeira e suas vertentes.

Depreendemos que a roda de mulheres, também pode ser entendida como um espaço de luta e de reafirmação da identidade feminina, sem a necessidade, como no passado, de rotular como “masculinizadas”, “sapatão”, “marginais” e outros termos chulos atribuídos às mulheres capoeiristas, refletindo, com isso, a conquista pelos espaços, liberdade sobre o seu corpo e nos papéis desempenhados nos grupos de capoeira.

Segundo Silva (2007) Pode-se observar que para a mulher ser valorizada no ambiente da Capoeira ela deve ter um comportamento masculino, como tomar uma bebida alcoólica em um bar, retirando-lhe as características de feminilidade e reforçando os papéis atribuídos aos homens e às mulheres na sociedade.

Quando perguntado se elas saberiam descrever qual o papel delas no grupo de capoeira, quatro das entrevistadas verbalizaram serem continuadoras da capoeira, tanto no aspecto do treino, quanto na representatividade da capoeira, seja no espaço do treino ou nos complexos trabalhos administrativos dos seus respectivos grupos. Contudo a entrevistada 3 relata que:

*Eu penso muito assim, eu comecei a fazer capoeira muito por uma questão identitária, de fortalecimento mesmo da cultura negra. Porque eu me reconheço como uma mulher negra, eu fui criada como uma menina negra, a minha família são todas de mulheres negras guerreiras, que foram sempre matriarcas nas suas famílias, que sempre fizeram de tudo, mães solteiras*

*que sempre tomaram de conta de suas próprias vidas sempre tiveram suas vidas em suas mãos, mas mesmo assim essas mulheres sofreram muito preconceito. Então quando eu comecei a fazer capoeira, eu pensei que a capoeira poderia ser mais um instrumento pra me fortalecer diante da sociedade, aí eu percebi que dentro da capoeira também existia o preconceito, que a capoeira na verdade, a roda de capoeira ela é o micro espaço dentro do macro que é o mundo, que é a nossa vida. Então, hoje depois de toda a minha trajetória estudantil, profissional, que eu ainda venho desenvolvendo, claro, mas hoje eu percebo o meu papel, como uma pessoa que pode trazer um outro olhar, uma outra reflexão, entendeu? Sobre, não só sobre o papel da mulher na capoeira, mas sobre a representação da capoeira sobre a vida das pessoas, seja homens, mulheres, crianças, e a importância que a capoeira pode trazer, como veículo, como instrumento de transformação social, de mudança de paradigma, de pensamento de a gente quebrar mesmo com alguns conceitos já muito naturalizado e arraigado. Eu acho assim, que dentro da capoeira o meu papel é esse, o de talvez ser uma, eu não gosto muito desse termo multiplicadora, militante. Uma militante não só da causa da mulher, da mulher negra na capoeira, até porque existe uma diferença entre a mulher branca e a mulher negra no ambiente da capoeira, e todas as minhas falas eu deixo isso bem claro, mas eu acho que seria isso, é uma militância mesmo, na luta, no combate a violência a violência sexual, a violência moral, essa violência afetiva que as pessoas querem sempre cercar a gente, pra gente achar que não existe violência.*

As questões pessoais em algum momento, acabam por perpassar os grupos sociais, a fala da capoeirista 3 demonstra uma luta, uma militância de gênero no que concerne o papel das mulheres nos grupos de capoeira, uma vez que, para a sua participação e permanência a mulher precisa vencer algumas barreiras impostas tanto pela sociedade quanto pelo ambiente que se insere.

A percepção descrita na fala da entrevistada 3 reflete uma busca pessoal, identitária, de gênero e de militância, no qual o papel das mulheres podem ser confundido ou ofuscado de forma a não se reconhecerem e nem reconhecerem os seus pares. Assim, a busca pela transformação social por intermédio da capoeira, perpassa as buscas das questões pontuadas pela entrevistada de modo a se sentirem confortáveis nos seus papéis e dessa forma se reconhecerem enquanto protagonistas de suas escolhas nos espaços diversos.

A luta constante contra as violências sofridas no cotidiano da mulher não as isenta por serem capoeiristas, mães, formadas ou não; essa temática é constantemente relatada por diversas mulheres em etnias, classes sociais, níveis de escolaridade diferentes em diversas partes do mundo. Na capoeira, essa expressão da questão social, pode aparecer de forma sutil, vil e acabar por deslegitimar a mulher não só no espaço da capoeira, mas em diversos movimentos e espaços.

Quanto a participação de movimento em prol da capoeira, todas as entrevistadas disseram participar do grupo no qual são alunas. No caso da

entrevistada 3, por conta da sua formação acadêmica (mestra), esta, participa de seminários, e outros eventos externos. A capoeirista 4 criou seu próprio movimento na internet, inicialmente num blog, expandindo para o Facebook, que saiu do mundo virtual para a vida real; esta, tem uma roda para desmistificar alguns elementos, como o cantar na roda, o tocar, o jogo da capoeira, com o intuito de interagir e quebrar o gelo, principalmente, dos iniciantes.

Vê-se que as mulheres na capoeira buscam meios para exercer com afinco papéis diferenciados no universo capoeirístico, no qual são apresentadas, por elas, outras formas de ocuparem os espaços da capoeira nem o embate de frente com os homens, como num jogo, a cadência, a mandinga, e o balanço da capoeira são técnicas para ludibriar o adversário e permanecer-se no jogo; as mulheres utilizam-se de técnicas semelhantes para ocuparem e consolidarem seus espaços, como no grau de escolaridade, movimento feminino na capoeira, na participação de eventos externos, acadêmicos, seminários e outros.

O aperfeiçoamento das técnicas de jogo, por si só, não garante um lugar na capoeira e nem na sociedade como um capoeira. É preciso avançar, nos aspectos cognitivos, na ampliação da rede, na ocupação dos espaços, e nas diversas áreas dos saberes e atuação.

A saber, se elas já tinham sido beneficiadas por conta da capoeira, foi unânime as respostas quanto ao condicionamento físico, sendo o maior ganho delas. Também, foi relatado o ganho quanto a interação social, vencer a timidez e a questão da auto-estima.

Ou seja, a capoeira ajuda a transpor a barreira do medo, da vergonha não só de si mesmo, quanto do outro, elevando o reconhecimento e permitindo que a praticante avance no processo de aceitação do seu corpo e da sua satisfação corporal e pessoal. *“Ela trabalha muito essa questão da auto-estima, ela trabalha o corpo, a consciência corporal, você conhecer o seu corpo saber dos seus limites, das suas angústias corporais [...]”* (Fala da entrevistada 3).

Por esses motivos, a capoeira acaba por se transformar num espaço de luta das mulheres, como afirmam as entrevistadas:

*Como um espaço de luta, bom a capoeira ela é uma arte, ela é uma luta nós fazemos jogos [...] espaço de luta onde a gente mostra realmente que a gente é capaz, que a gente pode, que a gente consegue se sobressair mesmo sendo mulher (ENTREVISTADA 1).*

*Claro, acho que a roda de capoeira, é o espaço mais específico da luta, das mulheres, porque na roda que a gente tem que cada vez mais, meio que provar que a gente é capaz, que a gente a gente pode, que a gente está ali pra dividir aquele espaço. Não estou querendo o espaço só para mim não, to querendo dividir. Porque a gente precisa provar que a gente toca, a gente precisa provar que a gente joga, a gente precisa provar que a gente sabe falar, a gente precisa provar que a gente sabe portar como uma verdadeira capoeirista. E dizer para as pessoas que eu jogo bem, mas não é porque eu jogo que nem homem não, eu jogo bem porque eu jogo que nem mulher, porque sou mulher. Então eu acho que é o espaço central da luta (ENTREVISTADA 3).*

*Que a gente pensa em luta tem a questão da arte marcial e tem a luta mesmo do contexto social em si [...] (ENTREVISTADA 4).*

A afirmação da capoeira como um *lócus* da luta feminina neste universo, percebe-se a intensidade e a busca por locais de interação interpessoal não no aspecto de gênero, mas no âmbito geracional e étnico.

Só ser capoeirista parece não ser suficiente, há a necessidade de ser capoeirista e lutar para ser capoeirista, com a finalidade de reafirmar a posição de ser mulher e capoeirista. Percebe-se que as mulheres, ainda, sofrem preconceitos e discriminação na capoeira, talvez por serem minorias, ou pelo fato de serem mulheres, bem como por escolherem essa arte/luta para praticarem.

*As vezes, eu acho que elas acabam sofrendo preconceito [...] pelo fato de ser um ambiente ainda masculino [...] (ENTREVISTADA 2)*

*Com certeza. Com toda certeza elas sofrem mais. Nós sofremos mais preconceito e discriminação que os homens. Até porque assim, a nossa sociedade é uma sociedade machista. E o ambiente da capoeira ainda é um ambiente muito masculinizado e por isso muito machista. Como eu te disse assim, são pouquíssimos homens que eu consigo conversar e reconhecer esse olhar sensível, e esse olhar sensível nesse sentido de reconhecer as mulheres como integrantes, como capoeiristas, porque muitos homens que vêem as mulheres não como capoeiristas ela ta aí só para arrumar namorado, ela ta aí só para fazer uma gracinha, pra enfeitar a roda. E não é. Eu não estou nesse espaço pra isso. Apesar de eu ter conhecido meu marido na capoeira, mas não era pra isso assim, não era esse o objetivo (ENTREVISTADA 3)*

A presença feminina no ambiente da capoeira parece incomodar os homens de alguma maneira, por vez, no relato da entrevistada 3, pode-se perceber que não só o machismo, mas falas preconceituosas e carregadas de discriminação às mulheres capoeiristas são corriqueiras; assim, as capoeiristas tendem a mostrar na roda sua técnica, que sabem jogar, cantar e tocar. Contudo, algumas vezes, estas, são excluídas, não tendo espaço para mostra que também são capazes de jogar, cantar e tocar numa roda de capoeira.

Ainda assim, não só nesses aspectos, percebe-se que a mulher se talha quando, por exemplo, se torna mãe, ou num relacionamento entre capoeiristas, o machismo mostra-se mais voraz como relata a entrevistada 5:

*Tipo assim, tem um casal né? O casal é casado, tem lá um filhinho, aí o filho adoece, dia de treino que é que fica? A mulher. E porque o homem não pode ficar? Se a gente tá lutando por um todo então já tá dentro de casa. Eu só tô dando um exemplo bem de perto. Nada muito longe, nada que você não veja. Então, aí pra mim já é uma discriminação (ENTREVISTADA 5).*

Neste relato pode-se ver que as capoeiristas abrem mão do jogo, muitas vezes por conta do companheiro, para cuidar da prole ou da casa, para que o mesmo possa desenvolver suas atividades normalmente na capoeira, e a mulher acaba muitas vezes por abandonar ou abrir uma lacuna ampla de tempo até que tenha autonomia para voltar aos treinos de capoeira.

Não é incomum, encontrar tais situações vê-se que as mesmas estão cada vez mais críticas em relação à divisão sexual do trabalho, os papéis sociais e irrompendo com a barreira cultural impostas a elas.

Desta forma,

A capoeira mostra-se como mecanismo de refutação por parte dessas mulheres. Ao praticarem capoeira, e ao tomarem o espaço das ruas, socialmente atribuído como sendo o espaço dos homens, essas mulheres se rebelam ao sistema de opressão, de dominação, de supremacia do gênero masculino, rompem com o padrão estabelecido de que o espaço da mulher é o espaço doméstico, bem como empodera e lhe permite autonomia sobre seu corpo (ALBUQUERQUE, 2015, p. 8).

Nesse cenário da atualidade do mundo moderno, ter autonomia não garante por si só à permanência nos espaços, mas precisa-se entender-se e sentir-se pertencente a ele, de forma a modificar o meio para a aceitação desse novo membro. Assim como afirma a entrevistada 4:

*[...] e hoje a galera já está com a mente muito aberta, já está reduzindo bastante essa questão do preconceito.*

Mesmo com os avanços nas conquistas sociais femininas, ainda precisa-se trabalhar as questões plural, de os espaços serem ocupados por diferentes pessoas com pensamentos e ideologias distintas e que numa sociedade, independente de como ela seja formada, sempre haverá uma distinção por diferentes fatores. Nesse aspecto o respeito e a boa convivência passam a ser fatores de extrema relevância e a porta de entrada para outras conquistas e ótimas relações.



Foi perguntado quem era a mulher em que elas se espelhavam, e se havia alguma capoeirista que elas tinham como ícone; foram apresentadas vários nomes sendo capoeiristas da antiguidade, assim como da atualidade, exemplo: Contra-Mestra Zanga do grupo Abadá, Dandara dos Palmares, Rainha Nzinga, Mestra Silvia de Londres, Mestra Edna, Gegê Pogê, uma angoleira, Mestra Janja, Mestra Paulina, Denise Botelho, Contra-Mestra Sabrina, Mestra Mara, Contra-Mestra Rose.

Essas mulheres estão presentes no imaginário popular brasileiro, suas façanhas aparecem nas cantigas de Capoeira e em demais manifestações populares: “Dona Maria do Camboatá, ela chega na venda, ela manda botar, Dona Maria do Camboatá, ela chega na venda e dá salto mortá, Dona Maria do Camboatá, ela chega na venda e começa a gingar”, “Salomé, Salomé, Capoeira é pra homem, menino e mulher”; “Ai, ai, Aidê, joga bonito que eu quero aprender” (FILHO; MURICY, 2016, p. 45).

Dos nomes citados pelas entrevistadas, percebe-se que desde a antiguidade, com a Rainha Nzinga e Dandara dos Palmares, algumas capoeiristas têm como espelho os modelos de lutas femininas, estas que marcaram a história com luta e garra pela sobrevivência pessoal e do seu povo. Alguns nomes como, Mestra Paulinha, Mestra Janja e Denise Botelho, são pessoas do meio acadêmico que levaram a capoeira para o meio da ciência, como instrumento de pesquisa pessoal, todas são Doutoradas e capoeiristas.

Não só pela capoeira desenvolvida, mas também pela forma que escolhera para sua atuação estas capoeiristas são reconhecidas e espelhadas, como relata a entrevistada 3:

*Têm algumas. A mestra Janja é uma delas. É uma pessoa que eu admiro muito, muitíssimo. Não só pela mulher que ela é, mas pela capoeirista, pela estudiosa, porque é uma pessoa que batalha muito é uma pessoa guerreira, é uma pessoa que fala as coisas com vontade. Ela tem uma verdade na fala dela porque ela fala com propriedade aquilo. Todas as vezes que a ouvi falar, que eu tive a oportunidade de estar próximo a ela e a ouvir falar eu sentia essa verdade porque ela fala associando o coração com a razão ela consegue fazer essa associação. E aí eu sinto muita verdade nas coisas que ela fala. Mestra Janja que é capoeirista. A própria Denise Botelho, que é também capoeirista, ela tá um pouco parada, mas por problemas de saúde, joelho e tudo, mas é uma pessoa na qual eu me espelho muito e tem também a contra-mestra Sabrina, que é do grupo que eu participo Beribazu. Que é uma pessoa também que eu considero uma pessoa bastante sábia no universo da capoeira, uma mulher muito batalhadora, que vence muitos desafios, que mata um leão por dia pra poder tá no lugar que ela tá e se afirmar e afirmar o valor das mulheres na capoeira (ENTREVISTADA 3).*

Vê-se que a capoeira não cochilou no tocante às questões femininas, estas acharam outros meios de esboçarem todo o seu conhecimento e suas vivências

capoeirísticas. As mulheres sempre buscaram outros meios de se sobressaírem no que concerne a sua posição na sociedade, uma vez que o machismo tentou apagar a atuação feminina de diversas maneiras.

As lutas femininas são diversas, dentro de casa, no trabalho, na dupla ou tripla jornada, nas questões educacionais, nos esportes, no lazer e, não obstante, na capoeira. Não é apenas reconhecimento pessoal, é um reconhecimento moral, civilizatório, autônomo e muitas outras formas de reconhecimento e, para além do reconhecimento, o que é uma questão de emancipação e empoderamento.

Nesse sentido a luta das mulheres não se reclusa somente no ambiente da capoeira, ela transpassa as fronteiras da arte/luta, e emaranha no cotidiano destas mulheres, por isso se espelham-se e são espelhadas, num *looping* de auto-fortalecimento, reconhecimento e sentimento de pertencimento.

Apesar de cada vez mais aumentar o número de mulheres presente nos grupos de capoeira, este ainda é um espaço socialmente atribuído ao masculino. Ouvir os relatos de situações opressivas, me fez sentir que antes de mais nada, elas são mulheres resistentes. Resistem por que buscam protagonismo, não somente dentro da capoeira, mas protagonismo dentro de sua própria realidade. Elas querem e podem ser mestras, mestras de capoeiras e mestras de suas vidas (ALBUQUERQUE, 2015, p. 9).

Como última pergunta foi questionado se elas gostariam de relatar algo que eu não havia perguntado, deixando-as a vontade para falar o que quisessem o quadro a seguir apresentam as respostas das entrevistadas:

**Quadro 6:** Há algo que você gostaria de relatar que eu não te perguntei?

Entrevistada	Resposta
Entrevistada 1	Não quis acrescentar nada.
Entrevistada 2	Só um recado para as mulheres, que não se sintam acanhadas que o espaço está aberto que elas podem sim desempenhar todos os papéis que os homens estão desempenhando é... Tocando bem, jogando bem, treinando bem e ser feliz ai na capoeira.
Entrevistada 3	Eu só queria deixar isso registrado assim, que essa reflexão sobre a presença o papel das mulheres na capoeira, ela não pode ser uma reflexão só feminina, ela precisa ser uma reflexão masculina também, porque os homens também precisam fazer parte dessa reflexão, eles também precisam entender que esse espaço também são das mulheres e que assim, claro que a gente vai pro embate eu não tenho medo de ir pro embate não, se precisar ir pro embate a gente vai 30, 40 vezes não tem problema. Mas eu acho o seguinte, porque às vezes a gente vai pro embate e falando sempre as mesmas coisas com as mesmas pessoas. Porque as vezes algumas pessoas se recusam sequer a parar pra pensar, entender isso. Então, só queira deixar isso, nós mulheres precisamos nos apropriar não só desse discurso mais dessa prática e empoderamento, acho que esse é um espaço nosso, mas os homens também precisam estar sensível a esse olhar, os homens precisam

	<p>sensibilizar, porque os homens também dão aula pra mulheres, os homens também convivem com mulheres, os homens também tem mulheres as vezes em casa, no ambiente de trabalho ou em outros ambientes. Então assim, se os homens se sensibilizam, refletem sobre essas questões a gente consegue ter um resultado melhor e talvez assim a gente consiga ter menos violência, porque o problema que eu vejo disso tudo é a violência que gera, talvez se não gerasse violência não sei, mas gera muita violência e cada vez mais as mulheres é que sofrem com essa violência não são os homens e assim, pedir encarecidamente que as mulheres também que são mães que eduquem os seus filhos homens porque se os homens são assim é porque eles foram educados dessa forma, então essa responsabilidade também é nossa. Então assim, mulheres que são mães procurem educar seus filhos homens e mulheres pra essa cultura da paz, do respeito ao outro a outra, do saber lidar com as mulheres, saber lidar com a menina desde a infância, porque eu acho que isso é importante, isso é uma coisa que a gente precisa aprender na infância.</p>
Entrevistada 4	<p>Me vem um gancho aqui que é inclusive nessa página aqui do Capoeira Magia Grande, no dia das mulheres do ano passado eu fiz uma publicação assim. 5 sintomas de preconceito contra a mulher na capoeira não sei se eu vou lembrar os 5. Mas normalmente quando entra um homem e uma mulher na roda, a pessoa ela vai comprar ela tira a mulher pra jogar com o homem. Questão da instrumentação, as vezes você pede para cantar, que tem a formação, estrutura da roda e a bateria que são os instrumentos, e ai você pede pra cantar e a pessoa ai chega um homem e pede ai ele passa para o outro homem. Hoje aqui em Brasília já não acontece tanto porque as pessoas já me conhece e tal, mais isso existe também. Outra coisa, a capoeira se dá em roda como eu acabei de dizer, e as vezes as pessoas estão jogando quando sai ficam na frente da mulher, tem aquele bando de bombadão assim, ninguém fica na frente do bombadão não né? Fica na frente da mulher pequenininha ali. essa questão que você perguntou do jogo, até lá na pagina se você quiser acessar tem uma discussão a respeito disso. Homens falando: ah! Eu não gosto de jogar mesmo. Acho que vai até ser interessante você ter uma visão de outras pessoas e eu até converso com ele e a questão ele: ah, eu não vou jogar porque eu não gosto de jogar porque é diferente e tal, eu falei não se você, por exemplo, eu no caso do meu grupo sou eu e o professor promessa, nós temos a mesma graduação, o porte físico dele da 5 do meu, mas no jogo a gente joga de igual para igual. A gente treina a mesma banda, a mesma rasteira. Lógico que eu não vou disputar um chute... se ele me der um chute... se eu der um chute na costela dele vai machucar, mas se ele der na minha vai fraturar, mas isso não impede, a questão do respeito, o jogo, a banda, a rasteira, um martelo a gente joga de igual para igual, jogando a capoeira em si, que a capoeira é uma luta de perguntas e respostas e tal, então é saber lidar com isso, e o último eu esqueci, mas você vai acessar lá e está lá.</p>
Entrevistada 5	<p>É muito difícil no mundo da capoeira. não é fácil conciliar o lado profissional, o lado mãe, o lado capoeira e o lado diversão. Porque a gente também procura a diversão ta dentro da capoeira que é o nosso profissionalismo, também, mas, é muito difícil, para a mulher fazer isso tudo. Eu sou pai e mãe, profissional da capoeira, faço minha faculdade, e ainda tenho que fazer a parte de lazer com a minha filha, fazer outras coisas que estejam fora do contexto da capoeira. E aí é difícil! Essa busca é muito difícil. Eu to lotando, eu já to com 51 e fui mãe aos 34, então sempre tive medo de fraquejar, e fico agarrando com unhas e</p>

	<p>dentes mostrando pra minha filha tentando fazer da minha filha uma moça com personalidade, uma pessoa para a sociedade, com personalidade, inteligente que é difícil ta (super) tudo muito difícil. Eu quando deixei o Brasil, eu deixei pra fazer minha faculdade la fora, não consegui. Porque quando eu tinha dinheiro, eu não tinha tempo; e quando eu tinha tempo eu não tinha dinheiro. Então, foi muito difícil conciliar, tanto é que eu só fui mãe aos 34. Foi quando eu falei não acho... pronta ninguém nunca ta, né? Mas ai eu optei, por naquele ano eu perdi minha mãe. Foi uma altura muito difícil da minha vida, outra barreira. Perder minha mãe, 5 pessoas no mesmo acidente, sabe? Foi uma luta árdua de lá pra cá. Tentando fazer a minha filha crescer com dignidade. Então não é fácil. O que eu deixo aqui para as pessoas é que, ser mulher na capoeira não é simples. Ser mulher na capoeira a gente tem que ta em busca de “ns” coisas, sabe? As vezes quando a mulher se casa, o marido, primeira coisa, pede para se afastar do mundo da capoeira, porquê? Porque está em contato com vários homens, sabe? Mas não é porque eu estou em contato com aqueles vários homens; os homens, os maridos têm que entender que eu estou me dando para aquele meu colega de trabalho, não, ali nós somos contemporâneos. Eu estou em contato contigo, mas é um contato de treinamento, nada mais além daquilo por que nós mulher nós temos que saber nos impor é nessa altura. Ai eu tenho um lema no meu evento que é: “a postura feminina no mundo capoeirista” porque eu tenho que da o meu respeito se eu quero que você me respeite, dentro do mundo da capoeira, no jogo, no contato físico, nós temos contato físico, o treino tem contato físico, a gente tem que se pegar e tal. Então, mas se eu tiver a minha postura pronta, eu não vou ter problema algum de me relacionar com nenhum colega de treinamento. Acho que ta ai sabe? Acho que é muito por ai. A mulher tem que se desembaba, tem que fazer aparecer. Temos que mostrar ao mundo masculino que nós também conseguimos... hó o evento feminino. Nós podemos, nós conseguimos, porque nós somos competentes.</p>
--	---

Fonte: pesquisador (2016)

Percebe-se na fala das entrevistadas que elas se emponderaram o que na pesquisa deixou evidenciado que a conquistas pelo espaço delas é uma luta constante. Assim, as mensagens finais, são todas de auto-afirmação, exceto a entrevistada 1 que não quis declarar nada, mas, as demais, deixaram uma contribuição rica sobre a luta das mulheres e suas conquistas.

Os relatos das 4 entrevistadas suscitam o que as mesmas já passaram pelo processo de entrada até a permanência em seus respectivos grupos e em sua jornada na capoeira; no qual a persistência e a observância sou pontos a serem levados em consideração.

Mesmo que se tenha avançado ainda há uma persistência machista assombrando a desenvoltura desses corpos femininos. Entende-se como corpo feminino, porque algumas vezes, as mulheres acabam por ceder dos seus aspectos de feminilidade para permanecer nos grupos de capoeira, afetando muitas vezes a sua identidade.

Perder os aspectos corpóreos da feminilidade não se faz alusão somente na questão estética, mas nas ações com outras pessoas, no *modus operandi* cotidiano, refletindo muitas vezes no ambiente de trabalho, nas escolhas pessoais e profissionais.

O pedido – quase uma suplica – das entrevistadas para que as capoeiristas sejam fortes e perseverantes na capoeira, não se torna um fator que as isentam de suas tarefas, como ser mãe, esposa, dona de casa, profissional, trabalhadoras, dentre outras, mas que incutam que as responsabilidades também podem ser divididas para que esta mulher possa continuar traçando seu rumo na capoeira.

Essas mulheres têm estudado a Capoeira e se dedicado à sua prática, contribuindo diretamente com seu ensino-aprendizagem, legitimando o espaço feminino na Capoeira e suas manifestações. Porém, apesar dos avanços e reformas políticas nos mais diversos aspectos da vida da mulher, em especial da mulher trabalhadora, a única forma de emancipação concreta das mulheres em sociedade é através da superação do capitalismo e do fim da sociedade de classes (FILHO; MURICY, 2016. p. 46).

Reconhecer que os papéis podem ser divididos, não as tornam mais frágeis, mas fortalecem seus vínculos e empoderam cada vez mais as mulheres, permitindo que estas alcem outros patamares e se consolidem como autônomas e independentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres na capoeira destacam-se por sua exuberância e sua persistência, vê-se que estas mulheres além da sua luta diária e da sua perseverança, são resilientes, pois mostram uma garra além das suas capacidades para reafirmar-se nos espaços da capoeira.

As hipóteses aqui levantadas foram comprovadas a partir da pesquisa feita com as capoeiristas, no qual, foi perceptível nas falas o teor da discriminação sofrida por elas somente pelo fato de serem mulheres, mas, todavia, isso não abalou a vontade de serem praticantes da capoeira, apenas deu-lhes mais motivos para serem resilientes e mostrarem o quão talentosas são.

Por muitas vezes, a bateria fica a mercê dos homens e assim, como no *lôcus* da pesquisa fora percebido, e também, relatado pelas entrevistadas. Porém, as mesmas utilizam dos mesmos espaços como uma maneira de mostrarem sua força e manifesta por meio da roda de mulheres, como um espaço de luta e de conversas.

E, por fim, a última hipótese, no qual os pertencimentos das mesmas ao grupo de capoeira tendem a serem mais demorados por conta de fatores internos e externos. Mas, como meio de reverter tais implicações, estas mulheres, por meio de rodas de conversas e convívios traçam estratégias para que não as afastem da capoeira e assim, consolidem-se no espaço da capoeiragem.

Com base na pesquisa, pode-se perceber que as mulheres têm avançado na ocupação do espaço da capoeira, contudo, ainda há uma necessidade de acreditar no potencial feminino, uma vez que estas também fazem parte dos grupos de capoeira. A pesquisa mostrou que elas ainda são acanhadas quanto ao *lôcus* da capoeira, mas não demonstrou recuo com relação ao pertencimento.

Não obstante, estas capoeiristas apresentam uma garra para enfrentar os obstáculos que são lhes impostos e que elas viram nas rodas de mulheres um meio pelo qual podem se fortificar e unirem-se para transpor tais barreiras, demonstrando união e determinação.

Também foi percebido que as entrevistadas passaram por um processo de aceitação e de auto aceitação na capoeira, no qual a aceitação externa teve um peso muito mais relevante que a própria auto aceitação enquanto capoeiristas.

Todas elas relataram já terem sofrido preconceito ou alguma forma de discriminação, mesmo que velada ou sutil, por serem mulheres e capoeiristas, o que

elas demonstraram logo em seguida também foi surpreendente, pois estas mesmas mulheres utilizaram tais situações para poderem se organizar e assim, reivindicarem seu espaço na capoeira.

As impressões foram as mais diversas possíveis, no qual, no ato das entrevistas numa roda de mulheres também foi percebido a presença masculina, como sentinelas esperando que algo acontecesse para que eles entrassem em ação. Assim como na instrumentalidade, os mesmos ficam a cargo dos homens, tendo que ser interrompida a roda por duas vezes para que os mesmos fossem para as mãos das mulheres, até por ser um encontro para mulheres.

Com isso pode-se perceber que, mesmo que involuntariamente, a presença masculina acaba por inibir as mulheres nas rodas de capoeira não só por ser maioria, mas também pelo porte físico e ações que acabam por impelir as capoeiras e fazer com que elas não desenvolvam seu jogo.

Além exímias capoeiristas, percebe-se que as mulheres tem alcançados seu lugar de fato, mas não se pode negar que a trajetória dessas mulheres no mundo da capoeiragem não fora fácil, eis, talvez, o grande trunfo nas mãos destas, que sobressaem com tamanha beleza e expertise.

Na capoeira destacar-se não é tão simples, um toque especial, um jogo cheio de floreios, movimentos difíceis de serem executados, chegar aos patamares mais importantes da capoeira, além de outros fatores que ajudam no processo de formação de um bom capoeirista, nesse sentido as mulheres tem ganhado força, pois na técnica tem se aperfeiçoado, buscando outros conhecimentos, como atrelando o científico das academias, ao conhecimento popular de tradição oral da capoeira, com ajuda mútua a fim de consolidar-se no mundo da capoeira.

Estas têm a roda de capoeira não somente como um *lócus* de uma arte/luta, mas um espaço de lutas sociais, de discussão de resignificação de si e dos seus corpos, no qual buscam soluções coletivas em meio à individualidade, partilham de dificuldades, decisões e acontecimentos num processo de construção coletiva da subjetividade, alargam os seus círculos sociais, trazem para si a responsabilidade e numa construção mútua as tornam sujeitos ativos sociais.

Hoje, estas capoeiras se espelham nas lutas de outras do passado, que numa tentativa cruel e descabida, foram invisibilizadas, tiveram suas identidades apagadas e/ou maculadas e deram-lhes características e adjetivos que não as pertenciam,

mas as mulheres capoeiras não deixaram morrer a imagem destas e que elas as têm como um ícone no universo da capoeiragem.

Atualmente está presente na capoeira, não só o homem, assim como não só a mulher, estão presente famílias inteiras, mães, filhas, sobrinhas, netas, amigas, e um universo de particularidades que fortaleceu ao longo do tempo.

A capoeira é praticada por uma diversidade de mulheres seja na capoeira regional, na capoeira angola ou na capoterapia, da infância à pessoa idosa a capoeira recebe e acolhe todas as participantes e as inclui como um novo círculo social, a capoeira, enquanto esporte, não discrimina e nem faz acepção, mas ainda se vê alguns dos seus praticantes com tais práticas.

A resiliência feminina na história, não cansa de mostrar belos exemplos de superação, e capacidade de reagir às intempéries impostas a estas capoeiras. Mas mesmo assim estas ainda sofrem preconceitos e discriminação na capoeira, porém isso não as abala e elas as utilizam como trampolim para saltos ainda maiores.

A capoeira sob a ótica de gênero nos abre outra possibilidade de enxergar a capoeira sob diversos panoramas e desmistificar aspectos e elementos que foram consolidados a respeito deste. Assim, ao se discutir o espaço da mulher na capoeira abre-se novas oportunidades para que outras mulheres possam praticar essa arte/luta e ampliar a participação feminina nesta seara.

Vê-se que as performances femininas, no ambiente da capoeira, nos leva a questionar essa ordem societária a qual as mulheres estão inseridas, sob a perspectiva de gênero e quais os papéis delas nesses espaços, pois o que se percebe é uma lenta e gradual rotação, no qual estas guerreiras buscam ampliar seus espaços de atuação e assim consolidar-se neles.

Dessa maneira, consegue-se perceber que a defasagem histórica da mulher nesses espaços, que outrora eram considerados um espaço eminentemente do masculino, vem sendo ocupado cada vez mais com mais frequência por elas.

Não obstante, o homem também começa a enxergar com um olhar diferenciado para estas praticantes, não com um olhar de menosprezo ou de pena, mas com um olhar de parceria e de competência que estas também se desenvolvem que são capazes de desempenhar como praticantes da capoeira funções semelhantes aos homens, porém, como mulheres.

Reconhecer que as mulheres são tão capoeiras quantos os homens não diminui nenhum dos lados, pelo contrário, fortalece a categoria e engrossa o caldo



das lutas, ajudando no processo de diluição dos resquícios de um passado obtuso. Assim, chega-se a considerar que a mulher na capoeira não desempenha apenas um papel e, sim vários papéis; estes que contribuem para o movimento da capoeira e o seu crescimento.

## REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Salvador: EDUFA, 2005.

AINLAY, Stephen C.; BECKER, Gaylene; COLEMAN, Lenita M. **The Dilemma of Difference**: A multidisciplinary view of Stigma. Editora Plenum Press: New York-NY, 1986.

ALBUQUERQUE, Elisa Távora. **Identidade, Resistência e Subjetividade**: as mulheres capoeiristas do maciço de baturité no Ceará. Disponível em: <[http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020475\\_11\\_06\\_2015\\_21-00-00\\_6555.PDF](http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020475_11_06_2015_21-00-00_6555.PDF)> acessado em: 21/08/2016.

ANDRADE, Bruno Amara. **A Capoeira Angola Na Volta Do Mundo**: Prática cultural diaspórica em jogo com a modernidade. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador-BA, 2011. Disponível em: <[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307891598\\_ARQUIVO\\_Ensaio-CONLAB-Bruno.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307891598_ARQUIVO_Ensaio-CONLAB-Bruno.pdf)>. Acessado em: 13/08/2015.

ANTUNES, Celso. **Resiliência**: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ARAUJO, Enderson. **Identidade e Comunicação**: mesa 8. In: PINTO, Ana Flávia Magalhães, *et al* (Orgs.). **V Latinidades – Festival da Mulher Afro Latina Americana e Caribenha**: Juventude negra. 1ª ed. Ed. Griô Produções: Brasília-DF, 2013.

ARAUJO, Rosângela. **Sou Discípulo que Aprende, Meu Mestre me Deu Lição**: A tradição e educação entre os angoleiros baianos (anos 80-90). Dissertação de Mestrado, USP/FE: São Paulo-SP, 1999.

AREIAS, Anande das. **O que é Capoeira**. 4 ed.: Editora da Tribo: São Paulo-SP, 1998.

ARRAES, Jarid. **E Dandara dos Palmares, Você Sabe Quem Foi?**. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questao degenero/2014/11/07/e-dandara-dos-palmares-voce-sabe-quem-foi/>> acessado em: 16/01/2016.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **A Mulher Na Capoeira**. Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies, Volume 9, 2005, pp. 9-28. Disponível em: <[https://sementedojojodeangoladf.files.wordpress.com/2014/08/mulher\\_na\\_capoeira.pdf](https://sementedojojodeangoladf.files.wordpress.com/2014/08/mulher_na_capoeira.pdf)>. Acessado em 17/01/2016.

BARRETO, José de Jesus. **Candomblé na Bahia**: Resistência e identidade de um povo de fé. Editora Solisluna: Salvador-BA, 2009.

BARROS, José D'Assunção. **A Construção Social da Cor: Diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira.** Editora Vozes: Petrópolis-RJ, 2009.

BENTO, Berenice. Apresentação. In: LEITE Jr, Jorge. **Nossos Corpos Também Mudam: A invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico.** Editora FAPESP, São Paulo-SP, 2011.

**Besouro. Direção:** João Daniel Tikhomiroff. **Produção:** Fernando Souza Dias, João Daniel Tikhomiroff, Vicente Amorim. **Roteiro:** João Daniel Tikhomiroff, Patrícia Andrade. **Trilha Sonora:** Pupillo, Rica Amabis, Tejo Damasceno. Brasil: Buena Vista Home Entertainment, 2009. 1DVD (95MIN), Colorido. Produzido por Mixer.

BEZERRA, Paula Natanny Rocha. **“Sai sai, Catarina/ Saia do mar, venha ver Idalina” Gênero e feminilidade(s) na capoeira.** 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE.

BEZERRA, Paula Natanny Rocha. **Tem Mulher na Roda? Perspectivas Feministas Sobre Relações de Gênero e Feminilidade na Capoeira.** In *Fazendo gênero 10 : desafios atuais dos feminismos : anais eletrônicos [recurso eletrônico] / Seminário Internacional Fazendo Gênero ; [organizado por Jair Zandoná]. - Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.* Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386781041\\_ARQUIVO\\_PaulaNatannyRochaBezerra.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386781041_ARQUIVO_PaulaNatannyRochaBezerra.pdf)> acessado em: 23/02/2016.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; D'ADESKY, Jacques. **Racismo, Preconceito e Intolerância.** 4 ed.: Editora Atual: São Paulo-SP, 2002.

BUTLER, Judith. **Corpos que Pensam: Sobre os limites discursivos do “sexo”.** In LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.* Editora Autêntica: Belo Horizonte-MG, 2000.

BUTLER, Judith. **O Clamor de Antígona: Parentesco entre a vida e a morte.** Ed. UFSC: Florianópolis-SC, 2014.

BUTTNER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Editora Civilização Brasileira: 8ª ed. Rio de Janeiro-RJ, 2015.

CALMON, Pedro. **História Social do Brasil, Volume 1: Espírito da sociedade colonial.** Editora Martins Fontes: São Paulo-SP, 2002.

**Capoeira Comercial EBC Philippines for Cream Silk.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YhmjxjPsKqQ&feature=related;>> Acessado em: 18/02/2016.

**Capoeira Comercial EBC Philippines.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=30HF4EdyFuw&feature=related;>> Acessado em: 18/02/2016.

**CAPOEIRA UM ESTILO DE VIDA.** Associação Desportiva Arte Cultura Capoeira, 2011. Disponível em: <  
[http://www.arteculturacapoeira.com.br/site/index.php?option=com\\_content&view=arti](http://www.arteculturacapoeira.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=105&Itemid=57)  
 cle&id=105&Itemid=57> acessado em: 02/02/2016.

**Capoeira UNICAR Comercial.** Disponível em:  
 <<http://www.abeiramar.tv/video/223/capoeira-unicar-commercial->> Acessado em:  
 18/02/2016.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira:** Pequeno manual do jogador. 9.ed. rev. atu. Editora Record: Rio de Janeiro-RJ, 2010.

CARNEIRO, Igor. **Mestre Pastinha.** 2012;  
 <<http://www.senzala.org.br/historia/bibliografia/11-mestre-pastinha.html>> acessado  
 em <05/jan/2012>

CARNEIRO, Nelson Hilário; GARCIA JUNIOR, Jair Rodrigues. **Efeito da Prática da Capoeira Adaptada para a Terceira Idade.** Colloquium Vitae, 2009. Disponível em:  
 <  
[https://www.researchgate.net/publication/267547620\\_EFEITOS\\_DA\\_PRATICA\\_DA\\_CAPOEIRA\\_ADAPTADA\\_PARA\\_TERCEIRA\\_IDADE](https://www.researchgate.net/publication/267547620_EFEITOS_DA_PRATICA_DA_CAPOEIRA_ADAPTADA_PARA_TERCEIRA_IDADE)> acessado em 28/01/2016.

CENTRO CULTURAL DE CAPOEIRA ANGOLA N'ZAMBI. **Papel D'Angola:** Capoeira Angola é para homem, menino@ e mulher..., 2007. Disponível em: <  
<http://www.midiaindependente.org/media/2007/08/390079.pdf>> acessado em:  
 02/02/2016.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia.** 6 ed. Editora Ática: São Paulo-SP, 1995.

CISNE, Mirla. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social.** Outras Expressões: São Paulo, 2012

**Comercial de Guaraná com Capoeira.** Disponível em:  
 <<http://www.abeiramar.tv/video/1297/comercial-de-guaran-com-capoeira>> Acessado  
 em: 18/02/2016.

CONDE, Bernardo Velloso. **A Arte da Negociação:** a capoeira como navegação social. Editora Novas Ideias: Rio de Janeiro – RJ, 2007.

COSTA, Kátia Regina Rebello. **De Quanto a Pluralidade Revela a Invisibilidade.** In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e Racismo.** Ed. DP et Alii | ABPN, Petrópolis-RJ | Brasília-DF, 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil.** Editora DP&A: Rio de Janeiro-RJ, 2000.

D'AMORIM, Eduardo; ATIL, José. **A Capoeira Uma Escola de Educação.** Ed. Do Autor: Recife, 2007.

DEVIDE, F. P. **Gênero E Mulheres No Esporte** – história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí, RGS: Editora UNIJUI, 2005.

**Esporte Sangrento** (*Only the Strong*). **Direção:** Sheldon Lettich. Estados Unidos: 1993 (100MIN), colorido.

ESTEVES, Acúrsio Pereira. **A “Capoeira” da Indústria do Entretenimento:** Corpo, acrobacia e espetáculo para “turista ver”. 2. ed. Editora Bureau: Salvador-BA, 2011.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio:** o dicionário do Século XXI. São Paulo, Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Preconceito.** Disponível em: < <http://dicionariodoaurelio.com/preconceito>> acessado em: 08/01/2016.

FERREIRA, Tarcísio José. **O uso da capoeira como instrumento psicossocial de inclusão.** Revista *Projeção e Sociedade*. Vol 3, Nº 2, 32-45: Brasília-DF, 2012.

FERREIRA, Tarcísio José. **O Uso da Capoeira como Instrumento Social de Inclusão.** Monografia de graduação em Serviço Social. Brasília-DF| Londrina-PR: 2012.

FERREIRA, Tarcísio José; PANFERRO, Ivani Rodrigues. **A Capoeira na escola:** A Lei 10.639/2003 como política pública afirmativa. Monografia de Graduação em Administração Pública. Águas Lindas de Goiás-GO, 2013.

FERREIRA, Tarcísio José; SOUZA, Gerson Martins. **Questão de Gênero ou Questões de Gêneros?** Diferentes visões das expressões das questões sociais femininas. In FREIRE, Silene de Moraes; GRIMMA, José Manuel; CARVALHO, Andreia de Souza (Org.). *Anais do V Seminário Internacional Direitos Humanos, Violência e Pobreza: A situação das crianças e adolescentes na América Latina hoje*. Buenos Aires, Argentina / Rio de Janeiro, Brasil, 2014.

FILHO, Vamberto, Ferreira Miranda; MURICY, Jalcia, Lima Santos. **Mulheres na História da Capoeira:** contribuição ao necessário debate sobre mulheres nas lutas sociais. Disponível em: < <http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-396573526.pdf>> acessado em: 21/08/2016.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** 1 ed. 13 reimp. Editora LTC: Rio de Janeiro-RJ, 2008.

**GEIL-Capoeira.** Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=VlfRc\\_wKowc](https://www.youtube.com/watch?v=VlfRc_wKowc)> Acessado em 18/02/2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A Produção Cultural do Corpo.** In: LORO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; \_\_\_\_\_ (Org.). **Corpo, gênero e Sexualidade:** Um debate contemporâneo na educação. Editora Vozes. 8 ed. Petrópolis-RJ, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Editora Sabotagem: 1963.

HALL, Stuart. **Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior)**. In: *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia (Orgs). **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça**: GPP – GeR, Módulo II. Rio de Janeiro: CESPE; Brasília: Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres. 2010.

HENRIQUE, Kleber. **Dandara**: A Face Feminina de Palmares. Disponível em: <<http://arquivo.geledes.org.br/atlantico-negro/afrobrasileiros/zumbi-dos-palmares/11499-dandara-a-face-feminina-de-palmares>> acessado em: 16/01/2016.

HENRIQUES, Maria do Socorro Magalhães; TEIXEIRA, Wille Faustino. **Avaliação Do Equilíbrio Funcional De Idosas Praticantes De Capoeira**. Monografia de Graduação em Fisioterapia: Universidade da Amazônia, Belém-PA, 2010. Disponível em: <<http://www.unama.br/graduacao/fisioterapia/pdf/2010.2/AVALIACAO-EQUILIBRIO-FUNCIONAL-IDOSAS-PRATICANTES-C.pdf>> acessado em 27/01/2016.

HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções – 1789-1848**. 32 ed. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro-RJ, 2013.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX 1914 – 1991. 2 ed. 51 reimp. Editora Companhia das Letras: São Paulo-SP, 2014.

INSTITUTO LADAINHA. **O Que é Capoterapia**. 2013. Disponível em: <<http://www.capoterapiaweb.com/portal/index.php/sobre-capoterapia.html>> acessado em: 11/02/2016.

JUNG, Neiva Maria. **A (re)produção de Identidades Sociais na Comunidade e na Escola**. Ed. UEPG: Ponta Grossa-PR, 2009.

**Kaiser Capoeira**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VtcmY3pAl4M&feature=related>> Acessado em: 18/02/2016.

KURY, Lorelai; HARGREAVES, Lourdes; VALENÇA, Máslova Teixeira. **Ritos do Corpo**. Editora SENAC Nacional: Rio de Janeiro-RJ, 2000.

LAGE, Cláudia; BRAGA, João Ximenes. **Lado a Lado**. Telenovela: **Direção**: Cristiano Marques, André Câmara. **Direção-geral**: Dennis Carvalho e Vinícius Coimbra. **Supervisão de texto**: Gilberto Braga. **Horário**: 18h. **Nº de capítulos**: 154 capítulos. Rede Globo. **Período de exibição**: 10/09/2012 – 08/03/2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico**. 14 ed. Editora Jorge Zahar: Rio de Janeiro-RJ, 2001.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. 4 ed. Editora Vozes: Petrópolis-RJ, 2010.

LIMA, Venício A. **Mídia, Rebeldia Urbana e Crise de Representação**. In: **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Ed. Boitempo|Carta Maior: 1 ed.: Coleção Tinta Vermelha: São Paulo-SP, 2013.

MACHADO, Sátira Pereira. **Mídia, Infância e Negritude**: Cidadania de afrodescendentes no Brasil. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e Racismo**. Ed. DP et Alii | ABPN, Petrópolis-RJ | Brasília-DF, 2012.

MARTINS, Rosana. **Processos de Identidades e Representações no Intercâmbio Transfronteiriço da Capoeira Fora do Brasil**. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador-BA, 2011. Disponível em: <[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1297710770\\_ARQUIVO\\_ARTIGO\\_doc.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1297710770_ARQUIVO_ARTIGO_doc.pdf)>. Acessado em: 13/08/2015.

MATA, João da. **A Liberdade do Corpo**: Soma, capoeira angola e anarquismo. Editora Imaginário: São Paulo-SP, 2001.

MATA, Vanessa. **Não me deixe só**. Gravadora: EPIC. Tempo: 3'06. Ano: 1999.

MATTOS, Regiane Augusto. **História e Cultura Afro-brasileira**. 1. reimp.: Editora Contexto: São Paulo-SP, 2008.

MENEZES, Lilia Benvenuti. **A Mulher na Capoeira**. Ministério das Relações Exteriores: Departamento Cultural: Revista Eletrônica: Textos do Brasil, nº 14, Capoeira, 2015. Disponível em:<<http://dc.itamaraty.gov.br/publicacoes/textos/portugues/revista14.pdf>>. Acessado em 26/01/2016.

MERCURY, Daniela. **Levada brasileira**. Álbum: Balé Mulato. Gravadora: XYZ – Net-FX. Tempo: 3'35. Ano: 2005.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e Educação: teoria e política**. In: (Org.) LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 8 ed.; Vozes: Petrópolis-RJ, 2012

**MÍDIA**. Disponível em: <[https://www.google.com.br/?gfe\\_rd=cr&ei=V3nCVvGwNaHX8genmYTwAw&gws\\_rd=ssl#q=defini%C3%A7%C3%A3o+de+m%C3%ADIA](https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=V3nCVvGwNaHX8genmYTwAw&gws_rd=ssl#q=defini%C3%A7%C3%A3o+de+m%C3%ADIA)> acessado em: 16/02/2016.

MOURA, Jair. **A Capoeiragem no Rio de Janeiro Através dos Séculos**. 2ª edição; Editora JM: Salvador – BA, 2009.

MWEWA, Muleka, VAZ, Alexandre Fernandez. **Educação do corpo em manifestação cultural afro-brasileira**: O jogo de capoeira no contexto da indústria cultura. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A Questão Social no Novo Milénio. Universidade de Coimbra: Coimbra-Portugal, 2004.

NETO, Luciano Medina. **Revista Capoeira.net: Patrimônio Histórico e Cultural**. Campinas-SP: 2ª edição, Ano I, Junho/Julho, 2013.

**Nikewomen Capoeira**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6jlnUM-LiSA;>> Acessado em: 18/02/2016.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Epistemologia do Corpo: A filosofia e a arte como atos de significação**. In: SOARES, Carmen. **Pesquisas Sobre o Corpo: Ciências humanas e educação**. Editora Autores Associados| Fapesp: Campinas-SP, 2007.

**Nokia Cell Phone Commercial with Capoeira**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=z1RHR4qH\\_WA&feature=related;](https://www.youtube.com/watch?v=z1RHR4qH_WA&feature=related;)> Acessado em: 18/02/2016.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira Identidade e Gênero: ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil**. Editora EDUFBA: Salvador – BA, 2009.

PARAFITA, Alexandre. **Histórias de arte e manhas**. Texto Editores, Lisboa, 2005.

PARÉS, Luis Nicolau. **A Formação do Candomblé: História e ritual da nação jeje na Bahia**. 2.ed. rev. Editora Unicamp: Campinas-SP, 2007.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Culturas Circulares: A formação histórica da capoeira contemporânea no Rio de Janeiro**. Editora Progressiva: Curitiba-PR, 2010.

ROCHA, Maria José Pereira. **Três Lentes para o Feminismo**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo, Marília-SP.

ROCHA, Nilton José dos Reis; VIEIRA, Pedro Ivo Freire; MUNDI, Coletivo Magnífica. **As Batalhas Simbólicas das Praças e da Guerra no Ciberespaços: A hora e a vez da comunicação compartilhada**. In: MAIA, Juarez Ferraz (Org.). **Gênero e Formatos em Jornalismo**. Ed. PUC-Goiás: Goiânia-GO, 2011.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. 7 ed. rev. Editora FIOCRUZ: Rio de Janeiro-RJ, 2006.

ROSA, Sonia. **Capoeira**. 3ed. 1 reimp. Ed. Pallas. Rio de Janeiro-RJ, 2009.

RUBIN, Gayle. **The Traffic in Women: notes on the political economy of sex**. In: REITER, R. (org) *Toward an Anthropology of woman*. New York: Monthly Review Press, 1975.

SAFFIOTI, Heleieth e ALMEIDA, S.A. **Violência de Gênero**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. **Migrações Perigosas: As (des)aventuras semânticas do conceito de Gênero nos projetos e políticas para as mulheres no Brasil**. In: (Org) GONÇALVES, Eliane; VANNUCHI, Maria Lúcia; TRÓPIA,



Patrícia Vieira; TOSTA, Tania Ludmila Dias. *Iguais? Gênero, trabalho e lutas sociais*. Ed. PUC Goiás: Goiânia, 2014

SCOTT, Joan W. **Preface a Gender and Politics of History**. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP 1994.

SENSAÇÃO. **Capoeira**. Álbum: Disco de Platina. Gravadora: Sony Music. Tempo: 2'31. Ano: 2000.

**Significado de Preconceito**. Disponível em: <  
<http://www.significados.com.br/preconceito/>> acessado em: 08/01/2016.

SILVA, Eusébio Lôbo. **O Corpo na Capoeira**, Volume 1: Introdução ao estudo do corpo na capoeira. Editora Unicamp: Campinas-SP, 2008.

SILVA, Eusébio Lôbo. **O Corpo na Capoeira**, Volume 2: Breve panorama – estórias e história da capoeira. Editora Unicamp: Campinas-SP, 2008.

SILVA, Gladson de Oliveira; HEINE, Vinicius. **Capoeira**: um instrumento psicomotor para a cidadania. Editora Phortes: São Paulo, 2008.

SILVA, Maria Palmira. **Identidade e Consciência Racial Brasileira**. In: **Racismo no Brasil**. Ed. ABONG| Peirópolis: São Paulo-SP, 2002.

SILVA, Nelson Fernando Inocêncio. **Consciência Negra em Cartaz**. Editora UNB: Brasília-DF, 2001.

SILVA, Paula Cristina da Costa ; **Imagens da mulher na Capoeira**. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife/PE. XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007. v. XV.

SILVA, Rafael Ferreira. **A Mulher na Capoeira e a Participação no Movimento de Resistência ao Sistema Racista e Patriarcal**. Caderno de Programação e Resumo [do] IV Seminário Enlaçando Sexualidade: Direito, relações etnicorraciais, educação, trabalho, reprodução, diversidade sexual, comunicação e cultura. Salvador-BA: EDUNEB, 2011.

SILVA, Rita de Cássia Alves Lotti. **A Arte Afro-brasileira**. In: RASSI, Sarah Taleb (Org.). **Negros na Sociedade Brasileira IV**. Editora UCG: Goiânia-GO, 2009.

SILVA, Robson Carlos; CALAND, Tâmara da Costa Sobral. **Inserção, atuação e permanência da mulher nos grupos de capoeira de Teresina-PI**: Notas etnográficas. Revista FSA nº 6: Teresina-PI, 2009. Disponível em: <  
<file:///C:/Users/usuario/Desktop/427-1028-1-PB.pdf>> acessado em: 02/02/2016.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Capoeira Escrava**: E outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850). 2 ed. rev. e ampl. Editora Unicamp: Campinas-SP, 2004.

SODRÉ, Muniz. **Santugri**: Histórias de mandinga e capoeiragem. 2 ed. Ed. José Olympio: Rio de Janeiro-RJ, 2011.

SOUZA, Eliane Glória Reis da Silva. **Capoeira**: sua História e as Relações de Gênero. XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro- RJ, 2010. Disponível em: <[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1273245402\\_ARQUIVO\\_SimposioDoc.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1273245402_ARQUIVO_SimposioDoc.pdf)>. Acessado em 17/01/2016.

TAVARES, José (Org.). **Resiliência e Educação**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TOMAZZONI, Marco. **"Vênus Negra" é experiência torturante**: Filme mostra história real de mulher africana explorada como atração circense. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mostracinemas/venus+negra+e+experiencia+torturante/n1237816687848.html>> acessado em: 16/02/2016.

TORRES, José Augusto Maciel; SANTOS, Carlos Alberto Conceição dos (Mestre Bozó). **Capoeira**: arte marcial brasileira. Coleção Artes Marciais; Ano 2, Nº 12: Editora On Line: São Paulo-SP, [199-].

VARIKAS, Eleni. **Igualdade**. In: (Org.) HIRATA, Helena *et al.* *Dicionário Crítico do Feminismo*. UNESP: São Paulo, 2009.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. **Resiliência**. Disponível em: <[www.reacao.com.br/programa\\_sbpc57ra/sbpccontrole/textos/sandravasconcelos-resiliencia.htm](http://www.reacao.com.br/programa_sbpc57ra/sbpccontrole/textos/sandravasconcelos-resiliencia.htm)> Acessado em: 10/07/2007.

VELOSO, Maria Caroline de Figueiredo. **Religiosidade na Capoeira Angola**: Um estudo a partir do grupo Nzinga. In: PANTOJA, Selma (Org.) *et al.* **Culturas Negras no Atlântico**. Editora UNB: Brasília-DF, 2007.

ZONZON, Christine Nicole. **Capoeira Angola**: africana, baiana, internacional. In: MOURA, M. *A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/wnm5w/pdf/moura-9788523212094-05.pdf>> acessado em: 21/08/2016.

## APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA

### ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual o seu grau de escolaridade?
- 3) Onde mora?
- 4) Há quanto tempo é praticante da capoeira?
- 5) Já sofreu algum preconceito ou discriminação por ser mulher, na capoeira?
- 6) Já foi poupada de algo por ser mulher na roda de capoeira?
- 7) Como você vê a roda de mulheres?
- 8) Qual o seu papel no grupo de capoeira?
- 9) Participa de algum movimento em prol da capoeira?
- 10) Já teve algum benefício por conta da capoeira?
- 11) Você vê a roda de capoeira como um espaço de luta, em especial para as mulheres?
- 12) Você acredita que as mulheres sofrem mais preconceitos ou discriminação na capoeira que os homens?
- 13) Quem é a mulher em que você se espelha?
- 14) Há alguma capoeirista mulher que você tem como ícone?
- 15) Há algo que você gostaria de relatar que eu não te perguntei?

## **APÊNDICE B: TERMO DE CONCENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO – TCLE**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título “**A capoeira sob a ótica de gênero: o papel das mulheres nos grupos de capoeira**”. Meu nome é **Tarcísio José Ferreira**, sou o pesquisador responsável, mestrando em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável **Tarcísio José Ferreira**, ou com a orientadora da pesquisa professora **Maria José Pereira Rocha**, no **telefone: (62) 3224-4346**, ou através do email: **tarcisioest@gmail.com**. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, pelo telefone (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, nº 1069, setor universitário, Goiânia - Goiás.

Esta será uma pesquisa que possibilitará a discussão da mulher nos grupos de capoeira, sob a ótica de gênero. Participando desta pesquisa, você poderá colaborar com o estudo investigativo sobre a capoeira sob a ótica de gênero: o papel das mulheres nos grupos de capoeira.

Percebe-se que há uma necessidade histórica e atual de se pesquisar sobre a capoeira e, em especial sob a ótica de gênero, uma vez que os relatos são quase sempre referentes ao sexo masculino e quase que excluindo as mulheres dessa arte/luta. Em virtude disso, a pesquisa busca analisar o papel das mulheres nos grupos de capoeira.

Assim, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) têm por finalidade possibilitar, aos participantes da pesquisa, o mais amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada, seus riscos e benefícios, para que a sua manifestação de vontade no sentido de participar (ou não), seja efetivamente livre e consciente. As participantes serão entrevistadas nas rodas de capoeiras onde as mesmas praticam sua arte/luta, podendo ser mudado a pedido das participantes e pré-estabelecido pelas mesmas, para deixá-las o mais confortável possível e garantir-lhes a sua privacidade. O tempo de cada entrevista limitar-se-á as necessidades de cada participante e dos relatos das mesmas em responder o roteiro, não será definido um tempo específico para as participantes, deixando-as livre para responder aquilo que lhes aprouver e de forma que as participantes disponham seu tempo para responder ao pesquisador.

Como procedimento adotado pelo pesquisador será utilizado uma entrevista para colher relatos de experiência das participantes, deixando-as a vontade para relatar somente aquilo que as mesmas quiserem relatar. Sem nenhuma intenção de adentrar a vida privada das participantes somente no tocante a prática da capoeira e o transcurso de sua vida como tal. A entrevista terá um roteiro somente para que não fuja do foco da pesquisa sem tempo predeterminado.

**Se por uma eventualidade surgir algum desconforto, constrangimento, dano físico ou psíquico o pesquisador assegurará às participantes da pesquisa assistência gratuita e pelo tempo necessário e todos os cuidados serão tomados de modo a evitar e/ou reduzir os efeitos e condições adversas.** No entanto, enfatiza-se que será tomado todo o cuidado no sentido de evitar constrangimentos e situações desconfortáveis. A aplicação da entrevista não estará expondo sua integridade física, sua dignidade humana e nem qualquer tipo de humilhação e preconceito, seja de ordem psicológica ou econômica. Sua participação é livre. Será garantido a senhora assistência integral e gratuita por dano direto e indireto, imediato ou tardio, por danos ocasionados por esta pesquisa.

O principal benefício dessa pesquisa é o de contribuir para uma investigação científica que visa promover a reflexão, o entendimento e o enfrentamento da violência contra as mulheres e o fortalecimento dessas mulheres nos grupos sociais, em especial nos grupos de capoeira localizados em Brasília-DF. Espera-se ainda, que esse estudo possa subsidiar e aprofundar os debates, reflexões e decisões sobre o exercício da prática profissional nessa área mediante o acúmulo de conhecimento que será fornecido por meio desta pesquisa.

Caso a senhora tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma de pagamento direto em espécie (dinheiro). De igual maneira, caso

ocorra algum dano decorrente da participação no estudo, a senhora será devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Os resultados da pesquisa serão apresentados em ambientes acadêmicos, que tenham relação com o tema, tais como: congressos, simpósios, seminários e mostras.

Os resultados ficarão disponíveis no PPSS/NUPESC/PUC Goiás, na Biblioteca Central PUC Goiás, Secretaria de Estado de Políticas para Mulheres e Promoção da Igualdade Racial (SEMIRA), locais em que atuam o pesquisador e as participantes colaboradores desta pesquisa e devolutiva dos resultados às participantes.

Eu, \_\_\_\_\_

RG N.º \_\_\_\_\_, abaixo assinado, discuti com o pesquisador Tarcísio José Ferreira sobre a minha decisão em participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso a tratamento hospitalar quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste Serviço.

Goiânia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Data

\_\_\_\_\_

Assinatura da responsável pelo estudo

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Data

## APÊNDICE C: RESPOSTAS DAS ENTREVISTADAS EM BLOCOS

### Resposta 1

Entrevistada	Idade
Entrevistada 1	23 anos
Entrevistada 2	26 anos
Entrevistada 3	29 anos
Entrevistada 4	28 anos
Entrevistada 5	51 anos

### Resposta 2

Entrevistada	Escolaridade
Entrevistada 1	Superior completo.
Entrevistada 2	Cursando ensino superior.
Entrevistada 3	Mestrado; - mestrado em educação, Gênero e relações étnico-raciais.
Entrevistada 4	Superior completo.
Entrevistada 5	4º semestre de Educação Física.

### Resposta 3

Entrevistada	Idade
Entrevistada 1	Taguatinga – DF
Entrevistada 2	Ceilândia – DF
Entrevistada 3	Ceilândia – P Norte, DF
Entrevistada 4	Guará – DF
Entrevistada 5	Sobradinho- DF

### Resposta 4

Entrevistada	Tempo de prática de capoeira
Entrevistada 1	5 anos
Entrevistada 2	17 anos
Entrevistada 3	11 anos

Entrevistada 4	13 anos
Entrevistada 5	34 anos

### Resposta 5

Entrevistada	Já sofreu algum preconceito ou discriminação por ser mulher, na capoeira?
Entrevistada 1	Não, pelo fato de ser mulher, não. Lógico que assim, como é predominantemente de homens, às vezes a gente se sente um pouco mais não vou nem dizer excluída assim, é porque realmente assim eles costumam dominar a roda, os treinos, mas preconceito por ser mulher eu não senti.
Entrevistada 2	Eu particularmente não.
Entrevistada 3	Sim. Muito, inclusive quando eu era criança eu parei por causa disso. Até porque as mulheres eram, assim eu acho que as mulheres ainda são muito vistas dentro da capoeira como um enfeite como um bibelô, entendeu? Então assim, a mulher é para enfeitar a roda, mulher bonita tem que estar na capoeira, assim a gente ouve essas coisas, sabe? E ai quando eu era criança eu comecei a fazer criança e ai eu com 10 anos de idade né, e ai com 11 anos aconteceu assim, geralmente as meninas menstruam, foi o que aconteceu comigo. Menstruei e de repente meu corpo sofreu uma transformação tremend, nem eu entendia direito o que estava acontecendo, e ai quando aconteceu essa transformação, eu era baixinha, gordinha, toda né. E aí, quando eu menstruei de repente parece que eu virei mulher do dia para a noite, assim no corpo. E aí começou um assédio muito forte, entendeu? E ai na verdade eu parei por causa disso. Porque eu não dava conta de lidar com aquela situações, ai eu conversei com a minha mãe. E ai ela me aconselhou, para agora né, vamos amadurecer e tudo mais e ai mais pra frente você vê. E foi o que eu fiz, tanto é que geralmente quando eu converso com as pessoas sobre isso, que hoje em dia eu falo sobre essa questão da mulher na capoeira, eu falo isso, eu falo, eu tive que parar, eu voltei para a capoeira quando eu aprendi a me defender, entendeu? Porque eu acho que esse é um processo de amadurecimento e de auto defesa mesmo, apesar da capoeira ser uma luta e a gente aprender a lutar para se defender você precisa aprender a se defender dentro da própria capoeira.
Entrevistada 4	Acho que a mesma questão que a gente enfrenta na capoeira a gente enfrenta na sociedade que a capoeira é uma representação de tudo que acontece na sociedade, então existe sim, assim como tem em todos os lugares e a capoeira por ser um meio predominante masculino, a gente encontra umas barreiras, isso não impede de a gente ser feliz na capoeira não.
Entrevistada 5	Demais... demais. O primeiro preconceito e discriminação, preconceito vou colocar assim, foi da minha família, porque teve repreensão quando entrei no mundo da capoeira. Então o primeiro



	passo foi ai dentro da família, consegui conquistar a minha mãe que não era coisa pra marginal e nem para homens e depois enes, sempre.
--	---

### Resposta 6

Entrevistada	Já foi poupada de algo por ser mulher na roda de capoeira?
Entrevistada 1	Várias vezes o pessoal assim muitos assim eles tem a consciência de que a mulher ela pela sua natureza mesmo fisiológica ela é um pouco mais frágil, então eles tem essa atenção geralmente com as mulheres.
Entrevistada 2	Não.
Entrevistada 3	Já. Inúmeras vezes porque assim, os jogos você vai comprar, não esperai ai, as pessoas as vezes passam na sua frente entendeu? Te empurram, vão só te deixando de lado, e ai vão meio que boicotando a sua entrada no jogo, a sua entrada na instrumentação. Ai você fala deixa eu tocar, licença posso tocar, as pessoas não, ou então fingem que não vê você. Entendeu é um pouco complicado isso.
Entrevistada 4	As vezes sim, as vezes não, acontecem as vezes você sente assim que a pessoa, que não deixam de ser uma luta, e as vezes as pessoas deixam de jogar conforme o jogo por conta disso, existe isso sim.
Entrevistada 5	Não. Que eu me lembre não.

### Resposta 7

Entrevistada	Como você vê a roda de mulheres?
Entrevistada 1	A roda de mulheres eu acho que é um movimento bem interessante é uma hora que todas se juntam para confraternizar não é muito comum mesmo em encontros femininos a gente tenta sempre integrar porque acho que o legal da capoeira é isso, essa integração entre homens e mulheres, crianças, jovens, mais velhos, mas eu acho bem legal quando tem um encontro feminino e roda só de mulheres. Que não é muito comum acontecer, mas que de vez em quando acontece.
Entrevistada 2	Eu acho que as mulheres elas tão conseguindo, já conseguiram na verdade seu espaço a roda de capoeira é um lugar que é... Ele tem um lugar para todos então a mulher quando ela se esforça e treina... Ela... A roda de capoeira ta lá pra ela poder desempenhar o mesmo papel que os homens tanto no toque, quanto no canto, quanto no jogo.

Entrevistada 3	Então, eu acho o seguinte, eu acho que a roda de mulheres, eu acho que é um elemento importante, porque eu acho que as mulheres tem sim que se encontrar, tem que conversar, tem que debater, entendeu? As mulheres, elas tem que dialogar e precisam socializar todas as fragilidades que elas sofrem, todas as fragilidades que elas tem, as dificuldades que elas tem no universo da capoeiragem. Eu acho que isso precisa acontecer, mas eu acho que não pode ficar só na roda de mulheres, eu acho que isso precisa expandir. Até porque não só na capoeira, mas no mundo a gente convive com homens o tempo todo. Então assim, não são só mulheres que precisamos tomar consciência, e precisamos lutar pelo nosso espaço, mas os homens precisam entender que nós temos um espaço, que nós estamos lutando por ele, mas eles precisam entender que esse espaço é nosso.
Entrevistada 4	Então, todo movimento que, faz a gente, antigamente eu tinha preconceito em relação a isso porque eu sempre achei que a capoeira é um meio democrático que existe e espaço para todo mundo e também eu não acho muito interessante essa segregação de gênero, sabe? Eu prefiro misturado ali mesmo, tem espaço pra todo mundo. Então quando eu comecei a aceitar um pouco essa questão de encontro feminino foi mais pela... eu era contra ai depois eu pensei, não mas tem coisas positivas ali e a gente encontra mulheres que já estão a mais tempo que a gente, que já passou pelas coisas que nós passamos, e aí a gente consegue se espelhar, então eu mudei, amadureci mais essa visão, mas pra mim tem que ser tudo misturado que aí a coisa acontece.
Entrevistada 5	Olha, eu vejo num ponto bem positivo. Veja bem, na minha altura eu era muito solitária no mundo da capoeira. E hoje voltando pro Brasil, que eu passei 19 anos fora, quando eu retorno ao Brasil porque a aceitação de mulheres lá é enorme, lá fora na Europa né? Digo assim porque foi pra lá que eu dominei, foi pra lá que eu tive, então eu acho muito bacana. Esse nosso encontro está sendo super vitorioso, para as meninas se conhecerem, pra gente entrar mesmo no mundo de vez da capoeira que agente, a mulher ta na capoeira, mas ainda sobressai pouco. Sabe esses encontros, eu vejo por esse lado positividade, porque a gente está se encontrando, a gente está se conhecendo e o trabalho é um só, porque eu não to trabalhando pra mim, eu to trabalhando em prol da capoeira. E isso como eu to a tanto tempo na capoeira eu vejo que a capoeira só tem a ganhar. Acho que as meninas estão interagindo, ta super bacana, a aceitação da mulher na capoeira a cada dia é notório, é em massa e está sendo bem bacana. Pra mim é positivamente, cara não tem o que reclamar.

## Resposta 8

Entrevistada	Qual o seu papel no grupo de capoeira?
--------------	--

Entrevistada 1	O meu papel dentro do grupo de capoeira, bom! Eu já pratico a 5 anos, vou pegar minha quarta corda hoje e acho que meu papel é estar tentando sempre contribuir, treinando dando o meu melhor. E contribuir para o crescimento do meu núcleo onde eu treino e ajudo sempre aos meus colegas.
Entrevistada 2	Meu papel é ser uma continuadora da capoeira.
Entrevistada 3	Eu penso muito assim, eu comecei a fazer capoeira muito por uma questão identitária, de fortalecimento mesmo da cultura negra. Porque eu me reconheço como uma mulher negra, eu fui criada como uma menina negra, a minha família são todas de mulheres negras guerreiras, que foram sempre matriarcas nas suas famílias, que sempre fizeram de tudo, mães solteiras que sempre tomaram de conta de suas próprias vidas sempre tiveram suas vidas em suas mãos, mas mesmo assim essas mulheres sofreram muito preconceito. Então quando eu comecei a fazer capoeira, eu pensei que a capoeira poderia ser mais um instrumento pra me fortalecer diante da sociedade, ai eu percebi que dentro da capoeira também existia o preconceito, que a capoeira na verdade, a roda de capoeira ela é o micro espaço dentro do macro que é o mundo, que é a nossa vida. Então, hoje depois de toda a minha trajetória estudantil, profissional, que eu ainda venho desenvolvendo, claro, mas hoje eu percebo o meu papel, como uma pessoa que pode trazer um outro olhar, uma outra reflexão, entendeu? Sobre, não só sobre o papel da mulher na capoeira, mas sobre a representação da capoeira sobre a vida das pessoas, seja homens, mulheres, crianças, e a importância que a capoeira pode trazer, como veículo, como instrumento de transformação social, de mudança de paradigma, de pensamento de a gente quebrar mesmo com alguns conceitos já muito naturalizado e arraigado. Eu acho assim, que dentro da capoeira o meu papel é esse, o de talvez ser uma, eu não gosto muito desse termo multiplicadora, militante. Uma militante não só da causa da mulher, da mulher negra na capoeira, até porque existe uma diferença entre a mulher branca e a mulher negra no ambiente da capoeira, e todas as minhas falas eu deixo isso bem claro, mas eu acho que seria isso, é uma militância mesmo, na luta, no combate a violência a violência sexual, a violência moral, essa violência afetiva que as pessoas querem sempre cercar a gente, pra gente achar que não existe violência.
Entrevistada 4	Então, eu faço parte da Associação Lagoa Azul de Capoeira do Mestre João do Pulo do Rio de Janeiro, e temos um núcleo aqui em Brasília, dentro do meu grupo eu sou uma das mais graduadas do meu professor, sou eu e um outro rapaz, e atualmente eu sou professora de capoeira. E aí o trabalho a questão administrativa não deixa de ter, mas eu também participo de tudo, instrumentação, porque eu acho que o seguinte, a gente tem que largar um pouco... a situação já é crítica, né? Já não tem muito espaço então se a gente só sentar e lamentar não vai mudar esse cenário, então eu acho que a forma tem que ser ativa mesmo, aprender a tocar os instrumentos da calo no dedo, da calo no pé,

	mas se é isso que a gente ama a gente tem que meter bronca.
Entrevistada 5	No meu grupo, eu pertencço ao grupo União na Capoeira, que ta por ai a fora, no mundão, mas eu voltei pra aqui como te disse anteriormente, to em Sobradinho, eu sou mestra de capoeira, da linha de frente de Brasília eu sou a segunda mais antiga. Porque eu sou da primeira turma do grupo União né? Então, 34 o grupo tem 34 anos, vai fazer 34 anos nós completamos 33 esse ano. E ai ta eu e o mestre Cuia, que nós somos da primeira turma do grupo. Eu sou mestra e to ai na linha de frente junto com os cordas vermelhas.

## Resposta 9

Entrevistada	Participa de algum movimento em prol da capoeira?
Entrevistada 1	Eu participo do grupo Beribazu. É um grupo que já tem mais de 40 anos que tá aí. E contribui muito no cenário da capoeira tanto aqui no Brasil, quanto fora do Brasil e que eu acho que é um dos maiores apoiadores do movimento da capoeira.
Entrevistada 2	Sim. Eu dou aulas para crianças.
Entrevistada 3	Eu participo do grupo Beribazu, eu participo do mesmo grupo há 11 anos e assim eu participo sempre de seminários, debates, quando tem assim, alguns movimentos, eu vou dou a minha contribuição teórica, a minha contribuição enquanto mulher, enquanto capoeirista, também no grupo que eu participo no núcleo eu sempre tento ta socializando com as mulheres e como os homens também, com meu marido também que é um homem capoeirista, que a gente consegue dialogar de uma forma muito tranqüila. De verdade eu achei que não fosse possível casar com um homem capoeirista que fosse compreender as questões femininas, mas ele compreende é um baita de um companheiro, então eu olho para ele e vejo uma conquista entendeu? Uma conquista não no sentido assim de ele ser meu, não é isso, mais uma conquista no sentido de poxa é possível, encontrar homens dentro da capoeira que pensem e consigam ter esse olhar sensível, esse olhar sensível no sentido de olhar o outro ou a outra e ver um ser humano e ver uma pessoa que tenha suas fragilidades, que tenha as suas potencialidades, e que tenha o seu espaço e que precisa daquele espaço, e assim, porque uma coisa é você ter que lutar pelo seu espaço, e outra coisa é a pessoa reconhecer que aquele espaço é seu e você não precisar ir para o embate direto.
Entrevistada 4	Participo. Eu sou fundadora e idealizadora de um movimento chamado capoeira Magia grande, que é um movimento que tem uma página no facebook. É um blog que depois virou uma página no facebook, e eu que encabeço e tal esse blog que o intuito é valorizar a essência da capoeira, que na capoeira é dividida por grupos, organização da capoeira por grupos e essa minha

	<p>proposta é tirar um pouco dessa vaidade da disputa e valorizar as coisas boas mesmo da capoeira, então lá eu trabalho valorizo o iniciante, o primeiro medo de entrar na roda aquela questão da insegurança de cantar, que a gente canta embaixo do chuveiro e chega lá na roda, aí meu Deus! Então eu gosto de valorizar esses detalhes que tanto enriquece. A capoeira abre portas para tantas coisas, e as vezes essas coisas ficam deixadas de lado por conta de ego vaidade e tem muita coisa para a gente trabalhar. Então, e esse blog surgiu de maneira a uma necessidade minha de busca, e não tinha ninguém com quem eu compartilhar, e eu falei há, eu vou jogar na internet aí, e alguém vai se identificar aí. E hoje já tem mais... tem 5400 curtidores, seguidores e as pessoas se identificam e agradecem os conselhos é muito legal. Inclusive, saiu da internet para a vida real, hoje eu faço uma roda no Guará que sou eu e um outro amigo que encabeçam a roda, que comandam a roda e domingo que vem vai fazer uma ano já dessa experiência vai ser lá no Guará. Dia 26, 09:00 da manhã, a agente vai fazer uma atividade semelhante a essa e que eu encabeço junto com meu amigo instrutor Pixote. Desse movimento, que surgiu na internet e foi ganhando o mundo.</p>
Entrevistada 5	<p>Olha aqui em Brasília não. Eu participo só desses encontros, eu também promovo o meu encontro feminino, lá em Portugal onde eu morei fiz até o sétimo, sempre buscando as meninas de outros grupos. Pronto, assim! Mas aqui em Brasília eu comecei agora com o segundo, porque minha escola as meninas já tinha feito o primeiro, então entrei já pegando a onda andando, o segundo. Mas sim em si, só a movimentação assim específica, vamos fazer, vamos acontecer, só nesses encontros mesmo, nada particular assim, nem um movimento.</p>

## Resposta 10

Entrevistada	Já teve algum benefício por conta da capoeira?
Entrevistada 1	<p>Bom, o benefício que eu tenho, pra minha saúde, físico meu condicionamento físico melhorou bastante é... Coordenação motora melhorou muito, minha autoestima melhorou bastante depois da capoeira e hoje em dia eu não me vejo mais sem praticar a capoeira.</p>
Entrevistada 2	<p>Sim, claro. Assim, é... Fisicamente, melhora o condicionamento a auto estima, igual ela falou, isso não pode deixar de ser dito, é... Faz a gente ter um pouco mais de consciência, em relação à vida, em relação ao... A... O processo de resistência que a capoeira sofreu com passar dos anos e... Eu acho que tem um papel social muito importante.</p>
Entrevistada 3	<p>Muitos, inúmeros. Acho que a questão da auto estima, eu sou extremamente tímida, até fala me ajuda muito porque eu já fui gaga quando era adolescente, sofri muito trauma, preconceito, essas coisas, então assim, até porque esses temas né eles se</p>

	<p>manifestavam de verdade, então. A capoeira me ajudou a superar muitas das minhas fragilidades, me ajuda até hoje, e sempre que eu tenho alguma dificuldade ou alguma coisa que eu penso que as coisas as vezes vão dar tudo errado, eu paro penso, lembro de uma roda de capoeira, as vezes, de uma música e fico refletindo assim, de como acontece o jogo, uma hora a gente ta melhor, outra hora a gente ta pior, uma hora a gente cai, mas quando a gente cai a gente precisa levantar e levantar com um sorriso no rosto. A capoeira é como se fosse, assim, eu não sei nem se posso dizer isso, mas acho que a capoeira é até uma forma de terapia. Ela trabalha muito essa questão da auto estima, ela trabalha o corpo, a consciência corporal, você conhecer o seu corpo saber dos seus limites, das suas angustias corporais, enfim, acho que é bom para a alma, faz bem para a alma.</p>
Entrevistada 4	<p>Sim. Eu comecei a capoeira com 13 anos... não, quase 15. Com 14 para 15 e a minha transformação tanto física quanto amadurecimento, eu era muito tímida, hoje em dia eu comando uma roda, eu consigo falar em público, então, infinitos benefícios assim, tanto corporais quanto amadurecimento mental. É tudo na minha vida. Eu sou quem eu sou hoje por conta da capoeira.</p>
Entrevistada 5	<p>Quando você fala benefício, você fala propriamente dito o que? <b>Tudo.</b> Porque a partir do momento que você entrou na capoeira você já tem um benefício. Olha a situação da velhinha, 51 anos, olha a aparência, então ai eu já ganhei. Porque o condicionamento físico é bom, porque a capoeira me deu uma... cara, assim uma... uma rasteirona, sabe? Porque na realidade eu não entrei na capoeira por que eu gostava, eu entrei por modismo. Porque minhas amigas do grupo faziam, então logo ai depois eu fui me amarrando nesse negócio de capoeira, fui me amarrando me integrando e se envolvendo cada vez mais e hoje estou ai. E a capoeira só tem benefício. Eu não bebo, não fumo. Estou no mundo da capoeira esse tempo todo eu não fui para o mundo da droga, eu sempre fiz um trabalho social, pra tirar o pessoal do mundo das drogas. Lá a gente em Portugal trabalhava muito com a parte social, a reinserção social sabe? Pra tirar o jovem daquele caminho árduo que é o das drogas e trazer para o nosso mundo que é um mundo saudável. Capoeira 100% saudável pra mim, então eu não mexo com nenhum tipo de droga, eu não tenho preconceito com nada, eu sou uma pessoa muito aberta assim, sabe? Eu acho que você escolheu a sua vida, daqui pra cá eu tenho que respeitar. A capoeira dá amplitude de visão das pessoas, abrem a cabeça das pessoas só ai você já tem muito a ganhar. Porque se você está com condicionamento legal, ta praticando... a prática já exige de você, mesmo que você beba ou fume que isso é particular de cada um, mas que você está no mundo da capoeira e tem aquele tempo, duas ou três dias na semana pra se moldar, pra tirar aquela toxina toda que ta com você, que já é muito bacana, tranquilo.</p>

## Resposta 11

Entrevistada	Você vê a roda de capoeira como um espaço de luta, em especial para as mulheres?
Entrevistada 1	Como um espaço de luta, bom a capoeira ela é uma arte, ela é uma luta nós fazemos jogos mas ela é eficiente como luta e eu acho que no sentido mais figurado vamos dizer da palavra é o espaço de luta onde a gente mostra realmente que a gente é capaz, que a gente pode, que a gente consegue se sobressair mesmo sendo mulher.
Entrevistada 2	Sim.
Entrevistada 3	Claro, acho que a roda de capoeira, é o espaço mais específico da luta, das mulheres, porque na roda que a gente tem que cada vez mais, meio que provar que a gente é capaz, que a gente a gente pode, que a gente está ali pra dividir aquele espaço. Não estou querendo o espaço só para mim não, to querendo dividir. Porque a gente precisa provar que a gente toca, a gente precisa provar que a gente joga, a gente precisa provar que a gente sabe falar, a gente precisa provar que a gente sabe portar como uma verdadeira capoeirista. E dizer para as pessoas que eu jogo bem, mas não é porque eu jogo que nem homem não, eu jogo bem porque eu jogo que nem mulher, porque sou mulher. Então eu acho que é o espaço central da luta.
Entrevistada 4	Sim. Em todos os sentidos né? Que a gente pensa em luta tem a questão da arte marcial e tem a luta mesmo do contexto social em si. Que é uma luta. Tem espaço para todo mundo a capoeira ela é muito versátil né? Ela é multifacetada, e existe esse aspecto luta normal a gente treina técnica, a gente treina banda, a gente treina martelo, a gente treina queda e isso é utilizado nós somos capoeiristas, lutadoras e existe sim essa parte de luta.
Entrevistada 5	Não. O meu tipo de capoeira, não é a capoeira violenta. Eu não gosto, não adaptei isso pra mim. Embora, quando eu era jovem aqui em Brasília, eu participei dos campeonatos, das grandes rodas. Todo mundo tem essa fase, de campeonato, querer entrar, bater. Só que, entretanto, quando você começa a trabalhar com jovens, com deficientes e quando você está em busca da sua maestria, eu to em busca da minha maestria (mestria), eu sou uma mera corda vermelha eu sou novinha de corda vermelha, então você começa mudar o conceito, você começa mudar a sua visão de ver aquilo. Eu não vejo a capoeira assim, aquela luta, aquela

	luta que tenha que ser... Embora seja que tenha que ser violenta. Não, porque você trabalhar o seu... se você trabalhar a sua técnica? Você não precisa bater você não precisa machucar, a técnica já diz tudo. Porque para quem sabe ler, um ponto é uma letra. Então eu não preciso dizer mais nada né?
--	---

## Resposta 12

<b>Entrevistada</b>	<b>Você acredita que as mulheres sofrem mais preconceitos ou discriminação na capoeira que os homens?</b>
Entrevistada 1	É, assim, como as mulheres realmente são um número menor na capoeira, realmente a gente é considerada uma minoria, mas não vejo como preconceito. Eu acho assim, roda de capoeira, quando uma mulher está numa roda de capoeira a roda é diferente.
Entrevistada 2	As vezes, eu acho que elas acabam sofrendo preconceito assim por, é...pelo fato de ser um ambiente ainda masculino, né, que é um ambiente mais freqüentado por homens as vezes as mulheres elas se acanham, não faz é... Acabam não desempenhando o papel como deveria, assim por um receio, por uma timidez e... Mas é um lugar que ela tem um papel tão importante quanto o homem não menor.
Entrevistada 3	Com certeza. Com toda certeza elas sofrem mais. Nós sofremos mais preconceito e discriminação que os homens. Até porque assim, a nossa sociedade é uma sociedade machista. E o ambiente da capoeira ainda é um ambiente muito masculinizado e por isso muito machista. Como eu te disse assim, são pouquíssimos homens que eu consigo conversar e reconhecer esse olhar sensível, e esse olhar sensível nesse sentido de reconhecer as mulheres como integrantes, como capoeiristas, porque muitos homens que vêem as mulheres não como capoeiristas ela ta ai sei lá só para arrumar namorado, ela ta ai só para fazer uma gracinha, pra enfeitar a roda. E não é. Eu não estou nesse espaço pra isso. Apesar de eu ter conhecido meu marido na capoeira, mas não era pra isso assim, não era esse o objetivo.
Entrevistada 4	Olha eu acho que essa questão já foi mais. Antigamente a participação da mulher na roda de capoeira era muito restrita até que antigamente as mulheres não podiam nem usar calças, imagine jogar capoeira. E as coisas vêm desenvolvendo de uma forma bem legal, e hoje a galera já está com a mente muito aberta, já está reduzindo bastante essa questão do preconceito. E com a nossa mudança também, de mente e de buscar e fazer, de pegar um instrumento as pessoas olha ó, começa a ver a gente como capoeirista e não por mulher, por ser mulher.
Entrevistada 5	Há! Isso com certeza. Isso eu acho que hó, na minha concepção,



	<p>eu acho que tudo bem que já tá cara! A gente já tá andando, as coisas já tá encaminhada, já tá meio caminho andado. Mas, sempre terá. Uma pequena barreirinha, acho que sempre. Porque o homem é muito machista, né? Tipo assim, tem um casal né? O casal é casado, tem lá um filhinho, aí o filho adocece, dia de treino que é que fica? A mulher. E porque o homem não pode ficar? Se a gente tá lutando por um todo então já tá dentro de casa. Eu só tô dando um exemplo bem de perto. Nada muito longe, nada que você não veja. Então, aí pra mim já é uma discriminação. E a gente vai sofrer sempre, embora, a mulher tá no mundo do profissionalismo, a mulher está aparecendo em todas as etapas, não só na capoeira, como profissionalismo, como eu falo num todo. Mas a mulher é nova no mundo do trabalho; a mulher é nova nessa busca da aceitação, nessa busca da imposição, entendeu? Eu nem digo tanto na capoeira como se impor, não. Não precisa se impor não. Porque todo mundo tá vendo quem você é ali dentro, suas atitudes, seu gesto já diz quem você é. Então, é minha maneira particular de ver as coisas, sabe?</p>
--	---

### Resposta 13

Entrevistada	Quem é a mulher em que você se espelha?
Entrevistada 1	A mulher na qual eu me espelho, bom, eu tenho algumas que eu sou muito fã, e tem uma do meu grupo que é a nossa contra-mestre zanga, que pra mim é uma das capoeiras mais bonita que tem e eu me espelho muito nela.
Entrevistada 2	Olha tem uma, a contra-mestre Zanga, ela é excelente, ela é incrível, acredito que todas as mulheres daqui provavelmente vão citá-la, mas... é ela do meu grupo.
Entrevistada 3	A mulher que eu sempre me espelhei assim foi minha mãe. Minha mãe foi uma mulher negra, que ela já morreu. Era uma mulher negra muito determinada, muito decidida, e que pra ela não tinha tempo ruim, o mundo podia está desabando, que o sorriso estava sempre no rosto dela, a disposição, aquele olhar sereno, sábio, sempre pensava antes de falar. Eu lembro até hoje da expressão, das expressões que ela tinha, sabe? As vezes, sempre quando eu estou com alguma preocupação ou com alguma coisa assim, eu lembro dela, penso nela, eu penso em como ela faria para resolver determinada situação como ela lidaria com determinada situação. Então ela pra mim vai ser meu espelho sempre, ela para mim é sinônimo de sabedoria, de lealdade de cumplicidade de serenidade, então ela é a mulher ao qual eu me espelho todos os dias.
Entrevistada 4	Nossa tem muitas mulheres assim, Ha nós temos referências históricas, Dandara, Nzinga, são mulheres que fizeram a diferença e acho que tão fazendo até hoje porque a gente chega, enfrenta as dificuldades, e não pera aí, escuta a história, pô! Ela liderou exércitos, ela conduziu batalhas, porque que eu não né? Se elas tiveram essa força a gente pede uma ajudinha e vamos lá.

Entrevistada 5	Pra te falar a verdade eu sou do tempo de poucas mestras de capoeira. Acima de mim tem poucas mestras mais antigas. A minha primeira mestra que eu encontrei foi a mestra Silvia de Londres, entretanto, naquela altura eu estava fazendo o encontro feminino em Portugal e eu a convidei para ser minha oradora do meu evento, quando eu vi eu tremi na base, nunca tinha encontrado uma mestra na capoeira, então eu não posso dizer assim que ela é meu espelho, mas ela me fez acreditar mais, acreditar que a gente pode estar aqui onde a gente estar. Assim, sabe? Eu acho que ela é uma grande mestra. E so vi coisas boas nela, então talvez seja ela, talvez seja ela. Mas tem uma outra a mestra mais antiga de Brasília, a capoeira mais antiga de Brasília foi a Edna, que hoje ela está no grupo Abadá, mas ela não começou no grupo Abadá, ela começou aqui em Brasília, salve eu aluna do mestre Barbosa, entendeu? Ela é a mais antiga daqui de Brasília e ela naquela altura também a gente... eu nunca encontrei ela em Brasília, nunca com a mestra Edna atualmente, nunca encontre, mas todo mundo falava que ela era uma, desculpa a expressão, um capoeirão, na altura um puta capoeirão, um capoeirão. E, eu não tive o prazer de encontrar ela aqui, mas isso também me fazia treina porque tinha alguém acima de mim, entendeu? E sempre é legal quando tenha alguém acima de você. Você não se espelha, mas você quer se igualar, quer chegar, você quer chegar naquele topo ali, entendeu? E isso é bacana.
----------------	---

#### Resposta 14

Entrevistada	Há alguma capoeirista mulher que você tem como ícone?
Entrevistada 1	Como ícone não. Têm várias que eu sou muito fã, mas nenhuma assim, não idolatro assim nenhuma.
Entrevistada 2	Gegê pogê, uma angoleira.
Entrevistada 3	Têm algumas. A mestra Janja é uma delas. É uma pessoa que eu admiro muito, muitíssimo. Não só pela mulher que ela é, mas pela capoeirista, pela estudiosa, porque é uma pessoa que batalha muito é uma pessoa guerreira, é uma pessoa que fala as coisas com vontade. Ela tem uma verdade na fala dela porque ela fala com propriedade aquilo. Todas as vezes que a ouvi falar, que eu tive a oportunidade de estar próximo a ela e a ouvir falar eu sentia essa verdade porque ela fala associando o coração com a razão ela consegue fazer essa associação. E ai eu sinto muita verdade nas coisas que ela fala. Mestra Janja que é capoeirista. A própria Denise Botelho, que é também capoeirista, ela ta um pouco parada, mas por problemas de saúde, joelho e tudo, mas é uma pessoa na qual eu me espelho muito e tem também a contra-mestra Sabrina, que é do grupo que eu participo Beribazu. Que é uma pessoa também que eu considero uma pessoa bastante sábia no universo da capoeira, uma mulher muito batalhadora, que vence muitos desafios, que mata um leão por dia pra poder ta no

	lugar que ela ta e se afirmar e afirmar o valor das mulheres na capoeira.
Entrevistada 4	Existem várias mulheres ai no cenário da capoeira. tem a Mestre Mara, tem uma galera ai fora, aqui em Brasília tem amigas também a Rose que é até do grupo das meninas da Beribazu também que é uma pessoa que sempre me incentivou muito. Tem várias referências legais ai.
Entrevistada 5	Não. Eu sou muito na minha. Eu acho que... é tipo assim, eu sou o que eu sou e não quero ser mais do que aquilo que eu sou. Então, eu gosto da minha personalidade, gosto da minha maneira e eu sou isso. Se você.... se a gente ta aqui no mundo da capoeira é quase que de igual pra igual, por exemplo, eu não tenho que me impor porque eu sou uma corda vermelha. Porque o mundo ta ai e eu sou. Então, pra ser uma mestra, eu estou a procura da minha mestria (maestria). Mas eu não gosto muito de estrelismo. Eu acho que a simplicidade, a humildade das pessoas conta muito, sabe? E ai, eu sou isso aqui que você esta vendo. Simples, eu não gosto de aparecer, fico com vergonha quando o pessoal me chama: "haaa a Mestre!". Não! Fico até vergonhosa assim um pouco, sou um bocado tímida talvez, é isso.

### Resposta 15

Entrevistada	Há algo que você gostaria de relatar que eu não te perguntei?
Entrevistada 1	Não quis acrescentar nada.
Entrevistada 2	Só um recado para as mulheres, que não se sintam acanhadas que o espaço está aberto que elas podem sim desempenhar todos os papéis que os homens estão desempenhando é... Tocando bem, jogando bem, treinando bem e ser feliz ai na capoeira.
Entrevistada 3	Eu só queria deixar isso registrado assim, que essa reflexão sobre a presença o papel das mulheres na capoeira, ela não pode ser uma reflexão só feminina, ela precisa ser uma reflexão masculina também, porque os homens também precisam fazer parte dessa reflexão, eles também precisam entender que esse espaço também são das mulheres e que assim, claro que a gente vai pro embate eu não tenho medo de ir pro embate não, se precisar ir pro embate a gente vai 30, 40 vezes não tem problema. Mas eu acho o seguinte, porque as vezes a gente vai pro embate e falando sempre as mesmas coisas com as mesmas pessoas. Porque as vezes algumas pessoas se recusam sequer a parar pra pensar, entender isso. Então, so queira deixar isso, nós mulheres precisamos nos apropriar não so desse discurso mais dessa prática e empoderamento, acho que esse é um espaço nosso, mas os homens também precisam estar sensível a esse olhar, os homens precisam sensibilizar, porque os homens também dão aula pra mulheres, os homens também convivem com mulheres, os homens também tem mulheres as vezes em casa, no ambiente de trabalho ou em outros ambientes. Então assim, se os homens

	<p>se sensibilizam, refletem sobre essas questões a gente consegue ter um resultado melhor e talvez assim a gente consiga ter menos violência, porque o problema que eu vejo disso tudo é a violência que gera, talvez se não gerasse violência não sei, mas gera muita violência e cada vez mais as mulheres é que sofrem com essa violência não são os homens e assim, pedir encarecidamente que as mulheres também que são mães que eduquem os seus filhos homens porque se os homens são assim é porque eles foram educados dessa forma, então essa responsabilidade também é nossa. Então assim, mulheres que são mães procurem educar seus filhos homens e mulheres pra essa cultura da paz, do respeito ao outro a outra, do saber lidar com as mulheres, saber lidar com a menina desde a infância, porque eu acho que isso é importante, isso é uma coisa que a gente precisa aprender na infância.</p>
Entrevistada 4	<p>Me vem um gancho aqui que é inclusive nessa página aqui do Capoeira Magia Grande, no dia das mulheres do ano passado eu fiz uma publicação assim. 5 sintomas de preconceito contra a mulher na capoeira não sei se eu vou lembrar os 5. Mas normalmente quando entra um homem e uma mulher na roda, a pessoa ela vai comprar ela tira a mulher pra jogar com o homem. Questão da instrumentação, as vezes você pede para cantar, que tem a formação, estrutura da roda e a bateria que são os instrumentos, e ai você pede pra cantar e a pessoa ai chega um homem e pede ai ele passa para o outro homem. Hoje aqui em Brasília já não acontece tanto porque as pessoas já me conhece e tal, mais isso existe também. Outra coisa, a capoeira se dá em roda como eu acabei de dizer, e as vezes as pessoas estão jogando quando sai ficam na frente da mulher, tem aquele bando de bombadão assim, ninguém fica na frente do bombadão não né? Fica na frente da mulher pequenininha ali. essa questão que você perguntou do jogo, até lá na pagina se você quiser acessar tem uma discussão a respeito disso. Homens falando: ah! Eu não gosto de jogar mesmo. Acho que vai até ser interessante você ter uma visão de outras pessoas e eu até converso com ele e a questão ele: ah, eu não vou jogar porque eu não gosto de jogar porque é diferente e tal, eu falei não se você, por exemplo, eu no caso do meu grupo sou eu e o professor promessa, nós temos a mesma graduação, o porte físico dele da 5 do meu, mas no jogo a gente joga de igual para igual. A gente treina a mesma banda, a mesma rasteira. Lógico que eu não vou disputar um chute...se ele me der um chute... se eu der um chute na costela dele vai machucar, mas se ele der na minha vai fraturar, mas isso não impede, a questão do respeito, o jogo, a banda, a rasteira, um martelo a gente joga de igual para igual, jogando a capoeira em si, que a capoeira é uma luta de perguntas e respostas e tal, então é saber lidar com isso, e o último eu esqueci, mas você vai acessar lá e está lá.</p>
Entrevistada 5	<p>É muito difícil no mundo da capoeira. não é fácil conciliar o lado profissional, o lado mãe, o lado capoeira e o lado diversão. Porque a gente também procura a diversão ta dentro da capoeira que é o</p>

nosso profissionalismo, também, mas, é muito difícil, para a mulher fazer isso tudo. Eu sou pai e mãe, profissional da capoeira, faço minha faculdade, e ainda tenho que fazer a parte de lazer com a minha filha, fazer outras coisas que estejam fora do contexto da capoeira. E aí é difícil! Essa busca é muito difícil. Eu to lotando, eu já to com 51 e fui mãe aos 34, então sempre tive medo de fraquejar, e fico agarrando com unhas e dentes mostrando pra minha filha tentando fazer da minha filha uma moça com personalidade, uma pessoa para a sociedade, com personalidade, inteligente que é difícil ta (super) tudo muito difícil. Eu quando deixei o Brasil, eu deixei pra fazer minha faculdade la fora, não consegui. Porque quando eu tinha dinheiro, eu não tinha tempo; e quando eu tinha tempo eu não tinha dinheiro. Então, foi muito difícil conciliar, tanto é que eu só fui mãe aos 34. Foi quando eu falei não acho... pronta ninguém nunca ta, né? Mas ai eu optei, por naquele ano eu perdi minha mãe. Foi uma altura muito difícil da minha vida, outra barreira. Perder minha mãe, 5 pessoas no mesmo acidente, sabe? Foi uma luta árdua de lá pra cá. Tentando fazer a minha filha crescer com dignidade. Então não é fácil. O que eu deixo aqui para as pessoas é que, ser mulher na capoeira não é simples. Ser mulher na capoeira a gente tem que ta em busca de “ns” coisas, sabe? As vezes quando a mulher se casa, o marido, primeira coisa, pede para se afastar do mundo da capoeira, porquê? Porque está em contato com vários homens, sabe? Mas não é porque eu estou em contato com aqueles vários homens; os homens, os maridos têm que entender que eu estou me dando para aquele meu colega de trabalho, não, ali nós somos contemporâneos. Eu estou em contato contigo, mas é um contato de treinamento, nada mais além daquilo por que nós mulher nós temos que saber nos impor é nessa altura. Ai eu tenho um lema no meu evento que é: “a postura feminina no mundo capoeirista” porque eu tenho que da o meu respeito se eu quero que você me respeite, dentro do mundo da capoeira, no jogo, no contato físico, nós temos contato físico, o treino tem contato físico, a gente tem que se pegar e tal. Então, mas se eu tiver a minha postura pronta, eu não vou ter problema algum de me relacionar com nenhum colega de treinamento. Acho que ta ai sabe? Acho que é muito por ai. A mulher tem que se desembaba tem que fazer aparecer. Temos que mostrar ao mundo masculino que nós também conseguimos... hó o evento feminino. Nós podemos, nós conseguimos, porque nós somos competentes.

**ANEXO 1: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**